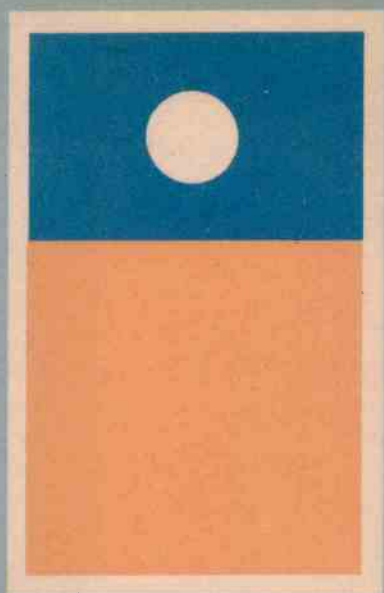
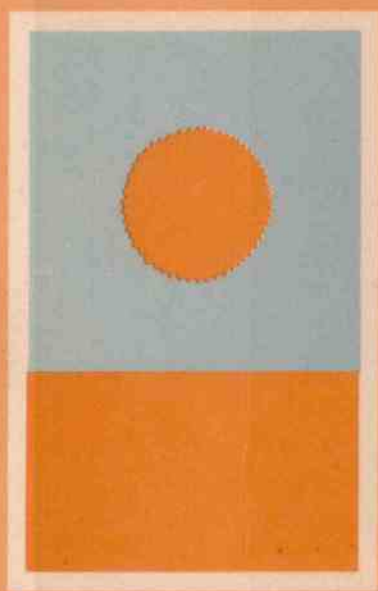


PRAIA FORMOSA



prosaica, antiga

prosa & cantiga



LUCIANO
MAIA

Revisitar o passado não se faz inocentemente. Escreveu Umberto Eco que “a resposta pós-moderna ao moderno, já que este não pode ser destruído porque a sua destruição leva ao silêncio, deve ser a sua revisitação: com ironia, de maneira não inocente.” Essa re-leitura do passado é feita com talento por Luciano Maia, na medida em que o seu compromisso é com o “homem novo, arauto do amanhã.”

*Carlos d’Alge
(O Território
da Palavra, p. 162)*

Luciano Maia demonstra um expressivo poder verbal que já o situa, embora ainda muito jovem, entre os bons poetas do nosso tempo.

*Almeida Fischer
(Do Áspero Ofício, p. 112)*

Luciano Maia é marcado pelo versejar da rima fluente, da palavra enaltecida de vivências, arremessando-se para o homem em lirismo, apesar da insanidade destes tempos.

*Rogaciano Leite Filho
(posfácio de Sol de Espavento)*



Pois é essa "realidade real das coisas" que Luciano Maia nos transmite através de sua poesia. Poesia de vastas modulações rítmicas, em que o ritmo não decorre absolutamente da cadência mecanicista do verso metrificado. O ritmo de sua poesia é de ordem interior e se manifesta por ação exclusiva dos impulsos afetivos do poeta, dentro do princípio de "que toda emoção tende a criar um ritmo."

*Francisco Carvalho
(Exercícios
de Literatura, p. 77)*

Este seu novo livro (Jaguaribe - Memória das Águas) deve ser recebido, pois, como um passo à frente numa carreira destinada não só a contribuir para a "poética nordestina" (como pleiteia seu editor), mas a vãos de maior amplitude.

*Domingos Carvalho da Silva
(Jornal do Brasil, 19.03.83)*



Do Nilton Maciel, com o
seu desenho de



PRAIA
FORMOSA
prosaica, antiga

APOIO:



**FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO
DE FORTALEZA**

LUCIANO MAIA

PRAIA
FORMOSA
prosa & cantiga

1992

Copyright © CEART - Fundação Cearense de Arte e Cultura

Direitos reservados ao Autor
LUCIANO NUNES MAIA
Rua Emanuel, 64 - Papicu
Tel.: (085) 234.6934 - Fortaleza-Ceará

Capa: Ana Maria Jereissati Maia

Fotos: Arquivo Nirez

Impresso no Brasil

EXPRESSÃO Gráfica e Editora Ltda.
Rua Costa Barros, 1511 - Aldeota - Fortaleza-Ceará

FICHA CATALOGRÁFICA

M217p Maia, Luciano (1949-

Praia formosa: prosaicantiga/Luciano Maia - Fortaleza:
Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

168 p.

1. Poesia Brasileira.
2. Prosa Brasileira.

I. Título.

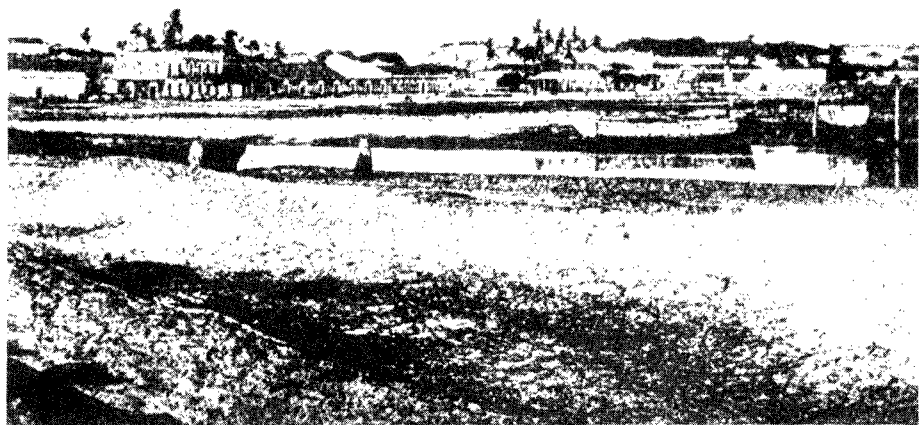


Fig. 40. -- Fortaleza, Vista da cidade baixa.



(EPÍGRAFES)

Yo recuerdo que el día en que la luciérnaga
se puso su anillo de barcos perdidos,
el tiempo bajó a mirarte hasta las cosas mudas.

Manoel Scorza

Avec un vent plus fort,
Une lampe moins obscure,
Nous devons trouver la halte
Où la nuit dira "Passez";
Et nous saurons que c'est vrai
Quand le verre s'éteindra.

René Char

No outro lado da cidade,
Não sei o que, foi o vento,
o vento me dispersou.

Mário de Andrade

La deja el rubio y el azul la toma,
pez hembra entre los peces:
submarina de cuando en cuando toda,
resulta hermosa siempre.

Miguel Hernández

A chuva é uma canção
de frias harpas de água.
Esta noite negros cavalos
galoparão rumbo do mar.

Francisco Carvalho

E co jeu vus contemplei
El firmament,
Sai jeu pertge ins viva
Mo in mument!

Alfons Eduard Tuor

Taceva il tutto; ed ella era di pietra.

G. Leopardi

Per amunt la brancada pura
i en els ulls el món oblidant-se
i en els teus braços l'esperança;
l'aigua corre i el temps s'atura.

Carles Riba

Y hay un olor a sal
y a sangre de hembra,
en los nardos febriles
de la marina.

F. García Lorca

Dai-me de novo o mapa e o compasso
há sempre outra distância outra lonjura.

Manuel Alegre

El día entra en la noche. No se ha ido.

Jorge L. Borges

AOS SUBÚRBIOS DO MUNDO

A mim me ocorre muitas vezes deter-me em lembranças de momentos circunstancialmente ligados a uma mera passagem por bairros e subúrbios da nossa ou de outras cidades, o que me leva a considerar, nessas lembranças, esses bairros, ou essas cidades, tão familiares quanto os que habitamos atualmente ou temos habitado ao longo de nossa vida.

Um bairro periférico, com suas ruas estreitas, pavimentadas com pedras toscas, suas calçadas cheias de gente, com cadeiras postas para a conversa após o jantar; a correria da meninada e a estridência dos seus gritos alegres; a bodega da esquina com o seu cheiro de alho e aguardente. . . mas principalmente as luzes tímidas da iluminação pública, tombando dos postes esguios. . . e os namoros que começam nesse universo de naturalidade me oferecem momentos eternos de lúdica e emocionada alegria, de um prazer, a um tempo estético e de intimidade, que torna todos os subúrbios do mundo iguais, em sua terna ou atribulada convivência.

Certa vez, ao descer de carro a duna que separa a Praia do Mucuripe do bairro do Papicu (ou Vicente Pinzón), avistei a nossa cidade, naquele seu subúrbio pobre, vestida de luzes recém-acendidas para a noite e me ocorreu exatamente a sensação a que me referia antes. E pensei: nenhuma diferença faria se aquelas luminescências suburbanas fossem de Lisboa, San Francisco, Montevideu ou Bucareste: a emoção que as luzes dos subúrbios nos oferece, com sua dádiva de noite aconchegante é a mesma em qualquer cidade. Aí a turbulência, evidente ou plasmada numa violência latente, cede a uma sensação de música e contemplação.

Este livro é uma homenagem a todos os subúrbios do mundo, e em especial àqueles onde habita a gente brasileira, que acredita na alegria e dela gosta mais que qualquer outra gente. Homenageio aqui a nossa Praia Formosa, poema que não se perdeu (de todo) no passado desta cidade e que faz reverberar alhures, na melodia marinha, as cantigas de ontem, à lua de sempre, canções de (a)mar.

PRAIA FORMOSA,
PROSAICA, ANTIGA.
PÁTRIA DA ROSA,
PERENE AMIGA.

PRAIA FORMOSA,
PORTO QUE ABRIGA
PAZ BELICOSA,
PAGÁ, MENDIGA.

PRAIA FORMOSA:
PARA QUE EU SIGA
PALAVRA E GLOSA,
PROSA E CANTIGA.

LAMENTO DE PRAIA FORMOSA

Meus olhos já não contemplam
o teu mar, Praia Formosa,
a não ser ajoelhado
diante dos atropelos
de pedras e de sufoco.

O teu mar, Praia Formosa,
já se esqueceu dos suspiros
da lua de antes, chegando
junto ao rumor das espumas?

Esquinas da noite imensa,
cânticos de despedidas,
janelas atlantizadas
ao clarão do mar profundo.

São vozes, Praia Formosa,
de velhas casas deixadas
junto ao mar que havia outrora.
Ah, teu mar, Praia Formosa!

Mar de luzes e distâncias,
apaixonados silêncios!
Ah, cidade que se foi
contigo, Praia Formosa!

Quem canta o teu abandono,
o teu esplendor, quem chora?
Quem caminha no teu sono
de adeuses, Praia Formosa?

Quem era a donzela linda
que se encantou com o luar
e beijou o teu feitiço
no leito de areia-mar?

Praia Formosa! o teu canto
perdeu-se em dor e penar?
Desde as calçadas de ontem,
ninguém mais vê o teu mar.

Quem visita o teu luar
com passos lentos e ardor
de namorado atrevido
revelando o seu amor?

Ninguém. . . nem mesmo este canto
vem despedir-se de ti.
Geme o teu mar, de joelhos
diante do que se foi.

Quem pode ainda cantar
o teu mar, Praia Formosa,
quem ousa denunciar
a dor que te impõem agora?

Não haverá mais luar
sobre os casais que eram teus?
Praia Formosa! quem há
de vir dizer-te um adeus?

ROSA E O PESCADOR

Um cão ladra na manhã
prelhada de cheiro a mar.
A luz da aurora louçã
começa a se calentar.

Peixes colhidos, içados
num pau são postos ao ombro
do pescador, de olhos dados
à distância e ao desassombro.

As areias alvejadas
daquela Praia Formosa
se contentam de pisadas
pelos pezinhos de Rosa.

Seus seios saem ao sal
da maresia em janeiro;
se agitam como um casal
de pombas pelo terreiro.

Rosa tem seu nome à boca,
o nome do pescador.
Se inunda duma onda louca
no mar inquieto do amor.

Ele presente a paixão
tomar o corpo da fêmea.
Também transido, João
suspira pela alma gêmea.

Do pescador no pregão
se enleia a Praia Formosa,
cantiga feita de João
para os ouvidos de Rosa.

VENTO

(Para Caetano Ximenes Aragão)

Em fins de julho, o vento mordeu as janelas de casa. Voltou por muitas vezes do incerto lugar em que se exila dos mortais, reabastecido de velocidade e fúria e golpeou os quadros na varanda.

O vento trouxe um gemido essencial, recordando as ditações originais de vida e morte, da equilibrada energia libertada entre as árvores e os rios, as montanhas e as nuvens eternas, sempre de passagem.

TRAVESSIA

Elias Campos, o conhecido autor de uns versos nostálgicos que Helena Faraj, ou Faradi, recebeu naquela noite em que se encontraram na luarada que se promoveu próximo às dunas da Rua da Praia, estava agora a pensar na alongada singradura sobre aqueles olhos-oceano:

“Vejo as velas que vão
mar adentro a buscar
a sonhada ilusão
dos segredos do mar.

Velas rijas, quais gumes
se apressando a cortar
a mudez dos cardumes
que vagueiam no mar.

E frementes, ou calmas,
sob o insone luar,
singram as nossas almas
outros tempos de mar...”

SONETO DO NAUTA QUE NAVEGA EM COMPANHIA DA LUA, CARENTE DE BELA NAMORADA

Cinco luas passaram nas alturas
do céu da Fortaleza de Assunção:
cinco noites, no entanto, mais escuras
que as noites de mistério e assombração.

Cinco noites de mar, de singraduras
pelas águas revoltas da paixão.
Noites de inumeráveis conjecturas
carecendo de *sim*, sobrando em *não*.

Luar marinho, desmedida lua
instigante, notívaga boêmia,
andarilha, cigana, caprichosa!

Faz-me vê-la em seuleito, bela e nua,
revela-me os mistérios dessa fêmea
naquelas noites da Praia Formosa!

RESPONDE O PESCADOR ÀS PERGUNTAS DA PRAIA

A PRAIA

- Quem traz aquele velame
em tarde morna de dor?

O PESCADOR

- Vá ao botequim e clame
por aguardente, é favor!

Quero beber a saudade
que afoga a Praia Formosa!

Sou eu quem o mar invade
das cores do olhar de Rosa.

Sou eu quem navega a dor
das tardes de maresia.

Quem mergulha num torpor
de tormenta e calma.

Vejo o seu vulto cinzento
na orla do coqueiral,
expulsando a cor do vento
pro mar, em meio ao terral.

A PRAIA

- Quem te ordenou a viagem
pelo mar verde e medonho?

Foi loucura, foi miragem?
Ilusão, amor ou sonho?

O PESCADOR

- Foi a sorte, a minha sorte,
girando sem descansar,
que me arremessou ao norte
desses limites de mar.

Foi Dona Fatalidade,
(minha mãe, mulher sem casta)
que me deu a essa cidade
desamorosa madrasta.

Não será Deus, da distância,
também culpado de que eu
viva sentindo essa ânsia
de morrer, quem não viveu?

SERENATA DA PRAIA

Lua de agosto sobre a Praia Formosa,
alvejando a calçada silenciosa.

Quando o violão rompe
a taciturna madrugada:

*“Acorda, minha bela namorada,
a lua nos convida a passear. . .”*

A Praia Formosa
faz-se ainda mais bela:
por onde dorme a donzela
tão linda e dengosa?

Que paredes escondem
seu corpo bonito?
(acarício seu nome
num fundo suspiro).

Ó minha querida,
escuta o violão
que toca e se agita
no meu coração!

OUTRA SERENATA

Cordas sonoras, cantem do meu canto,
a tristeza do dó que existe em mim!
Despertem seu desejo, que eu levanto
a canção perfumada de jasmim!

E por ser de paixão e por ser tanto
o ardor do canto, a seu regaço vim
trazer-lhe o meu apelo, que no entanto
se tornará saudade, dor, enfim.

Brilha a lua no azul do céu-de-agosto,
louça prateada, delirante rosa,
dama da noite - que sereno rosto! . . .

Mas a canção se perde, sinuosa,
rumo às esquinas turvas do desgosto.
- Vou beber a paixão, Praia Formosa!

ROSA E A PAIXÃO DESUNIDA

Duas conchas descansam na areia,
duas ondas se abraçam no mar.
Duas gotas de orvalho clareiam
duas flores do quieto pomar.

Dois caminhos encontro se fazem,
dois destinos se tornam um par.
Duas mãos entre si se comprazem,
dois afetos que estão a se dar.

Duas luzes se acendem no pátio,
têm ambas um só clarear.
Duas ruas se cruzam no bairro,
dois desejos as vão encontrar.

Mas não se unem os olhos de Rosa
aos meus olhos, num único olhar. . .
E por isto, ó Praia Formosa!
Não encontro o amor a quem dar.

JULINHA

Subindo a Rua Baixa e atravessando a Rua do Córrego, o menino Gustavo se deteve em mergulhos no reservatório do Pajeú, aquele açudezinho que foi inaugurado em 1845, o primeiro açude público do Ceará.

A água, transparente e fria, jorrava sobre o pequeno sangradouro, onde as jias e os sapinhos faziam o seu bailado e a sua cantoria.

Bandos de canários-da-terra, de galos-campinas e de golinhas revezavam-se em ruidosa alegria, festejando a visita do sol por entre as frondes dos oitizeiros e das mangueiras.

Uma chuva repentina fez tremer a flor-da-água, tornando o banho mais delicioso ainda. Aquela chuvinha lembrou o menino Gustavo que era o dia 2 de outubro, aniversário da prima Julinha. É isso - pensou - vou aproveitar a lembrança que me trouxe a chuva-do-caju e presentear a Julinha com uma compota que só a tia Naná faz!

Era o ano de 1906. Até à casa da prima Julinha, o menino Gustavo, em seus dezessete anos, tinha um longo e saboroso trajeto a cavalo, atravessando os baixios verdes nas proximidades da Precabura.

A Fortaleza suspirava indolente nas ondas remansosas da Praia Formosa, nas frondes dos coqueirais do Porto das Jangadas. Alguém, de viola em punho, contemplando velhas mongubeiras e vetustos cajueiros, prateados pela lua de Iracema, se perdia em devaneios de amor. Julinha...

CANÇÃO LEMBRADA DO VENTO

Vens vindo nesta lembrança:
Bebo no vento do teu beijo,
Passarinho em canto alado,
Nas asas de um longo abraço
Distante, perto, tão cedo...

Teu beijo molhando o vento,
Nuvem de quase-neblina.
Voz de brisa, alento, alento,
Sopro macio da tarde.
Onde estás, aonde chegares,
Lua virá como um fogo
Acender teu corpo em mim.

Caminhos, curvas, estradas,
Suspiro lunar, desejo,
Trago tão longos, assim.
(Bebo no vento o teu beijo.)

INSISTE A PAIXÃO NA MADURIDADE

Fui amante da saudade,
com o consolo da lua.

Quando me encontrei na idade
em que a paixão se atenua,

Inda senti o desejo
de beber luz - a alma nua

Da mulher que sempre vejo
cruzando a singela rua -

Da minha Praia Formosa,
antes que o tempo conclua

De vez com o ciclo da rosa
que o meu coração cultua.

**UM MOÇO DE SÃO BERNARDO
DAS RUSSAS VEIO EM 1911 PARA A FORTALEZA.
DEPOIS DE CONHECER E AMAR
UMA CLARA MORENA PRAIANA,
RETORNOU AO RIO, ONDE SE FINOU AFOGADO.**

Pedras de espelho da lua,
lua espelhada na chuva
e a solidão da viúva
contemplando a erma rua.
Bem sabe que não é sua
a lamentação dos céus
mas se entretém nesses véus
entretécidos das águas
que caem por sobre as mágoas
dos crentes e dos incréus.

Pranto do céu de janeiro
sobre os dias da memória
que repassam-lhe a história
daquele imenso aguaceiro;
seu noivo, moço trigueiro,
há dois anos não tornado.
O Jaguaribe, danado,
bebeu e vomitou chuva,
deixando-a triste e viúva
e a nutrir-se de passado.

“AOS QUARENTA ANOS...”

Aos quarenta anos da minha idade,
apaixonadamente da latitude sul,
revisitei o quintal e o jardim.

Pés absortos no ingênuo capim,
respiração no cheiro do paul,
presenteei à minha alma comodidade.

Os caminhos do norte conhecidos,
os profundos azuis contemplei,
com o adjutório da poesia.

Já fui noite, dia-tarde-noite e de novo dia
e porisso do tempagora já provei
ingurgitando memórias dos tempos idos.

Quanto não pude ver do futuro,
tanto hoje vivo o rio da mocidade.
E do muito existir conjecturo,
aos quarenta anos da minha idade.

SCHOONENBORCH

A 150 metros, aproximadamente, erguem-se os bastiões do forte que de primeiro se chamou Schoonenborch, mandado construir pelo capitão holandês Matias Beck, em 1649. Depois de tomado pelos portugueses em 1654, passou a denominar-se Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção e somente em 1816 foi reestruturado, tendo sido as palçadas de madeira substituídas por uma pujante alvenaria.

O forte é o símbolo e o embrião desta cidade, tendo-lhe inclusive dado o nome.

Mateus contemplava, naquele dia chuvoso de 1899, as muralhas do velho forte. Conjecturou:

“Ó tempos de temores e emboscadas!
Pilhagens de flamengos e de lusos!
Esta Praia Formosa viu pegadas
de botas estrangeiras e confusos
falares escutou, frases ditadas
por bizarros senhores, por intrusos
capitães de outras terras e outros ares,
usurpadores dos nativos lares.”

Mateus, prototípico, místico, poeta-cantador e enamorado das luas-de-agosto, sabe perdoar e contempla embriagado de inspirações as paredes do forte, que de primeiro se chamou Schoonenborch, por obra do capitão Matias Beck, fundador desta vila tão formosa...

RONDA INTEMPORAL

Que nem a palma da mão
conheço a minha cidade,
da Rua da Soledade
até a São Sebastião.
Singlehurst, nome tão
estranho à nossa linguagem,
é rua de vadiagem
de encrencas e de discórdia;
Rua da Misericórdia,
outra diversa passagem.

Esta nos reconta a história
de vibrarmos de emoção
desde a Confederação
daqueles tempos de glória
sem a doida memória
dos heróis ali tombados
cruelmente fuzilados
junto à ladeira do forte,
esta rua é um recorte
daqueles tempos passados.

Desci à Rua da Praia,
subi a duna de areia
que o vento do mar penteia
sob um luar de cambraia.
Conversei com Mestre Maia,
o fazedor de navios;
seus olhos são como os rios,
só desejam ir ao mar;
muita história que contar
tem esse nauta escocês
que aqui aportou de vez
pra do mundo descansar.

Subi a Rua Formosa,
até em frente à varanda
daquela que finge e anda
a dirigir-me uma prosa.
Já sei que seu nome é Rosa,
pois ouvi, no Cajueiro,
cumprimentá-la, ligeiro,
a mulata Beatriz,
da Rua do Chafariz,
filha de Antero Ribeiro.

Cantei-lhe duas canções
inventadas por Catulo
e inda achei de dar um pulo
no Mercado dos Pinhões.
Ali fazem-se os serões
a partir da esquina nova.
Para mim, é uma prova
de amor à minha cidade
cantar com quem tem vontade,
vontade que se renova.

Inda fomos ao Garrote,
tomamos banho ao luar,
cantou-se a não mais parar,
o amor foi sempre o mote.
Ela e eu fomos de bote
ao Pajeú, na outra margem.
Naquela mansa barragem,
nos banhámos de poesia
e até quase o vir-do-dia
foi bela a nossa viagem.

Já namorei em sigilo
(o que é um privilégio)
lá na Rua do Colégio,
e lá na Praça do Asilo.
Uma, filha do Murilo,
é donzela e casadoura
a outra uma sedutora
mulata, mora defronte
ao fim da Rua da Ponte
e é muito namorada.

Dia de céu nevoento,
na Rua do Seminário
planejei o itinerário,
após o entretenimento:
da Rua do Livramento,
vou à rua do Paiol,
depois à rua do Sol
chupar uns cajus vermelhos;
sigo à Rua dos Coelhos
sem precisar guarda-sol.

Entrei na Rua do Fogo,
era o começo da noite,
o vento dava de açoite,
já o sol em desafogo.
Era um domingo de jogo
no salão do Pascoal;
na Rua Municipal,
me aguardava a dona Téia,
que na Rua da Assembléia
tem seu café que é o tal.

Na bela Rua das Flores
me avistei com a normalista
que reside à Boa-Vista,
por quem suspiro de amores.
À noite, em meio aos cantores
da Rua do Patrocínio,
canto também, tomo vinho,
e volto à Rua da Palma,
onde sacio a minha alma
se ali a encontro, a caminho.

Numa tarde de neblina
- um domingo de aquarelas -
passei da Rua das Belas
à Praça da Carolina;
insistia a chuva fina
já se ia findando o dia;
e na Rua da Alegria,
como um rio em corredeira,
demandando a Pitombeira,
vão-se as águas da coxia.

Junto à Rua do Quartel
não fui preso por um triz;
corro à Rua da Matriz
ver o circo e o carrossel.
Escapei do coronel
e fugi para cantar. . .
Então entrei a pontear
o violão nas horas mortas,
dormi na Rua das Hortas
em casa da Lucimar.

Outro dia (terça-feira)
não tendo nada a fazer,
decidi ir percorrer
os subúrbios da poeira.
Numa rua prazenteira
deparei com um janota,
tinha um jeitão idiota
de *nouveau riche* - o ricaço -
dono do maior espaço
que há na Rua da Aldeota.

Perambulei como pude,
senti da brisa o afago,
subi a Rua do Lago,
desci a Rua do Açude.
Que esta ronda me ajude
a cumprir todo o roteiro:
Da Travessa do Outeiro
até a Rua da Trindade
já correu meia cidade
a fama do seresteiro.

Saí da Rua do Norte
e atravessei o riacho:
Rua do Córrego - eu me acho
menestrel de muita sorte.
Cantador tem de ser forte,
cantar prazeres e dores;
na Rua dos Mercadores
digo a canção mais sentida,
em louvação da querida
cidade dos meus amores.

O CANTO ENCANTATÓRIO DA CARIMBAMBA

*“Era uma certa vez
um lago mal-assombrado.”*

Em nome de dona Bela,
bem dotada e mal-vestida,
apaixonante donzela
cobiçada e pretendida.

O caboclo recém-chegado do sertão conhecia bem das pescarias lá de dentro. E se não era escolado nas labutas do mar, impressionava o destemor com que acompanhava o Mestre Bedel, quando este partia no terral para uma estada de dois ou mais dias no mar. Era o mês de setembro. No dia 23, Agapito (o caboclo recém-chegado do sertão) mais Mestre Bedel, acompanhados de um brochote, saíram em busca da alma do mar. O camurupim já se fazia presente; era preciso, entretanto, ir até a risca, pra se poder pegar peixe do bom.

Aquela lua tinha tudo da lua de um mês atrás, quando Agapito conseguiu roubar o beijo de Belinha. Só que agora, neste meio de mar, ela estava maior e mais escandalosa. Pena que Belinha não estivesse aqui! Concentrava-se nela.

Belinha ouvia a canção: “Era uma certa vez um lago mal-assombrado. . .” O moço cantava, cantava. Era um cabra de Mossoró, meio esquisito, mas namorador como o diabo! Belinha foi pro mar e nunca mais voltou. Agapito sentiu naquela noite uma sensação de lagoa, dada a calma do espelho d’água e ainda por cima pareceu ter ouvido a carimbamba, essa amiga sombria das profundezas, amante do caboclo d’água. Agapito lembrou-se da última pescaria que fizera mais Mestre Salomão, na Lagoa do Pau-do-Monte, naquela cheia do ano retrasado, sentiu um frio na espinha quando a carimbamba pressagiu, de entre os arbustos escuros da outra margem:

*Amanhã eu vou,
amanhã eu vou...*

SONETO DA ESTIRPE

A rua pobrencheu-se de mendigos,
estirpe antiga, irmã de aviltamentos.
Expostos a incontáveis desabrigos,
confundem-se, repetem-se em lamentos.

Sou dessa estirpe, eivada de perigos
multiplicados, desde os poeirentos
sertões hostis, redutos de inimigos,
aos logradouros lúgubres, nojentos.

Atraçoada estirpe, sujigada
nação dos esquecidos meus Brasis,
em si mesma tolhida e desterrada!

Ó povo em contramão, por que se quis
desmantelar-lhe a origem, dar-lhe o nada
em troca dessa infâmia em meu país?

SOL DE ESPAVENTO IV

Estrada aberta ao poente,
ao norte, seca ramagem;
ao leste uma brisa ardente,
ao sul, o fim da viagem.

O sol sobre os quatro cantos,
perigando despencar
em cima dos sóbrios prantos
da terra, pra os enxugar.

Soalheira: sol deveras,
fenomenal meio-dia.
Ah, sol, um dia poderas
fecundar a nuvem fria!

SOL DE ESPAVENTO V

Luzia aquela estrela solitária,
prometendo uma brisa, um doce afago
à pátria sertaneja, à nossa pátria,
leito de um sol insone, um sol pressago.
(O homem toma agora a decisão:
não partirá da pátria do sertão.)

SOL DE ESPAVENTO VI

Um clarão, que aumentou de tamanho o céu, percorreu rápido o caminho ao nascente e se afastou, subindo a tarde cinzenta, visitada pelo calor antigo do sol.

O homem: “Tenho na mente que este dezembro é água. . .”

HISTÓRIA DE CATAVENTO

Primeiro que tudo: por que chamavam àquele rapaz franzino, aparentemente retraído, de Catavento? Diziam uns que era porque ele se misturava com o vento, e de tão fraco saía bolando por aí, sem rumo certo. Mas havia também a notícia de que um senhor letrado, sabedor das peripécias que ele aprontava, o tinha comparado a um catador de ventos e semeador de. . . tempestades. Semeador de tempestades, muito bem disse o tal senhor letrado, se bem que não viveu até aquele ano, em cujo decorrer Catavento foi preso três vezes, acusado de sedução de menores.

Segundo, o leitor já deve ter dado fé que, também, apelidos assim são comuns à gente que, via de regra, é oriunda do interior, onde, aí sim, proliferam os apelidos: Bacurau, Tucano, Peba, Jirau, Bentevi, e assim vai. . . alcunhas às vezes depreciativas, mas raramente rejeitadas, estabelecendo-se uma sorte de empatia entre o chamador e o apelidado. A rejeição, sabem, incita ao insulto, nada recomendável entre esses sujeitos, que sabemos temerários. Pois bem, esse era o caso de Catavento, tipo adelgado, com um certo convencimento de elegância, lepidéz. Dir-se-ia que o protótipo de um bom jogador de facas, um bom brigador com arma branca. Tinha os olhos castanhos amarelados e o cabelo também claro, liso e esvoaçante; tez amorenada, tostada pelo sol do atlântico brasileiro. Viera morar em Praia Formosa havia uns três anos. Era bom de viola e tinha tanto muitos admiradores quanto muitos desafetos. Proveniente, segundo alguns amigos mais chegados, dos Inhamuns; um lugar perdido entre os Inhamuns e a Serra Grande, diziam outros. Lugar que ele mesmo propositava esconder ou simplesmente esquecer. Talvez por recordar as vicissitudes daquela dura vida da gente do interior, talvez porque lá já houvesse provocado as primeiras (inocentes?) tempestades.

O certo é que ele namorava com facilidade qualquer mocinha do bairro. E mesmo de outros bairros. Mas o que ninguém sabia é que há um ano cessara o giro de Catavento noutros sítios, através de redemoinhos ou procurando ventos para engendrar tempestades. Ele agora estava calmamente enlouquecido de amor. Amor recíproco.

As noites sobre o areal ensombrado pelas palmas dos coqueiros já tinham decorado as trocas de beijos e abraços, fogo aceso entre as coxas de Martha, e que ardia em seu peito hélico de paixão; fogo que ardia nos rosados seios de quem se fizera amante caprichosa, ousada confidente.

Quando tudo foi descoberto, quem se daria ao trabalho de supor ser amor deveras o que os tinha feito encontrar-se? E os três casos de antes, quando não quisera assumir o “mal”?

Em resumo: Catavento, esse acusado de engabelador das meninas de Praia Formosa, estava agora realmente em maus lençóis. Haveria escapatória para um sedutor que ousara ludibriar a filha de Elias Simão da Silva? Esse Elias era homem arranjado e até tinha sotaque esquisito, viera de longe, sabiam todos. Ela, Martha (Rocha da Silva), era formosíssima e, por amor duma mulher bonita o que é que a gente não faz? Catavento girava em pensamentos. Temia uma coisa: perder-se de Martha.

A cabeça de Catavento rodava sem descanso. Era como se o vento da praia excitasse os seus sentidos no sentido de Martha. . . No dia em que ela lhe sorriu, saiu na próxima madrugada uma canção ouvida pela primeira vez no bairro. . .

Mas agora a situação era de difícil escapatória: o pai levava Martha para longe, inventara um processo contra ele, o delegado mandara prendê-lo, por ser acusado de um crime que, na verdade, tratava-se de um gesto praticado sem a mínima noção do que fosse crime ou pecado. Inquérito e julgamento, desta vez, nos moldes abusados de quem sabe e pode promover a tal da lei.

Para onde fora Martha? Para outras terras, distantes, com certeza. Isso fazia Catavento gemer silenciosamente.

Seis dias passados naquela cela amarela, Catavento já sentia falta de ar e do barulho do vento no coqueiral, fazendo girar a lua sobre suas (ambas) cabeleiras.

Domingo, nove horas: chegam os homens que cuidam da segurança da cidade. Catavento é solto e, logo em seguida recebe (sigilosamente!) a carta que ela deixara com a tia Nanda. Catavento faz depressa a mala e corre para o Recife, onde o espera o seu amor em corpo de lua cheia.

Corria o ano de 1928.

ÀS TRÊS DA MADRUGADA

Carmen, olhos negros e atraentes, dentes alvíssimos, boca rosada, corpo esbelto, moreno e sempre cheirando a pecado, vinha se dando muito bem com os boêmios de Praia Formosa e adjacências, principalmente se considerarmos que a gente de dinheiro estava sempre a presentear-lhe jóias e vestidos, em troca de uma noite de amor.

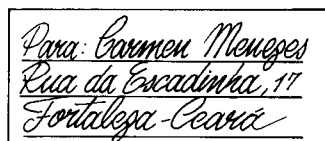
Naquele fim de tarde de domingo, Carmen resolveu ir à missa, algo que não fazia há anos, desde o tempo em que morava em Aracaju e desfrutava com Carlos de uma mancebia teúda e manteúda, a despeito das intrigas da família dele, mas também da dela; afinal os seus pais não eram tão pobres que não pudessem custear-lhe os estudos na capital, com razoáveis mesadas enviadas de Lagarto, cidadezinha sergipana que cresce próximo à barranca do rio Piauí, onde tinham um criatório de cabras e ovelhas e umas poucas cabeças de gado, numa pequena propriedade, bens que bastavam para o sustento do casal e dos três filhos.

Deviam ser sete da noite quando recebeu o envelope branco e meio amassado, que a fez estremecer de cima abaixo, sensação que lhe recordou, estranha e paradoxalmente, os gozos sexuais experimentados, havia quase um ano, naquelas noites de Aracaju. Na Praia Formosa, também desceu a noite.



Vilma, uma recifense alta e bem desenhada de corpo, sua colega de cubículo desde setembro do ano passado, lhe entregara a mensagem; tinha chegado às duas da tarde, pela mão de um desconhecido, segundo se apressava em esclarecer; não fora o Zeca Carteiro quem entregara a mensagem, afinal era domingo. Provavelmente, um mero portador do seu ex-amante em Aracaju.

Como teria ele, Carlos, descoberto o seu exílio, nestas distantes paragens cearenses, endereço anônimo (ou quase anônimo) entre tantos prostíbulos espalhados por esse litoral nordestino? . . .



Não teve tempo nem ânimo, sequer, de arrumar a mala e tentar outra fuga, quem sabe São Luís ou Manaus. . . Carmen, ao ler a carta, se deixou levar pela “saudade que não me dá sossego um momento sequer em minha vida. . . quero você de volta, meu amor. . . te espero no bar do Passeio, que conheci ontem, quando cheguei. . .” Também, pudera! O caso deles era de ver pra crer: amor apaixonado.

Às três da madrugada de segunda-feira, Carmen foi encontrada em decúbito ventral, a uns quinze metros da capela de Santa Teresinha. Estava bem vestida, não denunciavam as suas vestes nenhum sinal de violência e não havia outra marca em seu corpo, como causa de sua morte, do que uma fina estocada (de punhal, com certeza), milimetricamente desferida contra o flanco esquerdo do coração. Não escorrera muito sangue, talvez por ter ela tombado sobre o próprio peito, dificultando a hemorragia. Muitos relataram que naquela noite fora vista em companhia de um forasteiro, um tipo alourado, com quem andou bebericando até tarde, pelos bares da praia.

Carlos houvera prometido a si mesmo e aos irmãos e cunhados que a encontraria, fosse onde fosse que ela chegasse a se esconder. A ousadia, a barbaridade que ela cometera, haveriam de ser vingadas a qualquer custo. Carlos prestava, assim, contas com a família e, por extensão, retomaria a confiança dos parentes nos negócios que encetavam juntos.

O crime de Carmen (ou Carminha, como era mais chamada pelas amigas íntimas) fora terrível: matara a mulher (legítima esposa!, como vociferavam os familiares de Carlos de Farias Góis, comerciante do ramo de madeiras, com vasto círculo de amizade em toda Aracaju), matara a mulher do ex-amante, quem sabe na louca esperança de angariá-lo só para si com este gesto, como prova de apaixonado desespero, ou quem sabe por pura e simples vingança e despeito da rival.

Esta história só ficou conhecida em detalhes por duas pessoas: um gigolô de nome Valentim, que ajudou ao sergipano a encontrar Carminha naquele domingo de março de 1929, parece que a troco de nada, apenas para se afirmar junto a Vilma, a quem contara tudo, com aquele ar confiado de bandido reles, cafajeste com doutorado em malandragem com prostitutas, sustentado pela escorchada grana que Vilma conseguia, a duras penas, com os comerciantes da rua de baixo, sempre rescendendo àquele cheiro enjoado de secos & molhados.

POEMA DE UM OLHAR NOBRE

Uma vez, quando o sol da tarde começava
a iluminar a esquina tão igual,
uma noite de seda azul passou em meu olhar:
não houve tempo para contar-lhe as estrelas.
A mesma tarde voltou a arder
na hora décima quarta.
Outra vez, uma flor negra perfumou
a luz tênue do dia esmaecido.
Pude avistar duas estrelas impressionantes
e fugidias, atraentes e singelas,
que se precipitaram no infinito
da noite avizinhada.
Pela terceira vez, bebi aquela luz
que une a noite ao luzeiro intenso
do mais brilhante dia.
Um olhar: a luz, a forma mais sutil
de todas as matérias e, no entanto,
a tangível, a mais condensada forma de luz.

Acendo uma fogueira no meu peito,
num criativo gesto primordial.
Meu espírito quer sorver esse fogo,
minha alma bebe essa luz,
meu corpo se inebria.

RETRATO, APELO À VIDA

Um lance para a foto e, de repente,
feita a imagem fantástica, retida
num sóbrio instante, eterno e transparente
daquilo a que se usou chamar-se vida.

O vento lhe afagando molemente
a cabeleira para o chão pendida
e beijando-lhe o sol a face ardente
que ocultava uma graça pressentida.

Vendo hoje o seu retrato, vejo o instante
na cor do infatigável movimento
que o tempo a tudo imprime e esse constante

correr das horas, dentro de um momento
apreendido do eterno, um instigante
apelo à plenitude, um chamamento.

SONETO EM PRETO E BRANCO

Retrato sóbrio, de retoque isento.
Arquitetura de um semblante moço
envelhecido no incansável tempo
que lhe fatiga o esquálido arcabouço.

Nos caminhos do rosto macilento
passeia a cor da morte, em pele e osso.
Este homem das horas é detento:
não lhe sobra mais tempo para o almoço.

Este operário é número inexato,
saldo a menor, credor do desencanto,
de mal consigo, com os demais cordato.

A foto lhe reduz o gesto franco
à exígua relação de um 3x4:
- prisioneiro da vida em preto-e-branco.

DILÚVIO EM SANTA ROSA

I. Em Santa Rosa de Lima,
Jaguaribara, hoje - então,
se prenuncia o dilúvio
das águas do Castanhão.
Sobre os tetos das moradas,
águas não mais cantarão.
Águas fundas, represadas,
serão funda escuridão.
As esquinas, os quintais,
sombras não mais nos darão.
O sol, náufrago, será
barco de lama no chão.
Criança em segunda idade
deixará sua paixão
de menino enamorado
da graúna e do canção
que saltitavam nas cercas
do curral e do oitão.
Em demanda-litoral,
em lombo de caminhão,
trará em seus olhos água
que os olhos não mais verão
correr no quintal da infância
regando o pé-de-mamão.
Nas águas desse dilúvio
nada restará, senão
exílio e desesperança,
o tempo na contramão!

“O sertão vai virar mar?”

“O mar vai virar sertão?”

II. Em Santa Rosa de Lima,
por obra de assombração,
a infância não chegará
à idade da razão,
podendo abraçar as mesmas
luas de claro verão.
Os olhos das bananeiras,
os velhos pés-de-limão,
serão vendados com lodo,
sob a lama do porão.
Santa Rosa, as tuas casas
não serão mais casas, não.
Serão frios labirintos
dos tempos da solidão.
- Minhas duas baladeiras,
minha arraia, meu facão,
o meu jumento de barro
guardei dentro de um caixão.
Será que posso levar
comigo esse meu quinhão?
- Minha saudade calada,
desenhada pela mão
da primeira namorada,
restará no coração
gravado na goiabeira
do sítio do meu irmão?

“O sertão vai virar mar?”
“O mar vai virar sertão?”

III. Em Santa Rosa de Lima,
um verbo de redenção
dentro do espelho das águas,
ressuscitará Tristão.
Clamando aos rios da terra
justiça para o Sertão,
jazigo da alma inquieta
do nosso ancestral irmão.
Mártir maior da República,
a quem o *sim* disse um *não*...
Mas quem poderá seu nome
afundar em escuridão?
Sob as águas doloridas
que descem do ribeirão,
seu gesto, sua palavra,
sempre nos alcançarão.
Rememorando os caminhos,
sobreviverá Tristão.
Mártir maior da República,
pai da Confederação.

“O sertão vai virar mar?”

“O mar vai virar sertão?”

ADJUNTO

Os textos que se reúnem nas páginas seguintes, escritos sobre os mais diversos assuntos e temas com que me vi envolvido, foram, em sua maioria, publicados esparsamente em jornais e revistas de Fortaleza e Recife.

Para que apresentassem eles uma feição contígua, lembrei-me dos adjuntos do interior do Ceará e do Nordeste, aquelas legiões que se agrupam para a realização de tarefas que geralmente aproveitam a todos.

O adjunto, tal como funciona ainda hoje, malgrado a interferência danosa da cultura urbano-capitalista, assentada em modelos importados, que pouco ou nada guardam do nosso *modus vivendi* natural e genuíno, é uma forma eficiente de desincumbirem-se os homens das tarefas mais prementes que a eles estão afetas, tanto quanto aos vizinhos mais próximos.

Este Adjunto é dedicado aos meus conterrâneos do Sertão, que laboram em adjunto e que um dia, em adjunto, construirão o seu País.

LIÇÕES DE TRAVESSA

Entre Florença e Milão deu-se que tive a preciosa oportunidade de conhecer Dona Silvia, professora de literatura italiana num colégio milanês. O acaso trouxe uma *canzone* dos anos de ouro da música popular italiana, se não me engano *Torna a Sorriento*. Dona Silvia cantava baixinho, como quem recorda um tempo ou uma passagem que fosse. Num momento em que silenciou, desculpei-me e disse que, sendo brasileiro, tinha o prazer de poder cantá-la também em napolitano, não com aquela voz tão suave e afinadíssima, mas sem cometer erros na letra. Ela ficou muito entusiasmada e, daí por diante, foi lembrarmos o quanto podíamos das canções napolitanas e romanas, alguns tangos e árias principalmente músicas cantadas por Carlo Buti, Tito Schipa, Tino Rossi e Giuseppe di Stefano. Ela lembrou muitas das quais eu não tinha sequer ouvido falar, mas não parou de repetir o quanto a surpreendia e felicitava que um *ragazzo brasiliano* como eu (era 1977, eu contava 28 anos) pudesse, vivendo tão longe do espaço e do tempo daquelas músicas, conhecê-las tão bem como as conhecia eu, de fato.

Dona Silvia confessou-me só conhecer aquelas músicas todas de cor porque seu pai era da região de Campânina que tem Nápoles por capital. Nascera numa vilazinha bem perto de Nápoles, disse-me. Não me lembro, agora, do nome. Disse ela que em Milão mantinha amizades com napolitanos que para lá se foram. Agora, já casada com um milanês, mãe de cinco filhos e definitivamente radicada ali, sempre que podia, durante as férias, ia à sua terra, para não morrer de *crepacuore*. Esta palavra me fez lembrar Henrique Pongetti, que escreveu numa de suas crônicas ter a sua avó morrido de banzo peninsular. Quando o italiano envelhece distante do *paese*, pode ser acometido desse mal. A nossa saudade, é claro, deve matar velhinhos do Nordeste em São Paulo. Morrem de *coração-partido*.

O trem estacionou na estação de Milão e Dona Silvia insistiu, antes de despedir-nos, que eu conhecesse o seu marido, a quem narrou com alegria o fato do nosso casual encontro. Ao retirar-me dali, pude ouvir o quanto ela lhe falou, satisfeita de ter encontrado num brasileiro algo que os jovens italianos de hoje não cultivam mais: o gosto pela *canzone*. Confesso que saí dali um pouco comovido com aquela senhora tão gentil e inteligente, tão alegre e franca. Acho que cheguei à pensão (lembro-me que a dona tinha vivido na Argentina) assobiando Luiz Gonzaga. . .

Foram aulas de travessa. Sim, da Travessa Baturité, onde, tendo vivido por doze anos, aprendi com aqueles mestres da música italiana a amar melodias tão admiráveis. A monitoria era de Christiano Câmara.

SUZDAL, MENOS DOIS

A primavera moscovita nos presenteava manhãs ensolaradas. Para a ocasião em que o termômetro registrava abaixo de 12 graus. Os raios do sol queimavam a cútis das garotas. Saímos em busca de Suzdal, a alma russa medieval, ortodoxa e aldeã. A uns duzentos quilômetros.

Suzdal é uma das antigas cidades russas, conservando o seu aspecto original, possuindo para mais de cem monumentos arquitetônicos, civis e religiosos, de entre os séculos XIII e XIX. A Catedral da Natividade, por exemplo, bem no coração do Kremlin de Suzdal, é construção do ano mil duzentos e tantos e foi toda erigida em pedra.

Por muito tempo a cidade foi residência de nobres e clérigos. Desse tempo, as inúmeras e gigantescas construções em madeira não foram conservadas. Um número formidável de mercadores e artesãos floresceu em Suzdal, durante o seu esplendor. Do século XVI destacam-se a Igreja Portal da Anunciação e a da Interseção, mandadas erigir pelo Príncipe Vasile III. Há também a Catedral da Transfiguração, do século XVII. Isso, sem falar dos mosteiros! Suzdal é a cidade dos mosteiros! É difícil acreditar que exista outra com um número tão elevado de mosteiros!

Toda a região esteve sob o domínio mongol-tártaro, no século XII. E depois sob dominação polonesa e sueca, após o que virou-se outra página nas edificações em pedra. Em cinquenta anos, construiu-se um número fantástico de igrejas, entre elas a da Restauração.

Foi nessa cidade, tão evocativa, emblemática, simbólica e historicamente relevante, que numa manhã de primavera (era maio de 1986) eu me perdi do grupo brasileiro com que viajava e me encontrei em apuros. E com um frio dos diabos!

Deu-se assim: o ônibus parou no centro da cidade. Fazia um sol belíssimo, quase familiar a um brasileiro. Saímos todos a voltar nas proximidades, a espera da saída para visita às relíquias arquitetônicas que mencionei. O motorista, um ucraniano grandalhão, de gestos largos, fez-me sinal para acompanhá-lo. Num quiosque, ali perto, duas moças serviam kvass (uma cerveja caseira, muito encorpada). Passados uns quinze minutos, sem entender russo, não imaginei que o ucraniano (teria ele falado em ucraniano? que diferença!...) me avisava para retornar ao ônibus. Imaginei que fosse buscar algo, talvez cigarros. As duas moças me perguntavam sobre BRAZILIA (Brasil). O resto foi uma odisséia. Até segunda, eu conto o resto.

(JD, 15.08.88)

SUZDAL, MENOS DOIS - II

Gdiê Brazilia? Me perguntavam as moças. E eu tentava responder com palavras como: Longe, Sulamérica, Ocidente, todas, naturalmente, desentoadas e ininteligíveis aos ouvidos das duas lourinhas, que insistiam em que eu podia falar russo. Honestamente, com o frio que começou a fazer (a temperatura, covardemente, caiu para menos dois e eu tinha deixado pulôver, casaco, gorro, tudo no ônibus), ainda que fosse capaz de construir uma única frase, até isso se tornava impossível. Conjecturei: devem estar à minha procura, vão me encontrar. Ou: o almoço será às 13h30min, até lá encontro o restaurante. . . Mas o tempo passava. E a temperatura me obrigou a sair dali. Os pés começaram a doer, a boca e as orelhas a darem sinal de dormença... E agora? Em Suzdal não há taxis...

Saí a andar pelas calçadas, assim glacialmente ridículo, assim meio alvo de olhares surpresos. Talvez não tenha faltado muito para eu botar a boca no mundo: gritar, gritar, até que me levassem a algum lugar... Tentei várias vezes abordar os transeuntes, todos solícitos, perplexos com a minha indumentária. Mas, diante da total falta de comunicabilidade, pediam desculpas, seguiam, também com frio. Eu tinha que dizer que queria ir a um mosteiro (em Suzdal há uma centena deles!) no qual se achava instalado um restaurante, onde brasileiros e brasileiras deveriam se encontrar... Isso, naturalmente, em russo! Lá pras tantas, juro que me passou pela cabeça: logo eu, lá de Limoeiro do Norte, vir terminar aqui, entre essa arquitetura inesperada...

Eram oito horas quando tudo começou. Até as onze e meia foi esse périplo maluco pelas calçadas geladas. Suzdal está plantada sobre mais de mil e oitocentas colinas, como cantou a Clara Nunes... Aí, o milagre. Um casal se aproximava num carrinho vermelho, um sedan Ladda. Não falavam nada além do russo, mas desta vez fiz-me entender. Mosteiro, restaurante. . . restaurante, mosteiro. . . Mosteiro ou restaurante? Restaurante NO MOSTEIRO! Eles entenderam! Entre os cem mosteiros. UM possuía restaurante!

Fiquei à espera do grupo, aliviado. Ah, sim, devo dizer que um garotinho no banco traseiro do carrinho ria pra valer... Apareceu um ônibus vazio, de turismo interno russo, lá no mosteiro. Pois não é que conversando com o motorista e a guia, consegui que volteassem comigo pela cidade, até às treze e trinta, mostrando tudo? Ela falava espanhol fluentemente.

Quando voltei, já quase duas horas da tarde, todos à minha espera.

- Onde estava, Luciano? Ficamos preocupados.

- Ora Serguei - respondi ao nosso guia, descendo do ônibus, após despedir-me de Boris e de Kátia, pessoas maravilhosas: - revia velhos amigos em Suzdal...

Gargalhada geral. E muito vinho, para compensar tudo...

(JD, 29.08.88)

IMPRESSÕES DE TBILISSI

Aquelas montanhas que rodeiam a cálida Tbilissi (em georgiano arcaico Tbilissi significa cidade quente) nos apontam horizontes indefinidamente superpostos, de onde desce água tépida. O rio Kurá, que divide a cidade, é caudaloso e rápido, apesar de sujigado pelas margens ordenadas da geografia humana.

Algumas ruas de Tbilissi ostentam, além das inúmeras encostas, elevações sobre as quais se montam minúsculas habitações, com uma feição acentuadamente própria e respeitável, uma espécie de semblante europeu antigo. O Cáucaso abriga sobre o seu teto de elevações fantásticas, além da Geórgia, ainda a Armênia e o Azerbaijão, bastante distintos culturalmente.

Mas era de Tbilissi que falávamos. A cidade tem aquela geografia muitíssimo irregular, com elevações em que se encravam igrejas, mosteiros, museus e, recentemente, hotéis. O Museu da Madeira, numa colina enorme, é guardado por gente jovem e bela (lembro-me da georgiana típica que me recebeu à porta do seu posto com um sorriso diáfano), gente que nos inspira a maior confiança e até admiração. Na verdade, a mim deram os georgianos a impressão de serem os antepassados dos europeus mediterrâneos. O hotel em que estivemos chamava-se Iveria e o gerente não titubeou em afirmar que os bascos espanhóis, ou seja, iberos, são os descendentes dos georgianos que há milhares de anos se estabeleceram nas altas montanhas do norte da Espanha. Muitas palavras do georgiano soam inteligíveis para os bascos. Problema para antropólogos e linguistas.

Tbilissi é uma cidade clara, com muitos monumentos. No topo da cadeia de Sololak, uma escultura belíssima: uma mulher, em costume nacional georgiano, tendo numa mão uma espada e na outra um copo, é a Mãe-Geórgia. Costuma dizer-se em Tbilissi que a espada é para os inimigos e o copo para os amigos. Em verdade, a Geórgia produz um vinho admirável. De qualquer parte da cidade, vê-se a Mãe-Geórgia, dia e noite. Do alto daquelas elevações, exclamou Maiakovski: “Isto é um auditório! Deste palco pode-se falar ao mundo inteiro!”

Chouta Rustavelli é o poeta nacional. “O Homem Envolvido em Pele de Pantera”, seu maior poema épico. De Tbilissi lembro ainda do outro lado do rio Kurá, que avistei da janela do Hotel Iveria. Tomei um gole do melhor vinho e saí pelas ruas, encantado com a claridade que o sol produzia nas encostas, ao entardecer.

(JD, 13.06.88)

UM CARAVANÇARAI

O Tupolev decolou de Tbilissi para, em pouco menos de uma hora, aterrissar em Baku, a cidade dos ventos, capital do Azerbaijão. O avião era mesmo muito pequeno como, de resto, quase todos os que fazem as linhas domésticas na União Soviética.

Lembro-me que, mesmo depois de nos acomodarmos nos assentos, surpreendemo-nos com a pouca altura do teto da aeronave, o que obrigava aos mais altos a praticamente se curvarem, a fim de não baterem com as cabeças, em instantes de turbulência, na parte superior da cabine. . . Isso foi motivo para um verdadeiro frouxo de risos, que contagiou a todos nós. Nem o Serioja, o russo nosso guia e tradutor do grupo, pôde se conter. Viagem tranqüila, chegamos a Baku por volta de 19 horas, todos ansiosos por um jantar típico, já que vinha precedido de muita propaganda e expectativa (os azerbaijanos têm costumes alimentares muito próximos aos dos árabes).

Baku, às margens do mar Cáspio, leste do Cáucaso, hoje com cerca de dois milhões de habitantes, quarta cidade (em população) da URSS, é muito antiga. Fez parte do império persa, do qual foi capital durante o domínio da dinastia Shirvan. Os azerbaijanos conservaram a sua língua, ao longo de inúmeras invasões, e utilizam hoje o alfabeto cirílico. Em vários dos seus sítios, Baku apresenta escavações arqueológicas de grande importância, com descobertas preciosas para os estudiosos dessa área.

O Templo dos Adoradores do Fogo, para onde vinham romarias até do Afeganistão e da Índia, é uma construção do século XI onde, no centro de um pátio de feições marcadamente orientais, ardem sobre quatro pórticos, quatro labaredas, sagradas para os que acreditam no poder desse elemento.

Em Baku, a construção mais impressionante (e não são poucos os monumentos históricos de relevo) que tive a oportunidade de apreciar e em cujo interior se respira uma atmosfera evocativa do passado, foi um caravançarai, espécie de abrigo dos caravaneiros daqueles tempos remotos onde, após jornadas extenuantes pelo deserto, encontravam a água, o vinho, o pão e o leito reparadores de suas fadigas. É possível que o caravançarai tivesse também a sua função de lazer. As velhas muralhas da construção pareciam indicar também recantos tanto de festa, como de privacidade. Foi nesse caravançarai, hoje transformado em restaurante, que, chegando antes dos outros viajantes, conversei longamente com o pessoal de lá, que me contou histórias dos seus antepassados, histórias que me deram um apreciável apetite para o vinho...

(JD, 11.07.88)

O VOLGA, A PRIMAVERA

Maio de 1986. Das margens do mar Cáspio, segui de avião para Volgogrado, à margem direita do Volga, cidade que já se chamou Tsaritsyn, em seus antigos dias, desde quando, a partir de 1589, os mercados que desciam o rio Don começaram a se estabelecer naquele sítio. Tsaritsyn foi destruída pelo fogo no início do século XVII, só vindo a ser reconstruída em 1715. Cidade que se desenvolveu com o comércio de madeira, passou de uma simples povoação da província de Saratov a grande centro econômico, ligando-se ao centro da Rússia, à base do Don e ao Cáucaso. Os rios Volga e Don são hoje ligados por um canal que se inicia em Volgogrado. Cidade do Volga, histórica e poética.

Em 1925 (até 1961), por força do culto à personalidade do ditador, a cidade passou a se chamar Stalingrado e, na verdade, foi com esse nome que ela se notabilizou pela heróica, corajosa, milagrosa resistência às forças invasoras nazistas, naquela guerra que os soviéticos chamaram de grande guerra pátria. Stalingrado é nome de respeito, sim. Hitler sofreu seu primeiro grande revés com a necessidade de correr de Stalingrado, a duras penas, após a mais sangrenta batalha da Segunda Grande Guerra. Li em algum lugar o diálogo que o general alemão Von Paulus teria tido como o seu chefe, quando ocupou Stalingrado. Diante do entusiasmo de Hitler, teria dito o general: - Furher, os russos ainda não entraram na guerra. . .

Emoção forte experimentei ao subir a colina de Mamáiev. Não dá para contar o que senti, mas é lá que estão os mortos de Stalingrado, ao som ininterrupto do Traumeri de Schumann (Reverie). E o Volga, lá embaixo, o grandioso Volga, testemunho ancestral, dizendo muito obrigado a todos quantos sobem aqueles degraus a fim de renderem homenagem aos que sacrificaram suas vidas pela paz. Muitos eram demasiado jovens para morrer.

Volgogrado está completamente reconstruída, cheia de jardins serenos. E os seus monumentos, como são belos! Há um ao espanhol Ruiz Ibarruri, filho da Passionária, que ali morreu em combate. Vi a Casa de Pavlov. E o Planetário, onde assisti a um filme que repassa a longa batalha, após o que tudo se ilumina e o céu acolhe, coberto de estrelas, a nossa ansiedade, enfim ultrapassada pela visão fantástica da reconstrução da cidade.

Era primavera. Os visitantes subiam a colina de Mamáiev com muitas flores. Nós, brasileiros, tivemos a honra de levar uma enorme coroa até lá em cima, aos pés da Mãe-Pátria (monumento de mais de 85 me-

tros de altura) e depositá-la no memorial imenso em que arde uma chama num facho que uma mão gigantesca sustenta, ao centro do edifício circular, em cujas paredes interiores estão os nomes dos combatentes tombados. Imortais soldados desconhecidos!

Nesses instantes, lembrei-me da nossa América, dos nossos mortos, da nossa independência que um dia virá. Lembrei-me de José Martí: “Morrer pela pátria é viver”.

(JD, 08.08.88)

GARDEL, PARA SEMPRE

A lembrança de uma marcante personalidade desaparecida, nem sempre vem acompanhada de uma emoção transcendente, íntima e coletiva a um tempo só. Tratando-se de Carlos Gardel, sucede que nós, mesmo os que não o conheceram pessoalmente (muitos argentinos e até brasileiros, ainda vivos, tiveram esse privilégio), permitimo-nos invadir de uma triste e, ao mesmo tempo, intranquã saudade. Não exatamente aquela vontade de ver de novo, de que falam muitos autores, mas uma inquietante certeza de que os tempos que engendraram o gênio de Gardel não voltarão mais, a não ser que se verifique uma mudança radical nos rumos que a vida social tomou, com profundas ressonâncias de natureza cultural, a partir, mais particularmente, do pós-guerra.

A sua figura, a sua presença, o seu modo de cantar, estão entranhados de uma aura muito pessoal, e, no entanto, de intenso contágio, abrangente e comovedora. Essa realidade, cultural e psicológica, fez medrar os raros talentos, deu asas à capacidade criadora. O fenômeno Gardel perdurará na memória, não só dos que o viram cantar durante sua vida, mas também na lembrança dos que aprenderam a escutar suas vibrantes melodias, sua voz nervosa e apaixonada, prenhe de uma pulsante energia, registrada em discos, filmes, vídeos etc.

A Argentina, país irmão, que o Prata banha e acalenta, não sendo embora a terra natal de Gardel, é o seu país de adoção, o fez crescer e tornar-se um prodigioso artista em sua Buenos Aires portenha (*ciudad porteña de mi unico querer...*) tantas vezes cantada e acariciada por suas canções, seus intrépidos tangos acompanhados de *guitarras criollas*. E Buenos Aires, à época em que Gardel passeava por suas calçadas, seus bares (*arrabal amargo, meido en mi vida...*) podia ostentar a condição de terra que internacionalizou o gosto pelo tango e conferiu ao idioma espanhol um prestígio comparável ao que propiciou um Cervantes ou um Garcia Lorca. É isto: Gardel representa, junto a esses nomes notabilíssimos que deram impulso e prestígio à língua espanhola, também ele, um marco histórico e de grande alcance artístico e cultural. Todos reconhecemos que não se fala de Argentina sem que nos recordemos, automaticamente, de Gardel e do tango.

Os países possuem - cada um deles - geralmente um nome que designa, identifica o seu povo e com ele se mescla nas considerações de ordem psicológica que se possam propor, porque o encarna. No caso argentino, o nome que corporifica o sentimento nacional está intimamente

relacionado com uma época em que as manifestações artísticas, de modo especial as musicais, se davam num contexto de muito maior independência dos fatores alienígenas, como hoje verificamos.

Uma música que, por sua identificação com os sentimentos de um povo, se impõe *naturalmente* como música nacional, assim como o tango, a rumba, o baião, o xote ou o samba, não é nem melhor nem pior do que outra. Hoje, por força da dominação alienígena, que se impõe mais pela via econômica do que pela via cultural, diz-se que o *jazz* (alguém falou, algures: *aqui jaz o samba*) é música universal. Nada mais falso! Seriam, então, o baião ou a rumba ou o tango menos universais do que o *jazz*, por não contarem esses ritmos latinos com o poder-de-fogo de que dispõe hoje o *jazz*, através da mídia estadunidense dos *tapes*, do cinema, do rádio e da televisão, dos *clips* e dos dólares? O ouvinte, de um modo geral, é *empurrado*, compelido a ouvir, a engolir o que os produtores dos MCM bem entenderem. E o que há por trás disso tudo? Não se discute? O ouvinte, de um modo geral, não se dá conta disso...

Era uma vez, havia música italiana, francesa, húngara e até nordestina. Querem hoje aqueles que se encastelaram na mídia, em nome de uma mentirosa *internacionalização*, negar o fato cultural. Não aceitam que um cearense se identifique mais com o baião do que com o *jazz*, que a um carioca do morro agrade mais ao ouvido um batuque do que um teclado acauboisado... e assim por diante. Essa internacionalização equivale a *ianquização*, ora essa! O fato cultural, malgrado tudo, perdura, apesar da videotização, que fabrica *vidiotas* em série.

Voltando à *trama inicial*, voltando a Gardel, voltando ao nosso centro de emoções e identidades culturais, desejamos acrescentar: existe um gênio nórdico, assim como existe um gênio africano, um gênio brasileiro (ainda em formação) e assim por diante. Mais genericamente, existe um gênio indiano, um gênio anglo-saxão, um gênio latino etc. E é aqui que lembrando o notável ensaísta romeno Mircea Eliade, aduzimos o nosso testemunho do enriquecimento do gênio latino através de Carlos Gardel, que corporifica um sentimento nacional e perdura alhures, intemporalmente.

*"...Alma criolla, errante y viajera,
querer detenerla es una quimera..."*

(DN, 26.08.90)

CASA E CIDADANIA

Sair de casa, caminhar por calçadas e alamedas amplas e bem cuidadas, cheirando a jardins. Ouvir pássaros, porque pássaros amam o arvoredo que se dá ao longo da avenida calma. Estar tranqüilo, porque os movimentos das ruas insinuam muito mais a ação coletiva do homem, do que atividade da paranóia de horários perdidos, concorrências frustradas, dívidas vencidas, tramas marginais.

A ação do homem é uma atitude vinculada também ao exercício do espírito, porque configura decisão. Decisão coletiva de construir, conservar e amar a sua cidade.

O semelhante é um ser capaz de amar ao próximo, mesmo quando não se está perto. Ocupam-se às pessoas das necessidades comuns, com a consecução da possibilidade real, palpável, de melhoria da vida em todos os sentidos: tanto no campo material, como no espiritual, assim compreendendo-se o cuidado que se deve ter com os bens públicos, com os jardins, com as escolas e hospitais, bem como a alegria da palavra vivenciada coletivamente, a consciência da liberdade como forma de repartir, como doação, prenda, virtude.

A casa, nesse contexto (e não há como ser de outra forma) é a continuação dessa realidade que a cidade presenteia. A casa se soma à cidade; jamais a ela ou dela se subtrai. O caminhar por ruas, becos e avenidas, o descansar em bancos à sombra das praças e a atividade profissional encontram a sua resposta, o seu significado na extensão dessa alegria compartilhada, na casa com conforto mas sem luxo, com a parede acolhedora da sala modesta e amiga para o jantar sóbrio, gostoso, suficientemente reparador das energias despendidas na faina diária.

Pense comigo, leitor: quem desfruta de uma cidade aberta, limpa, com jardins luminosos, quem pode caminhar por logradouros acolhedores, tão familiares como a própria sala de estar, quem não se suja na lama de um inesperado buraco no meio da calçada, quem pode andar tranqüilo pelas vielas mais afastadas, nos entardeceres suburbanos, calmos como os cantos repassados das aves que cruzam o espaço róseo azulado do dia a findar-se, precisará encastelar-se numa suntuosa mansão, cercada de altos e carrancudos muros? Precisarás isolar-se do convívio do próximo? Quem tem o direito de compartilhar as belezas e utilidades de sua cidade, precisará, por acaso, esconder-se da vida da rua? Da vida do bairro?

Tudo isso que acabo de relatar guarda a relação mais direta, mais estreita, com o modo de vida, com o regime e com a prática da cidadania de um povo, de uma nação. Ocorreu-me pensar nisso quando, ouvindo as últimas palavras de despedida do amigo que partia para Cuba, instalou-se entre nós um diálogo acerca dessa realidade cubana, que tanto gostaríamos fosse também brasileira, cearense, de Fortaleza.

As vivendas cubanas, dizia o amigo que partia, são habitadas por pessoas que, simplesmente, não sentem a menor necessidade de algo mais do que desfrutam: um lugar tranqüilo e confortável para viver, amar, ensinar e aprender, e até trabalhar artesanalmente (isso é hoje uma prática bem cubana) uma peça do carro que enguiçou ou quebrou, coisas que as tardes de sábado ou domingo parecem reservar ao convívio familiar. Os cubanos, por terem diante dos olhos uma Havana esplendorosamente limpa, límpida e tranqüila, não sentem a necessidade, tão comum e decantada na burguesia tupiniquim, de esconder-se do povo na rua, de isolar-se atrás de suntuosas varandas, de cercar-se de monstruosos muros, enfim, de esquecer que vive naquela miserável, esburacada e violenta cidade.

Concordei com o amigo e fiquei imaginando o dia em que confraternizaremos o amor ao bem comum, à cultura, à solidariedade, o dia em que o medo não serão mais os pesados ferrolhos e correntes nos portões das casas, o dia em que as moradias ao lado (tugúrios cobertos de zinco) não serão mais algo assim que não se possa olhar, a favela que o dono da mansão teima em não conhecer, escondendo a sua casa com os muros que faz erguer em torno de sua cidadela. Viver rodeado de miséria, fingindo não tomar conhecimento da realidade, viver num falso paraíso, é querer tapar o sol com uma peneira.

(O Povo, 05.03.87)

DO SAPÉ PARA O BRASIL

Depois de muitas andanças por esses Brasis em fora, em exercício de diversas honradas profissões, que em nada descaracterizam a sua feição de sapesista autêntico, da gema, o professor Waldy Sombra decidiu assumir de vez o seu pendor de cronista-historiador de muito humor, talento e, principalmente, presença de espírito.

Este livro dá conta disso. As histórias do Sapé fazem parte do acervo inesgotável da oralidade nordestina, manancial sagrado da cultura brasileira, que rega com água antiga e água recente a curiosidade dos que chegaram depois.

Waldy Sombra sabe que os meios de comunicação de massa (os mal-fadados MCM destes nossos dias de Brasil), verdadeiros instrumentos de dúvidas, ou, como falou o Sérgio Porto, referindo-se à televisão, “máquina de fazer doido”, já deram a algumas dessas histórias uma divulgação distorcida ou algo caricatural, quase sempre em frontal desrespeito à sua origem. Tem um porém: quando o caso é narrado por quem vive/viveu a pequena pátria daqueles episódios, quando o testemunho é da própria testemunha, habitante do paisinho original, aí a coisa é diferente...

Desses acontecimentos ouvi muitos ainda criança, na Ilha do Limoeiro, contados pelos nossos avós. O meu pai, Napoleão Nunes Maia, de quem Waldy Sombra foi amigo íntimo e com quem batia longos papos (até lá em Moji-Mirim, anos 50, interior paulista), também me repassou algumas dessas relíquias do Sapé... para o Brasil.

(O Povo, 17.06.89)

O GALO DA GENTILÂNDIA

A feira da Gentilândia acontece (ou acontecia, naqueles tempos) aos sábados e domingos, com uma já tradicional fama no bairro e mesmo além das fronteiras pouco delimitadas daquela parte da cidade mais ou menos encravada entre o Benfica (a Gentilândia fica no Benfica ou fica fora?), o bairro de Fátima e o Jardim América. Difícil é precisar comercialmente a área de alcance daqueles produtos e mercadorias vendidos ali naquela praça ensombrada.

Em meados dos anos setenta, quando a Padaria Espiritual recrudescia o seu afã, com presenças constantes, diárias, mesmo, de gente ligada à melhor boemia daquele tempo, fui levado a conhecer o Galo da Gentilândia (vai assim com maiúscula, porque o bicho virou objeto, coisa cultural, por algum tempo) pela mão do amigo Francisco Vilela.

O Vilela, boêmio de boa cepa, já conhecia bem o galo. Os feirantes se serviam muito cedo do bicho, assim pelo nascer do sol, de modo que, aquele que pretendesse prová-lo, deveria madrugar no sábado, ou então “virar” a noite de sexta, o que confesso ter preferido repetidas vezes a perder a ruidosa sexta-feira daquela Beira-Mar do Anísio, da Vozinha, do Martins, do Pereira. Ou do Estoril. Cláudio Pereira morava na casinha (que cedeu lugar ao Edifício Joan Miró) pintada de azul-vermelho-e-branco (lembrando a Bastilha) ou com bolinhas brancas (lembrando a Tropicália).

A partir, mais ou menos, da terceira romaria à Gentilândia, para adoração da manhã na feira, embalada a cana e galos sem canto, no canto da praça, começou a se espalhar a fama da iguaria: da Beira-Mar e da Praia de Iracema começavam a chegar, curiosos, os que ouviam falar do Galo da Gentilândia. Vilela era o anfitrião, firme e forte. E, em torno dele, tiveram de aparecer, às vezes quase todos num só dia, Campelo Costa, Mariano Freitas, Rodger Rogério, Fausto Nilo, Marquinhos Motoqueiro, Célia Birita, Edilberto Bedê, Flávio Torres, Roberto Aurélio, Isabel, Têti... bom, a lista dos aderentes ao petisco matutino não caberia nestas linhas. E aí, toda uma turma se formou em torno do evento. O Galo da Gentilândia foi por um tempo um referencial e um ponto de encontro para muitos deles. (Amanhã no Galo!)

Dois caldeirões remexidos fumegavam no lado sul da praça. Vilela tinha preferência pelo galo de uma senhora alegre e cordial, que costumava nos servir. Não sei agora se os feirantes levavam alguma vantagem daquela invasão ou se algum deles terminava por não comer do galo. Na verdade, eram vários galos. . .

O certo é que hoje, lembrando aquelas manhãs irresponsavelmente ensolaradas e cheias de sono, senti falta daquela verdadeira “função”, no sentido matuto, genuíno, da palavra. E senti também que a Fortaleza está maior, mais distante e mais dispersa. Este é o meu registro do Galo da Gentilândia.

(JD, 04.11.88)

O GALO DA GENTILÂNDIA (II)

Outro dia, encontro-me, na Padaria Espiritual, com o Mestre Vilela. Francisco das Chagas Barros Vilela. Ou F. Vilela. Ou simplesmente Vilela, como é conhecido nas rodas boêmias centrais e suburbanas, principalmente suburbanas, porque o Mestre tem patente de Padrinho em praticamente todos os bairros de Fortaleza. E do nosso encontro resultou este *adendo* ao meu primeiro escrito sobre o Galo da Gentilândia. Para falar de Da. Fransquinha, aquela senhora que nos servia o galo. E de outras coisas.

Me contou o Mestre que, há uns cinco anos, Da. Fransquinha arribou para São Paulo, atrás do seu amor, que arribara antes, sem despedida. Coisas de nordestino. É sentir saudades longe, dos amigos que longe ficaram. Será que ela o encontrou? Coisas de brasileiro.

O Seu Manuel, ali da esquina da Praça, pergunta sempre por mim e pelos amigos. Vou dar uma chegada lá, digo ao Vilela. Só que agora não existe mais o galo, me revela o Mestre, entre resignado e saudoso. E lembra aquelas moças bonitas que chegavam de *longo*, vindas, certamente, de alguma festa chique, para saborear o galo com os amigos, que saíam depois em fila, com as buzinas dos carros ligadas. Algo folclórico.

Aqueles homens rústicos, os feirantes, ficavam encantados com a beleza das garotas. O Mestre Vilela jura que eles sentem falta delas. Eram bonitas, eram simpáticas, eram boêmias.

O Galo da Gentilândia quase que virava instituição. Agora, que não tem mais a Da. Francisca, o galo canta num quintal irreal o seu canto irreal (ainda existem galos e quintais, Belchior?) e nem tem mais aqueles encontros de manhãzinha para o evento "Galo da Gentilândia", é bom lembrar que aquela movimentação toda em torno de algo tão simples, vulgar e, no entanto, ludicamente desejado, está deixando muita gente inconformada.

Roberto Bonfim, companheiro de antanho dos primeiros apreciadores do galo, garante que, se voltar a existir a iguaria, voltará também à Gentilândia, todo sábado às seis da matina. E o Monsieur Vincent ajunta: - Rapaz, o Galo da Gentilândia não podia se acabar!

Segunda-feira última, dirigindo-me à redação do *JD*, passei pela velha praça, muito suja, e pensei, olhando para o amontoado de cadeiras, engradados, bancos de madeira, tábuas e outras bugingangas: a Fortaleza de quinze anos atrás está longe desta cidade que, provavelmente, daqui a quinze anos não se reconhecerá. Isso é bom?

(JD, 14.11.88)

RELEMBROS DE PONTA D'AREIA

Dois caminhos recentes de asfalto, que se estendem em direção oeste e se tocam por uma perpendicular, lá onde está o Iate Clube de São Luis do Maranhão, traçam a espinha dorsal viária de Ponta d'Areia.

É hoje um bairro moderno, que a cidade foi inventando, partindo de São Francisco e do Calhau. Deram um “chega pra lá” na pobreza periférica que vinha se instalado na Ponta, reprimiram-na mais sobre as palafitas de entre a ponte José Sarney e o São Francisco.

Em Ponta d'Areia há um ancoradouro de barcos pesqueiros e de travessia para Alcântara. Os barcos de propriedade dos nativos cobravam, em janeiro passado, algo em torno de trezentos cruzados por pessoa, passagem de ida a Alcântara. Os estrangeiros (lembro que havia um francês, dono de uma catamarã) pediam muito mais: dois mil cruzados, ida e volta, partindo de manhã e retornando à tarde. As embarcações dos autóctones eram envelhecidas e guardavam um aspecto de passado. Lembravam mares de antes, sei lá, a cor dos barcos talvez, assim meio ocre, muito charme. Passado pobre, é certo, mas algo carismático.

O Forte de Santo Antônio, em ruínas, conserva ainda quase todas as paredes circulares (a base do forte), revestidas de um musgo de tom marrom esverdeado. Não me agradaram muito as construções recentes em seu interior, onde jazem velhos canhões, abandonados. Obsoletos canhões de Saint Louis? “Tout a commencé quand les Français, commandés par Daniel de la Touche...”

Chamou-me a atenção o Memorial a Bandeira Tribuzzi, monumento inacabado, uma homenagem a um dos maiores poetas brasileiros da modernidade, pós-modernismo. Bandeira Tribuzzi, dizem em São Luís, escreveu por ele e até por mais alguém. Mas não foi ferroadado por nenhum marimbondo. . . Estranhei que a placa comemorativa do memorial não contivesse uma palavra sequer. E me disseram que já faz alguns anos que ali está. O poeta, agora totalmente livre do tempo e seus ditames, agora com todo o tempo que lhe haverá de conferir a memória do povo, não tem nenhuma pressa.

Da Ponta d'Areia, a silueta azulada que mal se vislumbra a noroeste, é o continente brasileiro.

Por essas latitudes, pedindo a Deus que não morresse sem que voltasse para lá, naufragou Gonçalves Dias, de volta do exílio. Sem ouvir outra vez cantar o sabiá.

(JD, 04.07.88)

ALCÂNTARA

Perdi na travessia do mar de Alcântara, a noroeste de São Luis, o boné azul que adquiri na Casa do Mincharia, na Praia de Iracema. O barco Newton Belo zarpou da hidroviária de São Luís às oito horas. Ali em baixo, é grande o movimento do mercado de peixes, desde cedinho. O Comandante Serra, cearense que há quase trinta anos vive e convive em São Luís, apreciador do melhor vinho, nos acompanhou a mim e a Ana Maria nessa viagem até Alcântara, relíquia arquitetônica e histórica do Brasil.

O barco tinha algo como vinte e cinco metros de popa a proa. Uma vela vermelha gigante içada ao vento terral auxiliava o motor barulhento, que exalava fortíssimo odor de óleo queimado. Essa travessia dura, em média, uma hora e quinze minutos.

Lotava a embarcação gente humilde transportando mercadorias diversas. Levando de São Luís para Alcântara os gêneros ali não disponíveis. O mar, meio agitado, fazia o barco ranger em suas amarras e a proa, de vez em quando, levantava um salpico de água para o céu azul. Subimos ao convés para melhor desfrutarmos a paisagem ao redor, vendo se afastarem as silhuetas de São Luís, sentados no piso, a fim de evitar tombos. Aos poucos, foi-se desenhando o horizonte poético de Alcântara. Por um momento, Ana Maria pensou estar sentindo a tradicionalíssima desagradável sensação de enjôo, em virtude do balanço mais forte das ondas, do vento forte e do cheiro ativo de óleo. Passou.

Para o desembarque, utilizam-se pequenos botes de vara, que alcançam bem um ancoradouro velho de alvenaria. Alcântara se projeta na ladeira enorme ladeada de casas antigas em cujas janelas os olhos fatigados dos nativos contemplan os forasteiros ainda com certa curiosidade ingênua.

Alcântara tem uma praça principal onde se ergue ainda o pelourinho, ao contrário de Salvador, onde só o nome restou. Ao redor dessa praça, em cujo centro está uma igreja em ruínas, ficam os bares onde podemos tomar uma geladinha, à sombra de centenárias árvores. Subindo mais, chega-se à Igreja Matriz, de interior antiquíssimo, do século XVII. Em frente a essa igreja, o que restou de um palacete construído especialmente para hospedar o Imperador Pedro II, que nunca veio a Alcântara.

Há ali uma ressonância, vozes do passado parecem sussurrar. Algumas construções, como a Igreja do Rosário, do Século XVIII, e sobrados que ostentam um semblante soberbo, embora mutilados, nos dão conta do quanto temos que aprender hoje, para o futuro, buscando no passado uma referência, uma prova, uma lição.

(JD, 18.07.88)

CLARA DE ASSIS

Lembro-me hoje do banco de colégio que dividíamos. De algumas caminhadas até a esquina da rua que me chega suavemente à lembrança. A rua por onde eu gostava de caminhar tinha altíssimas árvores de ambos os lados, sobre as calçadas. As casas, não sei porque, as casas eram pintadas de azul e cinza. Ao meio dia, as sombras eram mais sombras, guardavam a brisa fresca das manhãs de julho. As férias eram assim: passeios pela rua onde morava Clara de Assis.

Lembro-me hoje de sua mão trêmula, recebendo-me a caneta para a prova de História. De ter propositadamente esquecido-me da caneta, só para ir apanhá-la em sua casa. Claro que Clara era muito jovem, muito bela, assim como a atmosfera do seu jardim, que respirava um perfume ameno. A rua. . . Mil novecentos e sessenta e quatro, talvez cinco. A rua acolhia uma folharada seca, tangida pelo vento de agosto. A casa onde morava Clara de Assis estava fechada. O portão retinha folhas acumuladas. Um ano depois ela voltou de uma cidade do interior, para onde haviam ido os seus pais. Presenteou-me com um disco do cantor português Francisco José, chamado “O Coração que Canta”. Em sua casa ouvi por muitas vezes o LP. Ficaram-me algumas canções, “Olhos Castanhos”, “Aquele Janela Virada Pro Mar”.

Lembro-me de todas essas passagens, porque passando agora pela rua em que morava Clara de Assis, não vi árvores, nem tampouco casa. Muros altos guardam um condomínio fechado. É, a rua é outra. Completamente estranha. Também os moradores são estranhos, não cumprimentam os que passam, como fazia aquela senhora da segunda casa, comigo. Confesso-me exilado de uma rua da minha cidade. Rua desaparecida, arquitetura suplantada. Sinto-me exilado, sim, numa cidade que, como disse o poeta, está cada vez “plantada mais em nós do que no chão”.

Um arquiteto disse, algures, que um edifício deve lembrar uma ave recém-pousada num plano. O que vemos?

A cidade que sonhamos e que vamos dia-a-dia perdendo, está na nossa lembrança edificada. E bem que poderia ser edificada para o futuro. A cidade que sonhamos está cada vez mais distante da que vem manchando este chão. Uma arquitetura geminada com o sentimento do habitante, essa a cidade que se encontrava na rua onde morou Clara de Assis.

(JD, 20.06.88)

OS OITIS DO BULEVAR

De onde estava, na Barra da Tijuca, para chegar a Vila Isabel, a convite do amigo Araken de Pinho, que é nascido ali, passei pela floresta, travessia ecológica, detido o passo em cada recanto mais rico em memória ou em paisagem.

Já conhecia a Vila de nome e de fama, mas longe está de saber a Vila tudo o que se fala e proclama fora da Vila. Dentro dela, a história é diferente.

Começa que a Vila tem sua personalidade própria. Solenemente, seus moradores ignoram as badalações da Zona Sul, até porque, em se tratando de festejos, folguedos ou enredos, sinceramente, a Vila está léguas adiante. Isso, sem farofa.

A rua Justiniano da Rocha me presenteou uma senhora lua cheia, sob cujo brilho, que abraçava os morros ao redor, ouvi a história recuada da Vila e, naturalmente, as notícias de agora, que dão conta da chegada de cariocas que fogem do centro e até da Zona Sul.

De Da. Janice Neves de Pinho recebi uma acolhida afável e até carinhosa. Sabendo que eu ia pra longe, insistiu em que falasse ao telefone com Fortaleza, dissesse a ela que estava na Vila.

Na Rua Visconde de Abaeté, esquina com o Bulevar 28 de Setembro (os oitis do bulevar. . .), está o Petisco da Vila. Ah, barzinho cheio de carisma! No Petisco, fiz amizades repentinas.

E a rua dos Artistas? Ó Aldir Blanc, você foi modesto demais ao decantar os botequins dessa rua. Sons de violas, bandolins, cavacos, se espalham na noite, a partir daquelas esquinas antigas. No Siri Bar, cheio de garçons do Ceará, o melhor chopp que já tomei. Em frente, aquelas casas de varandas laterais... Ainda há serenatas ali. Ah, serenata, flauta, mulata ingrata, lua de prata!

Um dia, todo o Rio de Janeiro consolou a Vila, ou melhor, chorou com ela. Era 4 de maio de 1937 e morria o seu Poeta. Violões em Funeral. Sebastião Fonseca declamou aqueles versos que Sílvio Caldas traria de volta para sempre ao seu lugar de origem.

1986. É claro que há 50 anos a Vila era ainda mais bela, com Noel, seu violão e seu verso magoado. Mas as calçadas do bulevar, pautas imemorais, me foram suficientes para provar o âmago das noites dessa vila encantada. Que cantou e contou muito no carnaval deste ano. Torci demais por ti, ó Vila!

Foi assim que, durante três dias e três noites, vivenciei a Vila. Obrigado, Araken.

(JD, 27.06.88)

OS MIGUÉIS

Tudo indica que estamos vivendo uma era de Miguéis. Há, na verdade, uma ascensão miguelista. Desde o arcanjo, anunciador bíblico, integrante da suprema hierarquia dos anjos, até hoje, têm as pessoas com este nome alcançado notoriedade fora do comum.

Miguel Arcanjo está na gênese do cristianismo. Passou por Adão, pelo Êxodo e mais tarde, aconselhou e incentivou Maomé, segundo os muçulmanos.

São, na verdade, muitos os Miguéis que se notabilizam. Assim, de memória, lembro Miguel o Sírio (século XII), fonte especial para o estudo das cruzadas, Miguel Ângelo (1475-1546), gênio italiano, pintor, escultor, arquiteto e poeta, aquele que lá de Caprese, lugarejo da Toscana, veio a Roma mostrar ao mundo (e ao Papa) que o sangue que lhe corria nas veias haveria de alimentar séculos de arte. Lembro Miguel o Bravo, príncipe da Valáquia, que em 1600 uniu os três principados romenos para a formação do estado nacional. Lembro Miguel Fiodorovitch (1596-1645), que inaugurou uma dinastia, pois foi o primeiro Romanov. Lembro Miguel de Cervantes (1547-1616), o príncipe do engenho espanhol, a quem D. Quixote de La Mancha deve o sonho dos moinhos. Miguel Angel Asturias (1899-1974), guatemalteco de muito talento, que escreveu “Leyendas de Guatemala”. Lembro Leopoldo Miguez (aqui, como filho de Miguel) (1850-1902), grande músico brasileiro, daquele poema sinfônico “Ave, Libertas”. E José Rodrigues Miguéis, português de 1901, cujo livro “Uma Aventura Inquietante” de 1959, li em edição lusitana há bem 20 anos. E Miguel Hernandez (1910-1942), poeta imenso, revolucionário espanhol, morto aos 32 anos nos cárceres de Franco. Tem também o Miguel Jackson, já destes nossos dias, de muita dança e frenética música, quando quase todos “dançam” e muito poucos tocam de verdade.

Todos esses Miguéis e mais uma infinidade deles estão pontificando na trajetória das letras, das artes, da política e da ciência.

Miguel é o que não falta, em todos os campos da atividade, presença constante na longa história da humanidade.

Mas é de três Miguéis que desejo falar: O Mikhail, o Michel e o Michael, Gorbachiov, Rocard e Dukakis. Na União Soviética, na França e nos Estados Unidos, eles estão em ascensão.

Inauguram hoje uma nova etapa nas relações internacionais. Aguardemos os frutos do trabalho desses Miguéis.

(JD, 01/08/88)

SANTA ROSA, TRISTÃO E A MEMÓRIA DAS ÁGUAS

Tristão Gonçalves, o Presidente do Governo da efêmera República Confederada do Ceará, tido, por muitos de nós (por mim, inclusive) como o maior herói cearense, um dos mártires da Confederação do Equador, é uma dessas personalidades marcantes a quem a historiografia oficial brasileira teima em não reconhecer toda a verdadeira expressividade e o devido valor.

Ainda criança, ouvira de meu pai poemas sobre a sua figura legendária de herói morto em campo de batalha; guardo, inclusive, um soneto, por demais significativo e rico de válidas metáforas, em que o autor (cujo nome não me ocorre mais de memória e ando a buscar junto às pessoas que em nosso Estado estão mais vinculadas à história e à literatura) descreve, com tão rara sensibilidade, os instantes derradeiros da vida de Tristão:

“Na barreira maior de Santa Rosa,
ferido, o que da fuga o despersuade,
Tristão Gonçalves pára. Além, radiosa,
a luz do ocaso doura a imensidade.
Soam mais tiros; um torpor o invade.
Vai cair. Vai morrer. Mas antegoza,
nem vero anseio de brasilidade,
a paisagem da terra majestosa.
Tomba, afinal. A turba ainda o mutila
e vai-se. Após, na tarde azul, tranqüila,
passa uma garça em solitário vôo.
Noite, silêncio. Mas, de quando em quando,
ouve-se a voz da gleba, murmurando:
- Sonhador, eu te bendigo e te abençoô.”

Em 1824, no dia 31 de outubro, morria Tristão Gonçalves, à margem do nosso querido Rio Jaguaribe. Um século após, o Instituto do Ceará, num gesto digno e louvável, mandou-lhe erguer um monumento, no local em que tombou o herói da República, sábia providência em homenagem àquele que representou com dignidade, altivez e coragem a terra e o povo cearense.

E agora, quando se proclama oficialmente a imperiosa necessidade da construção da barragem do Castanhão, a qual terá um volume de água três vezes superior à de Orós, “imperiosa necessidade” essa que irá inundar uma extensão de mais de setenta quilômetros ao longo do Rio Jaguaribe, fazendo desaparecer sob suas águas a cidade de Jaguaribara (a Santa Rosa em que se encontra sepultado Tristão), indo ficar submerso, inclusive, o sítio histórico onde se encontra o monumento erguido em sua memória, este tema histórico volta ao nosso convívio diário.

Francis Vale, a quem nos juntamos agora Oswaldo Barroso, Rosemberg Cariry, Ronaldo Nunes, Rodger Rogério, Arruda Jr., Eugênio Leandro, eu e outros companheiros, estamos empenhados na realização de um filme, que leva o nome do título destas linhas, película na qual se fará, com fidelidade à história, a encenação dos últimos momentos da vida de Tristão Gonçalves, além, naturalmente, da realização de entrevistas, depoimentos, citações históricas e literárias, e tudo o mais que guarde relação com aqueles acontecimentos da história do Ceará. Segundo o Francis Vale, o filme terá, porventura, também o seu aspecto mágico e criativo, o que, por certo, o enriquecerá ainda mais. Aliás, deixo aqui o meu testemunho de que, desde os primeiros contatos que mantivemos - isso terá sido por volta de 1974 ou 1975 - o companheiro Francis Vale já falava do seu projeto: a revivificação de um dos acontecimentos mais relevantes da história do Ceará, a Confederação do Equador, acontecimento que, sem sombra de dúvida, influenciou também na própria história do Brasil. O filme terá, ainda, passagens em que se poderá observar, ao longo do tempo, a luta que desenvolve, anonimamente, o povo, em busca de sua verdadeira identidade cultural e papel na história.

A iminência da submersão daquela região sob as águas da barragem do Castanhão vem deixando a população do lugar, especialmente os moradores da cidade de Jaguaribara, num estado de tensão, revolta e perplexidade. Com efeito, como suportar ver ser inundada a sua infância, os seus caminhos, as suas árvores, a casa dos seus pais, avós, amigos?

O filme, tão necessário quanto fascinante, pelo seu argumento múltiplo e de grande abrangência, será fruto desse longo trabalho desenvolvido por Francis Vale, ao qual juntamos agora os nossos esforços, solidários com a realização desse ousado e brilhante projeto. As águas da barragem do Castanhão não impedirão que a memória de Tristão Gonçalves, apesar de submersos o marco-memorial erguido em sua homenagem e o próprio jazigo, junto à igreja de Jaguaribara, seja suplantada em nossa consciência histórica.

“Santa Rosa, Tristão e a Memória das Águas”: um filme que representará, com certeza, um marco na história da cinematografia do Ceará, trabalho de alto significado cultural, político, social e histórico.

P.S.: O autor se coloca, logicamente, favoravelmente à irrigação do Vale do Jaguaribe, da Chapada do Apodi, enfim, de todo o Nordeste semi-árido; admite, porém, que existem medidas alternativas, sem a produção de traumatismos ou choques culturais.

(O Povo, 23/03/86)

CATAVENTOS DE PARAPUÃ

Outro dia (me parece que foi no 7 de janeiro passado), em casa do meu irmão Virgílio Maia (que possui uma belíssima miniatura de catavento, de mais de um metro de altura) falávamos sobre projetos literários que vimos acalentando há algum tempo já e que sempre que servem de tema central para nossas conversas, ganham uma dimensão fantástica, talvez pelo fascínio que exercem sobre as nossas sensibilidades de meninos de várzea, nascidos naquela ilha do rio, na heróica e resistente cidade de Limoeiro do Norte.

Convencidos de que os signos tutelares daquele pedaço de chão estão contidos em objetos quase em desuso, como a máscara (assim mesmo paroxitonado), o pilão, o fole de couro, o passadiço, a marca de ferrar gado, o catavento... Bom, o catavento é um caso à parte, já que até bem pouco tempo atrás, quase todos os sítios, pomares, hortas e até mesmo jardins daquela ilha encantada eram regados, no tempo-verão, pela água que o vento aracati faz brotar dos cacimbões, movendo a rosa-de-madeira, água a afluir pela boca de zinco das bombas dos cataventos. E ainda hoje, a não ser que me engane, quem sabe movido pelo inconsciente desejo de que assim ainda seja, a maioria dos oitões das casas de sítio, naquelas várzeas, ostenta o perfil carismático do catavento.

Pois bem: convencidos de que esses signos merecem freqüentar livros, álbuns, calendários, coisas de gênero, é que nos animamos para a tarefa de registrarmos, cronológica e espacialmente, com menção à sua origem, a quem os fabricou, os mais antigos cataventos de Parapuã, a ilha do rio-poeta. Com a sua história, as suas estórias, as suas lendas, o seu aspecto mágico.

Esse registro, se bem que guarde uma relação mais estreita com a vida dos moradores das margens do Jaguaribe, mais particularmente com os limoeirenses, não terá um alcance apenas localizado, porque trará consigo toda uma saga de lutas contra a escassez de água, essa água que não falta naquela ilha, mas que teve de ser carregada em lombo de jumento, em ombro de ribeirinho, para aguar uma planta, mitigar sedes, lavar o espírito sedento daqueles irmãos. Ao redor da ilha, seja na Chapada do Apodi, na Caatinga do Estreito ou no Sítio Téu, a água não é tão generosa e farta assim, de maneira que as pessoas que habitam aquelas paragens agrestes sabem do quanto vale o par de ancoretas cheias de água, trazidas da várzea.

Os cataventos de Parapuã são o símbolo imortal daquela ilha. Me lembro que os cataventos do sítio do meu pai ostentavam nomes: Gaúcho, Caroba e Suíca... E sei de outros tantos que possuem nome. Será isso sinal de que o catavento se insere na vida do limoeirense como um bicho, um animal, ou mesmo um parente, agregado à família do ribeirinho? Que para a gente dali o catavento possui uma alma?

(DN, 09.02.86)

AVENIDA DEZOITO

O superlotado arranha a textura do asfalto corroído, arrastando decepções, desenganos, humilhações. “O brasileiro é um homem sem nenhuma esperança”, disse um conhecido empresário nacional. Talvez menos por solidariedade fraterna do que por receio da continuação do fracasso do sistema e do modelo econômico vigente.

Sem tempo de se encontrarem, as pessoas correm em busca da palavra que se perdeu num lugar a que não se volta mais, pelo menos hoje. Talvez depois, quem sabe...

Sem tempo de falarem consigo mesmas, a não ser quando estão fugindo, as pessoas correm para dentro dos seus carros e atropelam pensamentos de retorno, avançam nos sinais cansados, fora do tempo.

O que vi, o que se vê é isso. Os carros levando as pessoas sozinhas, tamborilando um samba inexistente no volante, mais pela necessidade de se dizer resolvido a ir ao encontro de uma solução do que pela noção, ainda que inexistente, de um qualquer ritmo.

Já não há mais a palavra (digo, uma palavra) certa para se pronunciar ao passageiro ao lado. Talvez os seus olhos busquem a paisagem fácil da rua à esquerda, mas seus compromissos não são consigo próprio, nem com a paisagem. O que o leva (o que o empurra, melhor dito) é um desejo alheio e inominável de fuga, de esconderijo. “Quando chegar, se ela (ou ele) estiver já esperando, direi que houve um problema no trânsito”. Ou, “tomara que não esteja, que não vá, que se dane”, pensa, aturdido.

O meu carro é também azul. Com cinco anos de uso nem parece tão rodado. O do passageiro ao lado (somos passageiros solitários de um veículo medonho chamado **rush**, impulsionado pelo medo e pelo alheio destino) é mais novo, mas assim amassados, os pára-lamas denotam a pressa com que é usado nessa cidade, cheia de ciladas.

Podem parecer corriqueiras, batidas, mas todas essas, como dizer? impressões, sugestões, ou outro qualquer fenômeno mental, intelectual ou psíquico me fazem sabedor perplexo da não saída em que nos metemos nesta era maluca.

Há quase dez anos atrás, estando em Fortaleza por ocasião da reunião da S.B.P.C., o Professor Celso Furtado, a quem tive o prazer de dar uma carona do Pici até à Beira-Mar, dentre outras palavras que apreciei, disse, ao passarmos por uma daquelas ruas do centro da cidade: “Olhe, está aí todo mundo correndo dentro de um automóvel, suado, nervoso,

sozinho...” Perguntei-lhe: “De quem herdamos isso, professor?” “A máquina, amigo, a civilização do automóvel, isso não é propriamente uma herança”. E eu: “Uma herança maldita, não?” O professor: “Creio que não... Isso é um erro de direção, assim como alguém que se perde e busca desesperadamente os atalhos, ao invés do caminho largo”.

Isso: pelos atalhos, pela pressa de encurtar o caminho (não o caminho de chegar, mas o de fugir) os homens perderam o endereço do irmão, perderam o seu próprio endereço.

Se ao invés de tantos carros que levam homens assustados, sozinhos, tivéssemos bondes arejados (de madeira, os assentos...), com a gente sorrindo em mangas de camisa, voltando ou indo ao trabalho, com a certeza de estarmos construindo.. É, aí, seríamos.

Por não termos sido nós quem inventou essa correria, essa fuga, essa estúpida estrada sem fim nem começo, por desejarmos, do fundo do peito, à sombra do alpendre ou da varanda, a paz da tarde reclinada da mangueira, por merecermos ser quem seremos um dia, abjuramos essa herança maldita, essas desalentadas dezoito horas da avenida.

(O Povo, 30.04.88)

AQUELA CIDADE, AQUELA

Alguém disse, alhures, que uma cidade não é apenas um amontoado de gente e de casas. Bem a propósito, lembrando o querido cronista Franklin de Oliveira e lembrando, também, o queridíssimo Domingos (Domingão) Alcântara, mestre do conhecimento da palavra humanamente, liricamente comunicada, fico a pensar nos sonhos que florescem em cada esquina de subúrbio, a voz do violão-de-antigamente que vai ponteando calçadas entre as folhas soltas da noite de arrabalde... entre as almas em convívio de alegria simples, fácil como o escorregar do arroio, alegria cristalina como a certeza da manhã-de-verão. Fico a deixar correr minhas lembranças sobre a cor dos telhados vermelhinhos, abraçados pela neblina da tarde suburbana. O bar, onde Seu Quim desengarrafa de dez a doze cervejas “véu-de-noiva”. E as praças, caladas, arredias...

E já que uma cidade não é, definitivamente, apenas um amontoado de casas e de pessoas, mas uma colméia de sonhos, um pombal ruidoso de palomas que cruzam os céus da infância, da juventude e da velhice, onde cada pátio tem um coração e dentro uma fogueira, nesse adejar de almas que só se iludem com a beleza porque a beleza existe mesmo para isso, para iludir, por ser uma cidade tudo isso, é que deixo o pensamento me recordar, trazer-me de volta ao coração as ruas e vielas que, mesmo ainda não percorridas (aquela travessa marginal, em Monte Castelo...), tenho-as nas linhas da mão, conheço suas rosas singelas, seu cheiro de bugari, de jasmim despetalado e de namorada mágica-meiga em sua ternura simples, mas tão ardente.

E já que uma cidade é tudo o mais que passeia na lembrança dos bairros mais de dentro, assim, a Praia de Iracema, por excelência, vai alimentando o meu relembro. Mesmo a lembrança de antes de mim, quando a boemia atendia pelo nome de poetas queridos, lembrados assim meio pela metade, alguns esquecidos em sua inteireza de cidadão poética e nomademente identificados com o bairro de outrora. A igreja de São Pedro, quando ainda se cobria do vermelho antigo do telhado original, com o seu sino, modesto patriarca daquelas almazinhas de senhoras tão suaves, a igreja deve ter visto passar as caravanas de boêmios em busca da noite iluminada... quantas vezes, em busca da feiticeira lua de Iracema, maior sobre aquelas calçadas do que em qualquer página de romance.

Nesse relembro, deixo passarem, como em tela, as paisagens que se erguiam em cada canto de rua, como uma casa recém-habitada por um iracemense convicto, que antes morando noutra bairro, já vivia a Praia de Iracema. Porque a Praia de Iracema é território para ser vivido, além de habitado. Por isso é que, evocando a cidade aquela, é a Praia de Iracema o bairro por excelência de todas as paisagens que se aninham na memória da gente. Por tudo isso - mas também por outras vertentes de apreciação de uma cidade, aqui não evidenciadas - é que nós, namorados-moradores desses bairros cheios de espírito, de verve e de noturna convivência, renovamos sempre a nossa saudação cordial àquelas ruas que habitam dentro e fora do tempo, habitam em nós, por serem o seu traçado o caminho que cruza o desejo de encontro, o desejo de repartir, construindo a cada dia a certeza maior do cidadão em sua plenitude.

Porque só existirá a cidade, inteiramente, quando existir a cidadania também por inteiro. Pois como nos ensina Paulo Mendes Campos, multiplicamos a nossa dor quando sorvemos a dor do irmão, mas aí, também multiplicamos a nossa esperança. E percorrendo suas calçadas, é que damos ao nosso bairro um beijo prolongado como cantou Gardel.

A ESTIRPE DOS FAVELADOS

Entrei pela viela principal, ladeada de plantas do tipo cróton e cara-de-cavalo. Estreita, com uma fiação elétrica que passava um pouco acima da minha cabeça, mas porventura em função daquela tarde de pássaros, a ruazinha modesta era, no entanto, “uma paisagem de festa”, como nos falou o grande Jorge Faraj, que teve, certamente, da favela, uma visão real, ainda que matizada com a poesia que lhe jorrava das palavras que pronunciava cantando, dos gestos que empreendia.

Depois, caminhei por uma outra ruazinha, infinitamente presa pela pungente pobreza que faz dos seus moradores algo semelhante a integrantes de um teatro irreal, algo de mamulengos, bonecos bizarros, algo de uma dimensão transcendentemente fantástica.

Teatro, a favela não é. Ainda que tenha sentido essa estranha sensação de irrealidade, de palco, enfim, de alguma coisa ligada à “persona”, sei o bastante da dura sobrevivência dos moradores dessas pequenas (às vezes nem tanto) cidadezinhas ubicadas no dorso das colinas, escondidas entre os tapumes das vias férreas, derramadas sobre as depressões lodosas periféricas, ou sobre os maceíós alagadiços. São cidadezinhas com um caráter próprio, pequenas pátrias que albergam os exilados da pátria maior, inexistente, que abrigam esses brasileiros que fogem, ou melhor, que escapam da morte para irem submorrer nesses territórios.

A ruazinha estava cheia de meninos, gatos, cães e outros bichos. Corriam desordenadamente, como se estivessem à procura do reino da infância, que é o reino do sonho em vigília. Ah, grande reino perdido!

Corriam. No entanto - eu o sentia - não tinham propriamente direção, não existia entre eles um elo que pudesse significar uma mesma intenção, um só prazer lúdico. Talvez corressem assim - pensei por um momento - porque simplesmente têm pernas e pressa de sair à luz. A angústia de viver lhes guarda os passos...

Um garotinho louro e descalço caminhava vagarosamente sobre a água escura de um quase regato, cavado irregularmente, atravessando a ruga triste do terreno, espécie de cloaca, esgoto a céu aberto por onde escorriam lavagens, dejetos, água de sabão... Não me ocorreu, naquele exato instante em que me detive a olhar o meninozinho, pensar em sua morte, mas na Morte, o “danado número um” de que falava Augusto dos Anjos. Essa morte grande, que ronda a humanidade faminta, expulsa de suas possibilidades, expulsa de si mesma, essa morte estranhamente convidada a penetrar nas casas, choupanas, favelas, estranhamente familiar a esses irmãos que outros irmãos não admitem que o sejam.

O garotinho louro me sorria. Não pude continuar a merecer o seu sorriso puro. Era alguma coisa demais... Dobrei à esquerda, por uma via estreitíssima, escura e mal cheirosa. A uns duzentos e tantos metros adiante, havia um botequim. Avistei o carpinteiro que me havia construído uma estante e tomei com ele um trago. Os circunstantes eram todos operários, artesãos, mestres de serviços baratos, eletricitas, bombeiros... gente brasileira da melhor e mais humilhada estirpe: os favelados.

Pais dessas criancinhas que sorriem aos homens que expulsam da vasta terra brasileira, os brasileiros. Os que ostentam ainda um sorriso e dançam no carnaval. Os que, injustiçados, sonham humildemente com o dia em que possam ajudar a qualquer um.

É, minha gente, os favelados resistem. Resistem à indiferença agressiva dos donos da cidade, à infinita penúria que os arrasta para as cloacas. Resistem, enfim, a essa terrível era em que a pátria não chega a ser uma abstração, mas uma continuada morte, calada, sem vizinhos, sem irmãos, sem infância.

(O Povo, 06.08.88)

LUA CRIS * E LUA CHEIA

Ficção: esta, uma palavra que fascina. E que merece respeito.

A verdadeira obra de ficção traz, em seu bojo, a luz mágica da hora iluminada pela aura do fantástico.

Um conto, um conto, mesmo, há que realizar o transporte do leitor ao país imaginário (ou real?) em que se desdobra o evento, apresentam-se as ações, contagiadamente penetradas dos sentidos, tanto daquele que as inventou/encontrou, quanto daquele que, nesse instante de compreensão da realidade mágica do texto, se invade do transe criativo. Participa da viagem.

A leitura do primeiro livro de contos de Natércia Campos de Saboya nos leva a esse clima, nos remete a esse país de que falo, esse território maravilhoso da narrativa densa de magia e, sem embargo, cristalinamente humana, comovedoramente humana.

Iluminuras. Não podia haver melhor título para esse conto do livro e para o próprio livro de Natércia. Porque a sua narrativa é toda interpenetrada da sugestão de ornamento psicológico, não do ornato *Kitsch* que tanto tem presidido a criação literária destes tempos de pouca verve. Falo do desenho imaginário de situações, circunstâncias e estados de espírito, detectados a cada passagem dos seus contos.

Tal qual a crisálida que detém e protege a formação do vôo de depois, este primeiro livro de Natércia, com muito bom augúrio, anuncia as novas luas cheias que banharão de lua a paisagem literária cearense. A lua de agosto não faz cris * na iluminada escritura de Natércia Campos de Saboya.

* Expressão arcaica que significa eclipse da lua. "Quando a lua faz cris", dizia o sertanejo antigo, "é sinal de má sorte". A autora refere, em seu livro, a expressão, abonada por Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro.

O EVANGELISTA SARAMAGO

José Saramago, que por certo será um mago da escritura contemporânea, criador de um estilo em tudo novo, mas com ressonâncias clássicas profundas, cômico de seu humano valor, nos revela o Evangelho: testemunha a aventura dos homens, sua imponderável grandeza e, no muito das vezes, trágica finitude.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo, desse português velejador de mundos, nos instiga, em seu bem urdido narrar, à reflexão séria e, mais do que tudo, nos espanta e emociona, a bem dizer, a cada página de um vigoroso e mesmo labiríntico enredo.

Jesus, o primogênito de Maria e José, filho de um Deus com quem conversa e de quem recebe promessas que se transformarão em suplício, chora, ama, teme, se enraivece e se extasia, como qualquer outro mortal, condição que em sua vasta compreensão, conseguida em doloroso aprendizado, ainda exacerba em sua alma amorosa e compassiva.

A sua morte pode chegar a provocar revolta, se insistimos na perscrutação dos motivos ou de sua finalidade, ao comprazer do Deus que nele buscou ampliar o nome e que do Diabo não prescindirá, por via de que a existência deste é motivo de maior temor às palavras do Senhor, quando adverte dos perigos do pecado, ainda que falando pela boca dos sacerdotes.

Maria Madalena, a prostituta que da airada vida se redimiu no amor que devotou a esse homem que mais tarde viria a saber predestinado, pede-lhe para não ressuscitar a Lázaro - o que bem compreende Jesus - e o faz para que ao seu irmão não caiba a condenação de sofrer duas mortes. Essa Maria, companheira solidária, inteligência benévola e humilde, sabelora pela boca de Jesus, de seu estigma, sofre por ele, pela Maria mãe dele e personifica tantas outras Marias, pecadoras e santas.

José, o de alma serena, carpinteiro de profissão, pai de nove filhos, morto injusta e desgraçadamente, não resolve bem suas dúvidas com Jesus, que somente após chamado à suave inteligência, pode compreendê-lo e perdôá-lo.

Maria de Nazaré, mãe sofredora, recebendo as visitas de um anjo (ou de um demônio?), permanece aflita e em pesadas incertezas quanto à sorte e ao acerto das decisões de Jesus, de quem o Diabo disputa, com Deus e seus enviados, as espirituais preferências.

De José Saramago, ribatejano da cidadezinha de Azinhaga, a gente logo dá fé da universalidade, pelo tonus e pela abrangência da palavra, ainda mais pelo destemor com que lavra sua escritura, permeada de lusismos, tão familiares ao ouvido de um brasileiro do Nordeste, onde uma vertente arcaica do nosso idioma ainda reverbera e resiste às investidas da mass-media.

Da vocação para o choro também falemos, tão português quanto brasileiro, repetidas vezes sugerido no universal romance de Saramago, onde a lágrima é, acima de tudo, linguagem, aquela que Jesus aprendeu e ensinou, tendo-a conhecido desde tão cedo...

Mas falemos, principalmente, do gênio revelado do brilhante escritor, de suas metáforas apaixonadamente poéticas de seu lirismo intimamente vinculado às coisas da natureza, de sua ironia - às vezes mordaz, outras vezes estretecida de resignada tristeza, outras ainda (raras vezes) vizinha da anedota - sempre denotativa da agudeza de sentidos que preside ao talento.

A aventura humana, seus desdobramentos em cada pátio - diria - do nosso mais íntimo retiro, em cada esquina de rua do destino ou curva de vereda do nosso caminhar, a aventura humana enriquecida pelo brilho da narrativa inquiridora de José Saramago: eis o seu Evangelho.

É para nós, brasileiros, um privilégio a leitura, no original, desta obra (vertida para os principais idiomas do mundo) vazada da genialidade de um dos maiores expoentes da criação literária em nossa língua.

(O Povo, 09/02/92)

“LHINDO OU PAIDÉGUA”

Em se tratando de falares regionais, acentos de pronúncias, diferenças lexicais e até sintáticas, a língua portuguesa do Brasil é realmente rica e variada. Do Oiapoque ao Chuí, para usar a expressão nacionalmente difundida, podemos encontrar uma gama tão variável de diferenças locais, que será surpreendente para um estrangeiro a afirmativa de que, mesmo assim, não haverá nenhuma dificuldade para um caipira paulista entender um sertanejo dos Inhamuns ou um garimpeiro goiano a um peão gaúcho.

O idioma português trazido para o Brasil, pelos mais diversos tipos lusitanos, entre os quais galegos, alentejanos, minhotos, lisboetas e tantos mais, parece ter tido a vantagem de se formar numa espécie de língua franca, para entendimento geral, necessário ao processo de colonização. Sim, porque é sabido o quanto se diferenciam ainda hoje (e muito mais no século XVI) os vários dialetos de Portugal.

Por isso, esses diversos tipos portugueses, ao que parece, submetem-se a essa língua franca brasileira, amálgama dos falares peninsulares, enriquecido com o aporte de termos das línguas nativas e africanas, que veio a ser o português daqui, ao longo desses quase cinco séculos, moldado e refundido regionalmente em suas peculiaridades e acentos locais, sob a influência dos vários substratos, adstratos e superestratos.

Diríamos, para citar apenas alguns falares do continente brasileiro: o paraense molha as consoantes iniciais, o cearense fala como se estivesse aboiando, o pernambucano (principalmente do Recife e adjacências) dança o frevo com a língua nos dentes, o baiano aconselha um quitute, o mineiro balbucia o seu recado, o carioca escorrega os lábios prum lado e pro outro, até na palavra banana, o paulista silva na palavra paulista, o gaúcho cantarola uma milonga. Resumindo: o cearense abóia, o pernambucano trepida, o baiano apela, o mineiro cochicha, o carioca chia, o paulista sibila, o gaúcho solfeja, todos falando a mesma língua. Ah, sintonia!

Misturando tudo:

- Acho lhindo, paidégua mesmo, aquele movimento arretado de gente porreta, dançando aquele trem, sacando na maior o som da moçada, curtindo pacas, a vida. . . é trilegá-l, tchê!

(JD, 19.09.88)

PADARIA ESPIRITUAL

O movimento que se inaugurou no Ceará em 1892, com a instalação de uma verdadeira oficina literária na memorável Rua Formosa, veio suprir a carência de inovação na escritura de então. Os cronistas, contistas, ensaístas, romancistas, críticos e poetas daquela época brindaram o cenário da província com as suas magníficas intervenções renovadoras. Para falar a verdade, aquele movimento - a Padaria Espiritual - que tinha o seu jornal - O Pão - e cujos membros eram chamados *padeiros*, representou, a nível nacional, se queremos fazer justiça ao País do Ceará, um primeiro e importante passo no sentido do “aggiornamento” da literatura nacional de fins do século XIX e começo deste século.

Antônio Sales (que redigiu o Programa de Instalação da Padaria), Lívio Barreto, Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo (eram vinte os padeiros fundadores e quatorze os de segunda hora), representantes legítimos daquele alvorecer literário brasileiro, souberam erguer, com humor e seriedade, sobre alicerces constituídos de argila nova, uma construção que marcou o ambiente literário cearense e se antecipou, sob muitos aspectos, à Semana de Arte Moderna (São Paulo, 1922).

Padaria Espiritual - o nome ficou. Mas não só o nome, como ocorreu, segundo Luis Assunção, com a “praia dos amores que o mar carregou”. Ficou a marca desses padeiros de grandes fornadas.

E é por isso que desejo aqui fazer uma referência: nesta nossa heróica cidade, ali na 25 de Março, esquina com Pero Coelho, há uma *padaria* suprida de alimento espiritual, ambiente rumoroso nos fins de semana, local muito visitado por *padeiros* da contemporaneidade. Na Padaria Espiritual de hoje se reúnem muitos daqueles a quem poderíamos chamar de *amantes da boemia*, além de verdadeiros poetas e artistas.

Como estão sempre na padaria muitos dos meus amigos mais chegados, e como também eu, quase todos os dias, passo por lá para uma breve estada ou para um cumprimento ligeiro aos *padeiros* ou ao “pão-do-espírito”, acho que aquele botequim, que já foi agraciado com reportagens em nossos jornais e, recentemente, até com um soneto do Virgílio Maia, que reproduzimos aqui, merece mais esta menção de honra, já que se trata de um recanto caracteristicamente cabeça-chata, cujo proprietário, o lendário Monsieur Vincent, nascido no Baixio do Sambiroco, lá pras bandas do Mauriti, é figura de proa no recinto...

*Vinte e Cinco de Março, 1007:
corre tranqüila a brahma no balcão.
É quase meia-noite e um violão
em batidos acordes se repete.
Esta velha bodega diz caminhos,
marcos da noite desta Fortaleza
e se da madrugada faz-se presa,
não se contém a cana dos burrinhos.
Bar afamado (não lhe sei rival),
pois se encontra é aqui a boemia,
que se reúne todo santo dia,
na comunhão do pão espiritual.
Recrudescer, boteco, o teu afã,
sob a batuta de Monsieur Vincent.*

Seria longa demais a lista dos *padeiros*. Creio, mesmo assim, que o nome do padeiro Zenon Barreto, atualmente habitante do Sertão de Canindé, mais precisamente de São Domingos, município de Caridade, merece ser lembrado. Isso porque Mestre Zenon é fundador da Padaria e deu-lhe o nome, proposital homenagem ao movimento literário de 1892.

Padeiros de ontem, de hoje e amanhã! Um brinde ao pão do espírito!

(JD, 21.10.88)

JACYRENDY, O LUAR

- Tenho na mente que hoje luareja. . .

O verbo luarejar: evidente que se trata de um idiomatismo português, comprovando o que disse o genial ensaísta Mircea Eliade, quando afirmou que a latinidade é um *expanding univers* (universo em expansão).

Em língua tupi, *jacy* significa lua e *rendy*, luz, brilho. Para dizer *luar*, temos *jacyrendy*, palavra composta dos dois substantivos.

Pensando em luar, belíssima palavra da nossa língua, cuja tradução em treze idiomas demonstra o quanto é ela concisa, objetiva, insubstituível, descobre-se que essas treze línguas deparam com dificuldades para definir o efeito da luz lunar, o *luar*, esse feitiço ainda hoje atuante sobre o coração dos enamorados, com uma única palavra, com uma palavra nascida do seu próprio fenômeno, espontâneo o bastante para não ter-se que recorrer a hibridismos.

Começando pelas línguas românicas, temos em francês *clair de lune*. Claude Debussy deve, pode mesmo ter *pensado o luar*, mas não pôde resumir seu pensamento numa palavra única. *Dommage*. . .

Em espanhol, não pôde o dicionarista galego Julio Martinez Almoyna, para traduzir *luar*, nada fazer a não ser proferir um *resplandor de la luna*...

Carlo Parlagrecco, em seu dicionário português-italiano, fala de um *lume di luna*, traduzindo o *luar*, ainda que a *canzone d'amore* italiana esteja saturada de luares. . .

Clar de luna: em romeno, também Angela Mocanu e Adelino Branco não tiveram como usar uma única palavra para sugerir o clarão da lua que, em Bucareste, banha seus belíssimos jardins; e em catalão, por coincidência, usa-se a mesma expressão para traduzir *luar*: *clar de lluna* (este "l" a mais não muda as coisas...).

As duas principais línguas germânicas (o alemão e o inglês) têm de se contentar com *Mondschein* (Mond, lua; schein, brilho) e *moonlight*, também luz-da-lua. Já o *luar*...

E os russos? Dizem *lunni svet* (luz da lua), ainda que sobre o rio Moskva brilhe o mais dostoiievskiano *luar*...

A sensual poesia árabe fala assiduamente da lua, das belezas da noite iluminada pelo mágico satélite... mas o *luar* é dito *daul-ámar* (luz da lua).

Conversando com o maestro e amigo Vasquen Fermanian, que conhece bem a língua armênia (sua língua de origem), soube: existe em armênio *lus'nak*, que se traduz em *luar*, só que são duas palavras, embora a lua seja só uma...

E Efímia Meimaridou Rola, grega de nascimento, nos revela a palavra *selinófos*. Em língua grega lua se diz *selíni*, e luz, *fos*. Daí, *selinófos*, que evidentemente é palavra composta, para traduzir *luar*.

Recuando no tempo, lemos do poeta latino Horácio, referindo-se ao luar, *imminente luna*. . . com certeza muito poética expressão. Mas era mesmo com *Lunae lux* que os latinos falavam do luar, fosse ele da Lusitânia ou da Ásia Menor...

- “Lua, luá,
vai dizê ô meu amô
prá vim cá...”

Os versos são de Catulo de Paula. Ouvi esta canção muitas vezes. Ele, brasileiro, e a cantora, Amália Rodrigues, portuguesa. O luar, nosso: “Não há, ó gente, ó não, luar como este do sertão. . .”, não é mesmo, Catulo (da Paixão?).

NOTÍCIA DA LÍNGUA ROMANCHE

O latim vulgar que os legionários, colonos e veteranos romanos levaram para a Récia, conquistada no ano 15 A.C., transformou-se, ao longo do tempo, num gracioso falar regional, sob influência de substratos locais, adstratos celtas e superestratos alemães, algo semelhante aos dialetos italianos do Norte, como o friulano e o lombardo, com não raros traços característicos de conservadorismo e um tanto germanizado na ortografia: o reto-romano ou romanche (= rumantsch). Hoje, o romanche é uma língua moderna, perfeitamente apta a veicular a cultura contemporânea com racionalidade.

O romanche é a quarta língua nacional suíça. Os seus falantes, de acordo com a atual legislação da Confederação Helvética, são alfabetizados em sua língua materna e depois optam, na escola, por um segundo idioma, uma das três línguas oficiais da Suíça (alemão, francês e italiano). Cidadãos convictos de sua nacionalidade e de sua cidadania, os romanches conseguiram preservar o seu idioma, verdadeira relíquia da latinitude dos alpes orientais suíços.

No Cantão dos Grisões (onde se fala o romanche) predominam as pequenas e médias propriedades rurais. Por isso, a sua literatura é preponderantemente bucólica, tem um sinete rural (qual diria o nosso poeta Francisco Carvalho), se expressa como se ao som dos chocalhos das vacas suíças, numerosas nos pastos dos vales alpinos dos Grisões.

Li, recentemente, numa publicação da Liga Romanche, um conto ou crônica (não sei se trata-se de acontecimentos reais) de Clo Duri Bezzola, intitulado "Sylv", em que aparece este trecho de poema, atribuído à personagem dona do pseudônimo que intitula o escrito, Silvia, estudante secundarista:

Eu vuless esser una larma,
naschuda in teis ogls,
vivuda sun tias masselas
e morta sun teis lefs. (1)

(1) Eu queria ser uma lágrima/nascida em teus olhos/vivida sobre tuas faces/e morta sobre teus lábios.

Nessa quadra, de grande transparência, mesmo para um leitor que não conheça a língua romanche, há uma comunicabilidade imediata, uma nuance, uma *facies* latina, facilmente detectada. Diria que lembra o francês occitano, ou mesmo o português antigo. Há hoje, na Suíça, um trabalho de normatização (unificação) dos dialetos romanches através da chamada “Lia Rumantscha”.

A língua romanche, respeitada por todos os cidadãos suíços, é falada por nada mais que umas cinquenta e duas mil pessoas, nos campos, aldeias e pequenas cidades dos Grisões, rodeado de montanhas e lagos. Nem por isso, pelo reduzido número de falantes, é desprestigiado: uma lei confederativa, de 1938, determina o seu ensino para alfabetização das crianças romanches.

É nós? Quando vamos respeitar os falares das gentes brasileiras?

P.S. (Trata-se de autor em língua romanche baixo-engadinesa).

(JD, 11.11.88)

SOBRE DOR E SAUDADE

Há alguns anos li, do grande ensaísta português Antônio Sérgio, algo sobre a palavra saudade. Dizia ele, com grande lucidez e percuciência, que não era privilégio dos lusitanos a invenção semântica desse sentimento difuso de tristeza e nostalgia juntas, com um *algo mais* indefinido, fundamento entranhável.

Mas tenho ouvido - e lido - também opiniões contrárias. A saudade seria descoberta dos portugueses, assim como as terras a oeste das Ilhas de Cabo Verde... Menino, ouvia os mais velhos falarem disso, dessa peculiaridade do idioma português, de possuir um termo que define, a um só tempo, melancolia, desejo, dor-de-cotovelo, vaga tristeza pela falta de um não-sei-quê de impossível definição. Tudo bem: com efeito, fui, com o tempo, descobrindo que, pelo menos nas outras línguas românicas, não existia um termo que em toda essa sua vastidão pudesse traduzir a palavra *saudade*. A palavra, vinda originariamente da condição de quem está só (*solis, solitatem*) evoluiu para a confissão desse estado. Uma espécie de tentativa de definir confidências, segredos de alma, resultado desse estado. Nostalgia é pouco. Vontade de ver de novo, pouco. Isso porque, segundo os especialistas em saudade, os saudadólogos, ou saudadistas (não seriam saudosistas...?) insistem em afirmar que o espectro semântico da palavra vai além, podendo corporificar até a vontade de ver algo nunca antes visto, ou de ir a um lugar nunca dantes visitado.

O certo é que, para falarmos a verdade, a palavra portuguesa é realmente endiabrada. *Soledad*, em espanhol, conquanto tenha o mesmo étimo, resta aquém do amplo universo da saudade. Ademais, temos o termo *solidão*, que traduz a palavra espanhola. *Anyorança*, termo catalão, e *añoranza*, termo espanhol, podem se traduzir puramente por *nostalgia* (*nostalgie* em francês), voz da língua italiana e também da língua sarda e do romanche. Mas *nostalgia*, traduzida nos vários idiomas peninsulares, inclusive em Português, é menos que saudade. Nem no provençal, ao que parece, existe algo que traduza, em plenitude, saudade.

Fora do âmbito neolatino, temos *longing*, palavra inglesa, que, ao meu ver, está léguas atrás do ponto alcançado por saudade. Temos ansiedade, desejo (o *désire* francês), anelo (a *arelança* galega), e um montão de outras palavras para traduzir *longing*. No alemão, no russo e demais línguas eslavas, no grego e no sânscrito, todas as palavras que conferem um vago perfume de saudade não chegam a nos abrir os “frascos de loção e abafar o cheiro da memória”, como diria o nosso Drummond. Na América Central, no espanhol da Nicarágua, existe o termo *cavanga*, que um amigo jurava traduzir saudade. Mas quando eu lhe in-

dagava daquele estado de espírito provocado pela cavanga, que seria o umbral (apenas o pórtico) da saudade, o nico se engasgava...

Parêce existir em alguns dialetos escandinavos, certamente vindo do *viking* (esses nórdicos navegaram muito) ainda hoje, algo que tangencia o país da saudade, algo que se aproxima dessa genial loucura lingüística. Mas só se aproxima. O banzo africano, nostalgia letal, não era saudade, mas depressão por um estado subumano a que estavam submetidos os africanos no Brasil.

Mas chega. Voltando ao universo neolatino e ao eminente ensaísta Antônio Sérgio: ele achou de citar, naquele texto, a palavra romena *dor*, confessando que o termo romeno traduziria (ao meu ver integralmente) a nossa *saudade*. Só que o brilhante lusitano atribuiu ao termo *dor* um étimo em *desiderium*, do latim, que significa desejo, anelo, desiderato. E eu até passei adiante, num pequeno artigo sobre a poesia romena, em cinco módulos, em jornal da província. Mas em verdade, *dor* deverá ter tido origem em *dolus, dolum*, do latim, que são derivações do verbo *dolere*, que significa mesmo *doer*. Nas outras línguas neolatinas, *dolus, dolum* evoluiu para o italiano *duolo*, para o provençal e catalão *dol*, para o espanhol *duelo*, para o português *dó* e para o sardo *dolu*. Semanticamente, nem um desses termos tem a ver com *saudade*. Expressam lástimas, dó, compaixão, luto, pena, pesar. Só em romeno *dor* significa *saudade*. A *poezia de dor*, romena, e por extensão toda a expressão ancestral, atávica, canto épico-lírico do povo romeno, é um apelo de *saudade*, gana de voltar ao *eu primeiro*, numa palavra: *saudade*.

E então me veio à cabeça fazer aqui um adendo a essa configuração poético-lingüística do romeno e do português, pela coincidência sonora. Sendo certo que têm origem etimológica diversa, no Brasil, especialmente no Nordeste, *dor* e *saudade* são irmãs gêmeas-siamesas, xifópagas. Nasceram da mesma adversidade telúrica e humana, têm a mesma psicologia, a mesma consistência, vasta, profunda, o mesmo *tonos* de vênus e tanatos. Assim como os pastores e aldeãos romenos, os vates peregrinos daquelas plagas latinas, cantavam e cantam a *doina*, canção de dor e saudade, também os nordestinos recriaram, e continuam recriando, aqui em nosso espaço genuíno, a poesia de exílio em seu próprio país, um cântico de *dor-saudade*. Falamos da morte, para mostrar como faz falta a vida! Mais épica do que lírica, a verdadeira poesia nordestina se reveste das cores do luto e do exílio, sem perder de vista a aldeia humilde onde as madrugadas se golpeiam do canto-do-galo e sangue-nascente dos dias que tanto presenciam a morte, como teimam em anunciar a vida.

(O Povo, 07.10.89)

AINDA A SAUDADE

Não procurei defender a exclusividade portuguesa sobre o significado de *saudade*. Até pelo contrário, citando o ensaísta e crítico Antônio Sérgio, fui mais um dos que verificaram a existência de termos em outras línguas que traduzem (nem sempre integralmente, é claro) a palavra *saudade*.

A intenção do meu artigo publicado aqui no dia 7 de outubro deste ano foi a de evidenciar a coincidência entre a palavra romena *dor* (= saudade) e a nossa palavra *dor* (= sofrimento), na medida da maneira nordestina de sentir saudade/dor. Reafirmo a presteza do termo romeno como repercussão do significado mais entranhável de *saudade*, entre as línguas românicas. Aliás, muitas são as coincidências entre os dois idiomas, em que pese terem surgido em áreas laterais da latinidade, o português no ponto mais ocidental da Europa e o romeno no leste europeu.

Só agora descubro: em 1942, quando era adido cultural romeno em Lisboa, Mircea Eliade escreveu "Dor - A Saudade Romena". Confesso que não li o artigo, mas lendo agora num volume que acabo de receber da Romênia (Edição Junimea, Iasi, 1987) vários artigos do grande ensaísta - sobre Eminescu e Hasdeu - vejo, na introdução do livro, em trabalho elaborado por Mircea Handica, que a relação entre as duas palavras já tinha merecido publicidade, há mais de quarenta anos. Não sei se sob a ótica aqui conferida.

Veio também agora a lembrança do termo *rimpianto*, tão pronunciado nas canções italianas da primeira metade do século, composições de altíssimo valor artístico, em que se deplora o estado de solidão ou separação, evidenciando o mal que Henrique Pongetti chamou-de *crepacuore* (= fende-corção) e do qual teria falecido a sua mãe, no Brasil, saudosa da cara Itália.

Amigos me procuram e aduzem seu adjutório: Elmar Arruda indica a palavra russa *toská*, que configura aquele estado saudoso, anelante de algo ou de alguém; Samir Jereissati me informa do árabe *suaida* que, além de significar nostalgia, desejo indefinido de alguma coisa, lugar ou pessoa, lembrança de um ente perdido, poderia, a seu ver, estar etimologicamente ligado ao termo da língua portuguesa. Pode se tratar apenas de mais uma coincidência fonética. Mas não deixa de ser curioso: *suaida* (= saudade).

O certo é que outros povos, alhures, têm a sua saudade, inegavelmente. Quem quer que tenha deixado a sua aldeia, o seu país, o seu lugar de origem, há de sentir a perda desse microcosmo de referências afetuosas, de lembranças da meninice, da vida singela da infância. Talvez muito mais ainda quem se obrigou a abandonar o torrão natal já adulto, tangido pelos ventos da adversidade da natureza, mas principalmente premido pela adversidade das relações humanas (melhor dito desumanas), onde não teve direito a um nome, a uma moradia, a um trabalho digno. É aí que a saudade é a própria dor da morte, daquela morte que mata coletivamente, destrói comunidades inteiras, se instala na psicologia dos vencidos e deserdados, saudosos de um tempo que não lhes foi dado viver, junto das pessoas e das coisas que ama. Um tempo a que faz jus, já há muito tempo.

Essa, a saudade nordestina, que tem cheiro de cajarana madura, de flor de muçambê, de cajueiro em outubro, de marmeleiro reverdecido, perfumes que o nordestino não aspira, vagando pelas cinzentas avenidas das metrópoles brasileiras, dolorosamente pisadas pelo sertanejo sem sertão. A saudade, aqui, é a dor plural de um país.

(O Povo, 21.10.89)

MÓDULO NORDESTINO

Quem sabe o Nordeste - digo o Nordeste que sabe a passadiço, costaneira, avelós, mufumbo, chiqueirador, cambito, mulungu, brejo e carasco - quem sabe o Nordeste conhece uma ressonância profunda que lhe nasce e se desfolha em ritmo corajoso, um ritmo mais-resposta, *mais-espírito*.

Sílvio Roberto de Oliveira, jovem poeta pernambucano, sabe tudo isso. O seu primeiro livro, *Modo Nordeste*, dá fé de cantigas que não precisam ser inventadas, porque nascidas de uma ancestralidade fecunda, que permite, sem embargo, sempre um novo represar e escoar do gosto e do fôlego de quem a exercita, em punho e palavra. Esse poeta, nordestino no que esta titulação - aqui, esta vantagem - possui de válido e duradouro, apresenta-se já com desnecessidade de apresentação.

A poesia de Sílvio Roberto de Oliveira, conhecedor, por profissão, da consistência da argila da terra nordestina, se junta à poesia que nos remete ao galope, ao martelo, à quadra, às parelhas, ao mote repensado: poesia forjada, ou melhor, vincada na forte evidência da nossa Ontologia, poesia solidária, frutífera. *Modo Nordeste* é um Canto, sem dúvida; está inserido no realismo épico de que nos fala Marcus Accioly, ou mesmo no Realismo-Crítico de que nos informa Adriano Spinola.

Não vamos imaginar, contudo, que o poeta nordestino se proíba de viagens a outros temas, circunstanciais ou seculares, a imagens díspares, a estilos singulares. Esta condição de nordestinidade, antes espontânea do que intentada, não implica no desprezo pelo alienígena, não quer dizer xenofobia, não. Esta situação é um estado natural de cultivo necessário - diríamos - de lavradio promissor, fonte inexaurível de criação, porquanto, rimando com tudo o que envolve a nossa atmosfera psíquica, nossa vocação literária é o exercício tanto do pró quanto do contra, tanto da saudação quanto da resistência multiplicada e multiplicadora de uma força radical, no sentido primordial do termo; "a raiz reencontrada" de que falou o araucano Pablo Neruda.

Essa riqueza formal comum ao reino da verve nordestina - e que Sílvio Roberto de Oliveira tão bem apreendeu - antes diria que vive - e pratica - passa, muitas vezes, ao largo da percepção de determinados críticos que, valendo-se de argumentos anti-regionalistas, terminam por deixar de captar toda uma universalidade telúrica, encrustada nessa temática nordestina/planetária, que embeleza e convence. E não se esgota a sua possibilidade de desdobramentos, recriações e múltiplos reflexos, como os demonstra Sílvio Roberto em seu *Modo Nordeste*. Ei-lo aqui, reivindicatório:

“quem tem medo da rima/
quem tem medo
dessa coisa banida/
dos poemas?”
da consonância que afivela
os temas
sem janela mostrar/
o seu segredo?

Modo Nordeste é fogo aceso no lajedo. Naquele lajedo repousado nas proximidades da casa do nosso tio-avô, contador de estórias e entusiasta da cantiga que se ouve no sempre. Ou então no pátio da casa de Mestre Carpina, de um Aderaldo, ou Patativa do Assaré.

Fogo no candeeiro, brasa no risco do trem, chama na turbina da nau-do-espço.

A poesia de *Modo Nordeste* “é brasa de ferro sobre o couro: marca registrada, *made in Nordeste*”, na fala desse outro nordestino, o poeta Marcus Accioly.

Deixemos o poeta a galopar:

“Cavalo da noite, tecido de escuro,
sem sela, sem peia, sem silha, sem medo,
cavalo de treva, forjado em segredo,
marcado nas ancas do fogo mais puro.
Na têmpera a sangue, do avanço mais duro,
fareja pelejas de estranho avatar,
rodeia vingança de eterno rondar,
e o nome medonho que empina e releva,
disfarça na sombra, cavalo de treva,
voando galope, na beira do mar”.

(Diário de Pernambuco, 23.08.85)

ROMÊNIA: UMA INTERROGAÇÃO E UMA ESPERANÇA

Tribos bárbaras de trácios, reino pagão de Zalmóxia; estado dácio unificado; província imperial romana (Dácia Félix); território à mercê de invasões (séculos 3/11); principados de voivodas feudais; parte do império austro-húngaro; parte do império otomano; monarquia constitucional; ditadura nazi-fascista; república popular; estado socialista; ditadura policial-militar; hoje, uma interrogação e uma esperança.

Devo iniciar este artigo confessando que o meu interesse pela cultura romena - sua história, sua literatura, a língua românica ali falada até hoje, símbolo da resistência do caráter nacional romeno - data de mais de vinte anos, quando descobri, estudando autodidaticamente as línguas românicas, que o romeno integrava a vasta família lingüística latina a que pertence o português, além do espanhol, catalão, francês, provençal, italiano, sardo, romanche, sem falarmos das vertentes codialetais do gallego, gascão, friulano, ladino, andaluz etc.

ORIGENS

A Romênia situa-se no sudeste europeu, ao norte do rio Danúbio inferior, na Península Balcânica, limitada pela Hungria ao norte, a leste pelo Mar Negro e URSS, pela Iugoslávia a oeste e Bulgária ao sul. O território da Romênia de hoje corresponde, com algumas ampliações a leste e subtrações a norte, nordeste e sudeste, ao território da província romana da Dácia, conquistada por Trajana em 107, após duas longas e sangrentas guerras contra os dácios, nativos da região, comandados pelo seu destemeroso rei Decébalus. Segundo o historiador grego Heródoto, os dácios “são os mais dignos e valentes entre os trácios”. A essa província romana foram levados colonos de todas as partes do império, com o fito de colonizá-la.

De província romana, passou a Dácia para o domínio de vários povos invasores, a partir do século III: gépidos, avaros, eslavos etc. Pouco depois de 1600, Miguel, o Bravo, conseguiu a união dos principados romenos. Após o término da dominação otomana, o país adotou o nome oficial de Romênia (terra dos romanos, ou romenos), denominação que já se utilizava anteriormente para designar o povo que descendia dos antigos colonos romanos e dos dácios romanizados e que falava uma língua derivada do latim.

As principais regiões históricas da Romênia são a Valáquia, a Transilvânia, a Moldávia e a Dobrogea. Os seus habitantes falam o romeno (88%), o húngaro (7%), o alemão (2%). Há ainda comunidades judaicas e ciganas, além de pequenas minorias étnicas. A Romênia conta hoje com aproximadamente 24.000.000 de habitantes.

HISTÓRIA INTERMÉDIA

A independência total do país deu-se em 1862, com a união de todos os principados romenos e a instalação da capital em Bucareste.

Por força das várias guerras que eclodiram, tanto a nível continental, quanto mundial, a Romênia viu seu território muitas vezes mutilado. As maiores perdas se deram com a anexação da Bucovina do norte e da inteira Bessarábia (que integrava a Moldávia) pela URSS, em junho de 1940, e com o chamado *diktat* de Viena, em agosto do mesmo ano, que incorporou parte da Transilvânia à Hungria. As incorporações feitas pela URSS não foram desfeitas. Após a derrota nazista, formou-se na Romênia um governo de orientação soviética, formado por militantes do Partido Comunista, de inspiração stalinista. Em 1965, Nicolae Ceausescu sobe ao poder, de onde somente em 1989, executado, cai por força de uma revolta que eclodiu na cidade de Timisoara e logo se alastrou por todo o país; reprimida violentamente, a rebelião popular terminou por ganhar a adesão do exército romeno, que combateu contra a polícia de Estado, a chamada *Securitate*; nela pereceram cerca de 6.000 romenos, em sua maioria civis, entre os quais muitos estudantes universitários e até intelectuais. Lembramos que essa cifra é considerada por uns, abaixo da real, enquanto outros a consideram exagerada. Mas é a que parece ter maior número de adeptos.

ROMÊNIA ATUAL

Estive na Romênia por duas vezes: em 1989 (julho/agosto), participando dos cursos de Verão da Universidade de Bucareste, e em setembro deste ano, a convite do Ministério da Cultura e da União dos Escritores da Romênia, tomando parte no Congresso de Tradutores e Editores de Língua e Literatura Romena, que ali teve lugar.

No ano passado, em que pese o maior tempo de permanência, tive menos oportunidade de estabelecer contatos com os romenos, em virtude da limitação natural que se impõe a um estudante estrangeiro, com poucas relações além das proporcionadas pela Universidade.

Já como resultado dos contatos anteriores, já como fruto da ampliação do círculo de pessoas com as quais me comunico, tratando de questões de natureza literária, me vi, este ano, muito mais integrado à comunidade intelectual romena. Acrescenta-se a isso o fato de que na Romênia de hoje (após dezembro de 1989), as pessoas discutem muito mais as questões políticas e culturais do que anteriormente. Tive oportunidade de referir, em entrevista ao DN (07.01.90), a antipatia notória que os romenos votavam a Ceausescu, fato que se vinha intensificando a partir dos últimos cinco anos anteriores à sua deposição e execução. Num país onde não houve uma verdadeira revolução popular, a partir da qual se instalasse um governo nascido do próprio movimento; num país onde o exercício do poder derivou de acordos extra-povo, com ingerência notória da política pan-soviética stalinista; num país onde a tradição pluripartidária foi bruscamente barrada, encerrando-se, ou melhor dito, proibindo-se qualquer discussão em torno de eventuais falhas ou equívocos por parte da administração centralizada; neste cenário instalou-se o governo romeno do pós-guerra. Parece verdadeira a afirmativa de que o poder (absoluto) corrompe. No caso da Romênia (e de toda a Europa oriental), em que foram suprimidos os partidos políticos, a prática do poder ensejou a prática da tirania. O governo tinha de ampliar as fronteiras econômicas, mas os seus quadros se contentavam com os privilégios do poder; isso gerou (e era fatal que assim fosse) um fosso entre a vontade popular e a de classe dirigente. Aquela ansiava por reformas econômicas que viabilisassem o processo socialista; esta, lutava desesperadamente para manter os privilégios decorrentes do exercício dos cargos em altos escalões da administração. Para que se reparta a riqueza, há que produzi-la, disse muito bem um colega grego, participante do Congresso de Tradutores, fluente no português. É muito doloroso, por outro lado, lembrou outro colega, ver-se censurado um trabalho intelectual de alto nível por um funcionário público, néscio, nédio e corrupto... E a corrupção nos altos escalões cresce assustadoramente nos regimes totalitários. Nós, brasileiros, sabemos muito bem disso. Ou pelo menos temos motivos para saber.

VIDA CULTURAL

O exemplo da Romênia nos remete a uma discussão instigante: é possível a prática do socialismo em moldes heterodoxos, ou seja, há uma saída para o futuro do socialismo, a partir deste fim de século? Particularmente, acho que num cenário pluripartidário - somente aí - será possível falar-se em verdadeiro socialismo. A democracia não pode continuar a ser um rótulo, há que ser um conteúdo, munidas do qual as pes-

soas possam discutir emprego, salário, escola, saúde, eleição, enfim, a vida nacional. Na Romênia de hoje fala-se muito disso tudo. Para referir uma experiência que afeta a minha área de atuação: surgiram na Romênia, em mais ou menos seis meses, nada menos que 200 editoras particulares! Antes, só as editoras estatais diziam aos leitores o que se devia ou não ler. Foram fundados inúmeros partidos políticos. Vi, em Sibiu, cidade da região da Transilvânia, o Partido dos Ciganos Caldeireiros! O amigo romeno Aurel Covaci, que nos acompanhava num giro pelas principais cidades do país afirmou que existem partidos políticos de natureza étnica, profissional, religiosa, enfim, quem quiser se agrupar em torno de uma sigla partidária, desde que haja número suficiente para que exista como tal, tem este direito garantido. É claro que tudo isso está, a princípio, ligado ao fato do encontro com a liberdade de expressão. Passado o fervor das comemorações, devemos indagar: como irá se manter a economia de mercado?, o que será feito da mão-de-obra romena?, como se comportará a legislação romena frente aos vultosos investimentos multinacionais que chegam?, quais as restrições, de um lado, e os incentivos, de outro, que irão orientar os investimentos? Essas perguntas e outras tantas haverão de ser respondidas, em última instância, pelos próprios romenos.

- A literatura romena, uma das mais apreciadas em todo o mundo, é um gigantesco universo de ressonâncias populares e universais. Dela tomei conhecimento há mais ou menos duas décadas e com ela muito aprendi. Tive a oportunidade e a honra de traduzir para o português duas obras-primas da literatura romena: *Vésper*, de Mihai Eminescu, e *Mestre Manole*, balada popular do folclore romeno. Estas duas traduções, mais as de alguns poemas esparsos de poetas da atualidade, me ensinaram ser convidado para o Congresso de Tradutores. Devo aqui ressaltar terminando este breve relato sobre a Romênia, que não conheço (sequer por informação) outro povo mais interessado na cultura, de um modo geral, que o romeno. E lembrando o que me disse um velho, em conversa comigo na Praça da Universidade, em Bucareste (que os estudantes romenos picharam com o letreiro PIATA TIEN-AN-MEN (Praça da Paz Celestial), resta dizer que o povo não descansa em busca de melhores dias; se o poder dele se afasta, terá sérios problemas, cedo ou tarde. Fiquei pensando o quanto nós temos ainda que caminhar...

(DN, 20.11.90)

POESIA DE REFLEXOS

A poesia popular tem sofrido, desde muito tempo, as mais terríveis ameaças de morte, partidas principalmente daqueles que se arvoram em poder cultivá-la, quando, na verdade, a estão comprimindo entre a inexpressividade e a falta de naturalidade, dois componentes letais para qualquer vertente de literatura, e duas armas que têm sido utilizadas - as mais das vezes pensando-se o contrário, mas sempre irresponsavelmente - de modo constante, assediado, contra a expressão espontânea da criação popular.

Um renomado poeta disse, algures, dirigindo-se aos seus críticos: - "É fácil escrever versos quando não se tem nada para dizer". A frase se aplica perfeitamente àqueles que, impelidos por uma vaidade tanto grosseira quanto medíocre, se põem a poetar no estilo popular, sem que desse estilo tenha o domínio, sem que com essa vertente tenha sequer a mais tênue afinidade. Isso é uma ameaça constante à poesia enquanto arte, ofício, sacerdócio e mister, e mais particularmente à poesia popular, que felizmente ainda tem os seus legítimos cultuadores, os seus genuínos criadores, pessoas que não fazem dela um instrumento para satisfação de suas opacas vaidades, mas sim, pessoas que se identificam com essa maravilhosa fonte de paixões e alumbramentos, que é, em suma, a condição de ser poeta.

Dito isto, faz-se necessário que demos aqui o nosso testemunho de que, malgrado tudo, a poesia popular não irá morrer, enquanto estiver refletida no sentimento coletivo, enquanto ecoar no peito de um poeta os sons da mata, dos bichos, das correntezas esporádicas do nosso torrão interiorano, enquanto a lua nordestina alumiar a água de um açude, refletindo nos olhos do contemplador as imagens drúidicas do sertão misterioso.

Conheci um desses cantadores sertanejos, que dá fé do que acontece no vasto espaço peregrino das almas camponesas. Um cantor que canta a vida, canta a morte, canta a dor, mas canta, sobretudo, a certeza de que o mundo primordial não é o que hoje habitamos, e, por isso mesmo, a sua escritura refletida na esperança: "Pense ao menos de repente que aquele poeta existe e embora sendo triste é quem mais gosta da gente. Pense no poeta ausente. Pense nele um só segundo. Ele é simples e profundo cujo projeto que faz é a construção da paz para reformar o mundo". Profundidade, simplicidade. Aliás, uma coisa implica a outra. Como os grandes mananciais da natureza, quanto mais profundos,

mais simples, mais conformes com a serenidade das almas sertanejas. A necessidade de retorno à nossa escritura original só pode ser compreendida, vivida, por um verdadeiro poeta. - “Vamos quebrar o verso, vamos chocar o público, porque tudo o que acontece hoje é quebrado e chocante”, disse alguém. Nada mais equivocado! Se nos pusermos em conformidade com o vazio, com a desconfiança, seremos arrítmicos, chocados, vazios e desconfiados em troca de absolutamente nada. Mas o certo é que a poesia ri disso tudo.

José Fernandes Ferreira é o seu nome. Sertanejo do Cariri, mais precisamente da cidade de Mauriti, o nosso cantador sabe que é preciso conhecer outros horizontes e por isso pesquisa e indaga, estuda e se aprofunda em outras províncias da literatura, das ciências sociais, da comunicação etc., logicamente, deliberadamente, sem perder o seu vínculo-compromisso com o país interior, com a pátria do sertão. José Fernandes Ferreira, possuidor da verve do genuíno poeta popular, escreve preferencialmente em décimas de redondilha maior (versos de sete sílabas, os mais comuns à oralidade nordestina e à narrativa de cordel), mas é perfeitamente capaz de experimentar outros ritmos, dada a sua fluência em versejar (vi-o deitar versos de improviso, na velha Padaria Espiritual) e dado, principalmente, o seu repente afiado.

(DN, 31.08.90)

ALGUNS DOS BRASIS DE AGORA

I

Já vou conhecendo melhor esses países. E descobrindo-lhes pecados e virtudes. Em São Luís do Maranhão, José de Ribamar Pereira me vendeu um peixe marinho, recém-pescado, por um preço que qualquer frigorífico ou simples pedra de mercado do Sul cobraria por um olho do mesmo. Enquanto os arautos (e beneficiários) desse tipo de progresso argumentam que todo esse envolvimento de travessa e ganho (na alimentação, saúde, educação etc.) vem em nome da livre iniciativa, procuro ajudar como posso nos gastos do enterro da mulher de José de Ribamar, morrida ontem de fome antiga, eufemisticamente diagnosticada como inanição. Fome! O Dr. Washington Abdalla, do hospital que lhe forneceu o atestado de óbito e onde clínica duas horas por dia, tem uma casa na Praia do Calhau e outra em Araçaji, ambas apenas para lazer. Em São José do Ribamar, a poucos quilômetros de São Luís, acaba de comprar uma chácara com nove hectares. O nome Ribamar, sonoro e evocativo, é muito usado nessas partes do litoral nordestino. Mas não faz com que o Dr. Washington se lembre, por um minuto, dos milhares de Josés de Ribamar que clinicou às pressas, antes de adentrar sua clínica suntuosa, onde ganha num dia o que o hospital público lhe paga em um mês. O Ministério da Saúde alega que não tem condições de se ocupar da saúde... O Sr. Ministro desmentiu todas as acusações de fraude que foram levantadas contra o Ministério e até contra ele próprio. O Ministro tem uma fortuna invejável...

II

Esses países se constroem todos os dias, principalmente em bairros elegantes paulistanos que se denominam xenofílicamente ou não, onde milhares de cabeças-chatas subviverem de um salário... no mínimo, no mínimo, assassino. O incorporador Winston Marchesi, paulistano de avós peninsulares, em conversa com o engenheiro Walter Tanaka, de avós ilhéus, chegou à conclusão de que com o lucro verificado nos últimos meses na ciranda financeira promovida pelo governo federal, não vale a pena empreender novas edificações, por enquanto; e assim, autorizou o Sr. Isaac William Roth, seu gerente operacional, a demitir a peonada. Raimundo dos Santos Silva, 28 anos, 1,59m de estatura, 58,5kg, saiu com o troco em demanda da baixada fluminense, onde se encontrou com o "seu" Moraes, que lhe arranhou emprego de vigia e lhe ensinou a atirar.

Não durou muito, Raimundo atirou no próprio patrão e escapou para o Centro-Oeste, para onde levou o que pôde retirar às pressas da “lojinha” escondida do “seu” Moraes: uns dois milhões de cruzeiros e uma bolada de dólares que Raimundo só chegou a saber quanto valia após uns dois meses de boca calada, quando ouviu o Pedrão Paulista falar em “branquinha”, diga-se cocaína, e na celebérrima palha, que vem do Paraguai e atende cientificamente por *cannabis sativa*. Raimundo entrou pra turma do Pedrão Paulista e conseguiu durar três anos sem ter que acordar às cinco da manhã e passar o dia praticamente em jejum, para ir dormir às dez ou onze da noite, com pesadelos infundáveis, onde o chão esturricado de Quixadá se misturava com o lamaçal da favela que habitava, em Jabaquara. Chegou a comprar o automóvel do Pedrão, que passou para um luxuoso carro importado. Os empregados do Pedrão não tiveram coragem de falar, mas bem que ele podia ter dado um enterro decente a Raimundo, era só fazer de conta que tinha sido a polícia que o matara, apesar de todos saberem ter sido o próprio Pedrão o mandante da chacina.

III

O malandro federal Norberto Moreira, acusado de tráfico de drogas, conseguiu anteontem uma audiência com o Presidente da República. Conversa secreta. Ilma de Carvalho e Valdo Pacheco foram encontrados mortos a dez quilômetros da capital do Estado que elegera Norberto deputado: eles eram culpados de denúncia feita contra o malandro que, dizem, agora alargueceu as costas, com a cobertura do pessoal do Palácio. Os escândalos que se sucederam no governo federal, tanto a nível político e de desvio e sumiço de dinheiro, como a nível de conduta pessoal da família do próprio Presidente indicam, lembram os mais avisados, que o malandro Norberto encontrou seus pares, quer dizer, não está recebendo gratuitamente os favores federais, mas compartilhando transgressões, ilícitos e contravenções.

IV

Numa estrada carroçal do interior do Ceará, dois mandros estaduais, cada qual com três legislaturas na Assembléia, se encontraram (deixando os capangas a uma distância de cem metros atrás de suas respectivas viaturas) para dar acerto final à sorte do ex-pobretão Dr. Eimar Romero, prefeito eleito com o concurso de ambos deputados, e que agora se nega a conversar sobre a aplicação do dinheiro que chega à Prefeitura. Emanuel Castanha Ferreira, mais novo, mais rico e menos letrado, é de parecer de que se trata, exclusivamente, de um trabalho a

mais para Milton Cumbe, pistoleiro vezeiro em serviços seus. O outro, Franco Charles de Gomes, 68 anos, pondera: se conseguirmos provar junto ao Conselho de Contas dos Municípios que o orçamento do ano passado foi totalmente desrespeitado, além de demonstrarmos que houve malversação de dinheiro público, e ainda por cima obrigarmos o prefeito a esclarecer a fonte do dinheiro com que comprou duas camionetes F.1000 e a propriedade do velho Antonio Gaudêncio, que soma mais de mil e oitocentos hectares, em pleno vale, a situação do Dr. Eimar Romero ficará periclitante e não lhe restará saída que não a de procurar ajuda com os dois paladinos. “Você está é caduco”, retrucou Emanuel. “Se esquece de que o Presidente do tal Conselho é tio do Dr. Eimar e de que três dos seus membros são parentes desse famigerado prefeito. . .” Convenceu-se o malandro Franco de que chegou a época dos mais novos, mas nem por isso deixou de candidatar-se à reeleição, o que conseguiu, graças à compra de um curral tradicionalmente emanuelista, cujo cabo eleitoral rompera com o outro deputado, em virtude de uma encrenca que o mesmo arrumou com sua sobrinha Dorotéa, de 15 anos, desvirginando-a, a bem dizer, pra toda a região saber e ter pena.

V

O Governo Federal autorizou a entrega de 3.000 cestas básicas para determinada região do sertão de Pernambuco. A cidade mais bem aquinhada tem uma população de 40.000 habitantes. O prefeito da cidade fez um discurso inflamado enaltecendo as virtudes políticas do Governador do Estado e deixou transparecer que o Presidente da República só entregou as cestas porque diante da firme posição do Governador, não lhe restava outra coisa a fazer, do que ceder às suas ponderações. Marquinhos, 17 anos, de férias no interior de Pernambuco, comentou com o colega do Recife que o acompanhou, examinando as cestas na garagem de trás da casa do seu tio, deputado M.V. Macieira, do partido do Governador: “Você vê, Beto, uma cesta dessas não dá pra uma família alimentar-se nem durante dois dias”. Dizia, e o colega concordava. Confirmaram as previsões, passeando pela fazenda enorme do deputado, onde os moradores, peões e demais serviçais seus dividiam vinte das trezentas e cinquenta cestas que a ele lhe couberam, só naquela freguesia.

CENTRO DA CIDADE

Amargura. Esta é a palavra para a sensação que experimentamos hoje ao sair pelo centro de Fortaleza, tropeçando em buracos, sufocados em temperatura insuportável, deparando com dez a quinze pedintes por quarteirão; ouvidos violentados pelas buzinas estridentes e no mais das vezes desnecessárias; acoçados pelos vendedores ambulantes; sujigados pelos camelôs que aos berros tentam passar as suas mercadorias; insultados pelos megafones ruidosos das lojas e armazéns...

Amargurados estamos. Em frente à Sé, em cuja calçada principal se arrasta um homem sem pernas, o termômetro marca: 39 graus. Subo o passeio da praça, em direção à rua Castro e Silva. Um carro joga água apodrecida numa transeunte modesta, vestida de branco. Ela olha surpreendida para o homem bigodudo que dirige o Opala, que não se desculpa e até esboça um sorriso de zombaria. Na esquina da rua Major Facundo, um velho dá uma trombada num jovem de 20 anos aparentes, que não se digna ao trabalho de ajudar o ancião a levantar-se. Ao longo da Major Facundo, e depois à direita pela rua Senador Alencar, entre as mãos estendidas de mulheres “de face escaveirada, trementes em ânsia de fadiga”, para citar o poeta e humanista Antônio Tomás, crianças de meio ano de idade, algumas de dois ou três anos, dormitam sobre as calçadas mornas e sujas, fazendo lembrar cordeiros ofegantes, olhos semi-cerrados, esqueléticos e famintos, em período de seca.

A espécie humana, por estas latitudes, é uma mostra de difícil contestação de que o homem enganou o homem. De nada valerá, como expressou lucidamente Paulo Mendes Campos, “estar acuado como um cão metafísico, a ganir para a eternidade, sob as armações metálicas do mundo”. De nada valerá martirizar-se diante do quadro de miséria e ignomínia, pobreza e indiferença, fome e soberba, carência e sobejo. Não valerá a pena, talvez, mas como podemos permanecer calados diante disso?

Não é apenas falta de humanidade, de solidariedade, nos donos do poder neste País, nesta cidade. É falta de capacidade de compreensão do fenômeno da vida, em seu sentido mais profundo, mais transparentemente humano.

- Levante o muro, feche o portão, solte os cachorros! . . .

(JD, 25.07.88)

AO TEMPO DE TROBAR CLUS

No ano de 1297, o dalmata Danilu Arnaldu Ponsinis, então com vinte e cinco anos, natural de Ragusa, bela cidade no litoral da Dalmácia, viajou até ao interior daquela região que tinha Udine como centro principal, em território pré-alpino. O lugarejo de Sauris lhe pareceu mais agradável do que todos os outros lugares por onde passou, desde que saiu de Ragusa, com aquela carta de Monser Marcel Dobrenis que, na qualidade de tio seu e prestigiado detentor de poder político, houvera pedido a um certo Rikard Vulpis que lhe concedesse um posto em seu gigantesco *macellum**, que se afamara por exportar gêneros, inclusive para Veneza e Trieste, além de outros conhecidos centros italianos.

Em Udine, não pôde Danilu ficar por muito tempo, embora, mesmo sem o emprego solicitado por Monser Marcel Dobrenis, tenha conseguido fazer-se amigo de alguns friulanos que falavam uma língua muito mais parecida com a sua do que a língua italiana que acostumou-se a ouvir, certamente eivada do falar veneziano.

Por essa época, o nome de Girard Patec, poeta que influenciava muito nos meios boêmios, era pronunciado como o de um mestre. Aprendeu dele estes dois versos, extraídos de uma peça dita *moralista*, de sua autoria:

*“Un mat om que redise la mateça doi ora
fá como l can que mança ço c’a gitado fora.”*

Ou seja:

*“Um idiota que profere a besteira duas vezes
faz como o cão que come o que vomitou.”*

Terrível! Diante dessa sentença, Danilu procurava fazer-se, o quanto possível, sóbrio, principalmente em palavras, pois houvera aprendido com um amigo dalmata, a quem considerava sábio, que a prudência é a

Singla signura nuestra,

* Voz latina: mercado para venda de carne, peixe, etc.

e por isso tratava de ser prudente, e mais ainda com as palavras. Se a nossa única senhora é a Dona Prudência, que peçamos a ela ajuda para nos mantermos hábeis para a vida e para conseguirmos sustento para as necessidades cotidianas, pensava, e não termos de passar o vexame do seu compatriota, que em Udine pediu carne e pão no *macellum* do Monser Vulpis e, após feito o embrulho dos gêneros, teve de dizer ao funcionário que o atendia:

“*No puess ievalu, no ai vonde bez*”.

“Não posso levá-lo, não tenho bastante dinheiro.”

Em Sauris, Danilu ouvira falar de uns certos *trovatores*, ou *troubadours*, de cujos escritos a fama chegara até àquele lugarejo perdido no sopé dos alpes orientais.

O nome de maior repercussão, o nome que hoje se situa entre os magos da lírica trovadoresca - Arnautz Daniel - levou o vulgar de Provença para além-fronteiras e é certo que hoje se procura imitar-lhe a verve e a magia. Pois até o gigante Dante Alighieri, quase um século depois, consagrou a Arnautz Daniel as honras de maior poeta a escrever em língua vulgar (romanço). Arnautz Daniel deverá ter morrido por volta de 1220; é bem possível, então, que há umas cinco décadas de sua morte, a fama e o prestígio de seu nome estivessem em notória ascensão, razão para que Gabriel Ponsinis, trovador errante e obscuro da costa dalmata tenha querido homenagear o poeta provençal, pondo em seu filho o nome de Daniel e de Arnautz (Danilu Arnaldu, em língua dalmata de então).

Danilu Arnaldu Ponsinis foi a forma que Gabriel Ponsinis encontrou, à maneira dalmata, para homenagear a Arnautz Daniel, quando nascera-lhe o filho naquele ensolarado 14 de julho de 1272.

É fora de dúvida que o conhecimento que se tinha dos trovadores, pelo menos entre as pessoas leigas, se dava pela oralidade popular. Mesmo assim, pôde Danilu, quando voltou a Ragusa em 1324, já com mais de setenta anos, naquele inverno amedrontador que o fizera descer até Trieste com falta de ar e dor nos ossos. . . mesmo assim, pôde Danilu recitar os versos de Arnautz Daniel para os jovens ragusanos, alguns dos quais, com estudos avançados de latim e tendo o veneziano como segunda língua, começavam a falar mais o idioma croata do que o dalmata. Era o começo do fim dessa reliquia de latinidade oriental, na costa dalmata do Adriático, outrora totalmente latina.

Dizia Danilu:

*“Can cai la fueilha. . .” **

“Que a folha caia
dos galhos lá de cima
e o frio contraia
o vime e o vento oprima
e a doce rima
dos pássaros retraia:
só vejo a prima-
vera de amor que raia.”

* Tradução de Augusto de Campos.

PEQUENA CRÔNICA DA ESPREITA

Olhando-a, lembrou-se da namorada bonita, dos seus vinte anos de paixão e aventuras. Pensou, então, de repente, em escrever algo sobre ela, que por um momento ali esteve, diante dele, rindo quase sem freios, falando coisas banais e gostosas. Esteve ali, por instantes igualzinha àquela de outrora, bem-amada, amante, cúmplice de uma juventude cheia de ardor.

Naquele bar, olhou-a e passou, sem querer, a conjecturar sobre o que teria mais valor para a vida, a vida enquanto significado de dádiva e elevação, de naturalidade e harmonia, a vida real, que flui intemporalmente: se a adolescente, atraente, inocente, se a doutora promotora, senhora respeitável. Distância terrível entre essas duas personagens que ela encarnava, num espaço e num tempo tão exíguos! Vinte e cinco anos? . . . Talvez menos.

Conseguiu, ao chegar em casa, reunir na memória o quadro juvenil em que ela cresceu; ele conhecera os seus pais, a rua onde morava sua família, um arrabalde que por um certo tempo esteve muito ligado à sua adolescência e à juventude de rapaz pobre.

Escreveu:

“Entre a menina que flanava pela ruazinha de subúrbio, brincando com a gente humilde, desenvolvendo a fala alegre das pessoas espontâneas de sua classe, e esta promotora de justiça que mede as palavras, os gestos, o riso e a tristeza, e que só se recorda dos lúdicos folguedos quando ingurgita umas e outras, em lugres reclusos, há uma distância desmedida.

A tristeza invade a minha alma quando perscruto sobre as possibilidades de vida, encarando o destino e a chamada lei das probabilidades, as circunstâncias, às vezes banais, que rondam os passos da gente, para futuramente sentenciar o que haveremos, irremediavelmente, de ser.”

A promotora consultou o relógio, mudou bruscamente de humor, olhou em volta, despediu-se rapidamente dos presentes, falou algo sobre compromissos inadiáveis, processos, responsabilidades. . . e retirou-se. Mal falou com ele, 46 anos, solteiro, seu ex-amante, juiz de direito numa comarca de primeira instância, que ela, por certo, abomina (hoje diz não tolerar a promiscuidade nem a pobreza alienada), já que, por prestígio e - digamos - merecimento serve hoje na capital.

A SORTE DE AZALÉA

Amâncio Espinheira me contou que da partilha das terras de Antonio Guerreiro Lopes, aquele que criava gadō dē raça *muita*, como costumava o próprio dizer, um terreno areíscō, nos fundos da propriedade que no tempo da idade moça do *de cuius* era chamada de Santa Eulália, coube a Genuíno Lopes da Costa, filho de sua irmã Ovídia Nazária, ele o melhor montador da ribeira do Curió.

Eram uns quinhentos e poucos hectares, quinhão menor do que o de Zé Sérgio, do que o de Nicolau e até mesmo do que o de Sofia. Quatro herdeiros, quatro terras distintas, não contíguas e de áreas diferentes. O testamento não atribuía a Genuíno uma só triste cabeça de gado, das mais de mil que se contaram nos dias que se seguiram ao passamento daquele celibatário que a morte alcançou em junho do ano retrasado, na tarde mais chuvosa de que se teve jamais notícia em Curió do Mato Dentro.

Genuíno foi sozinho ao “terreno de trás”, como chamavam aquela porção de terra, montado em seu alazão recém-adquirido a Estevão do Sítio Mutamba, naquele entardecer sonolento de domingo.

Fechou a cancela dos fundos da fazenda que agora pertence a Mateus, Mateus de quê ninguém sabe, e deixou o cavalo seguir as curvas da vereda plana que atravessa o tabuleiro, até à entrada de sua herdade, uma légua adiante. A entrada ostentava um portãozinho acanhado.

“Vou mudar o portão”, pensou, “vou pedir a mestre Alonso que faça um de miolo de aroeira, com macaco e tudo, largo de caber um caminhão, que um dia eu vou ter um caminhão. . .” Genuíno ia conjecturando coisas desse tipo, enquanto adentrava aquela espécie de chapada, coberta de muitas árvores de grande porte, robustas para a região. Via-se que o velho não tinha tocado na madeirama, que ensombreava o chão macio. “É melhor que as outras, as outras são bem maiores, é certo, têm açude e casa grande, mas esta é mais bonita, muito mais bonita. E o rio Curió?, que passa lá nos fundos do terreno?, se eu quiser, posso até fazer um açude, um açude mesmo, não, porque não tem uma bacia, nem um boqueirão, mas uma barragem vertedora, eu posso fazer. . .”

Genuíno se deixava levar pelo trote macio do Trampolim, recém-adquirido a Estevão, o do Sítio Mutamba; ia pela vereda ensombreada: queria ir até à barranca do rio, escolher o local para a casa. O Curió es-corregava fininho, quase apartado, os tetéus se espantavam, era setembro e um cheiro forte de caju chegou até ele e até ao cavalo. Apeou-se e deixou o Trampolim a abocanhar uns cajus vermelhos, enquanto se encaminhava para a clareira que separava o mato da barranca do Curió.

Meio de repente, o sol sumiu e começaram a cair uns pingos grossos de chuva, que faziam subir aquele odor de terra acidoce, excitante, evocativo, estimulante e de outros sentidos mais, o que o levou instintivamente a buscar abrigo debaixo de um juazeirinho que se erguia no terreno inclinado que baixava ao rio.

A chuva engrossou e Genuíno procurou avistar o Trampolim sob os cajueiros. Lá não estava, “diabo, devia ter amarrado o cavalo, não veio nunca aqui antes, é capaz de me dar trabalho. . .” A chuva caminhou rio acima e foi-se dissipando aos poucos. Genuíno correu, subiu a barranca, foi aos cajueiros, nada do Trampolim.

Um resfolegar se ouviu. “Lá está o diabo do cavalo”. Como foi que ele desceu até ao rio, sem que Genuíno o visse? Bebia a água do Curió, segurado pela mão de um velho alto e robusto, todo alinhado, com chapéu marrom e chicote preso à munheca. “Quem é o senhor? como veio parar aqui?”

- Vim por mor de lhe mostrar a botija de “seu” Antonio. . .

Genuíno cavou durante sete noites, nos sete meses que se seguiram, sempre na primeira lua cheia.

Em junho de 1946 comprou um Chevrolet “Gigante”, que estacionava no oitão do lado da sombra da casa de alpendre que mandara construir, onde passou a morar com Azaléa, moça muito formosa, filha de Simão Dantas.

Mas antes o seu Vigário os tinha casado na capelinha da Trindade. Esta história não termina aqui, mas o resto Amâncio Espinheira ainda não me contou.

BUENOS AIRES

Em Colonia del Sacramento, Carlos Silva Romero, nascido em Natal, capital do Estado brasileiro que faz a esquina do Atlântico na América do Sul, começou a trabalhar em um dos barcos pesqueiros de Don Perez Alía, um tipo arrogante, buchudo e de bigode assanhado e espesso, que gritava a todos, com voz metálica e sotaque castelhano do norte, que tratassem de retirar com muita pressa a carga pescada, que de costume se destinava a um sujeito com cara de peruano (ou de japonês), sempre pronto aguardando no trapiche do senhor Lorenzo Monti.

Don Perez Alía era dono de cinco barcos: Titánico, Asturias, El Golfo, Vizcaya e Fortuna. Pois foi nesse tal de Fortuna que Carlos fez sua primeira temerária entrada no estuário do Río de la Plata, alcançando uma distância de mais de três milhas em direção leste, naquele dezembro de 1968, viagem que o fez lembrar-se de muitas agruras sofridas em sua cidade natal, perseguições de toda ordem contra praticamente todos os seus amigos de Universidade. Hoje, pensava Carlos, o Brasil está mais para tubarão do que para pescada...

Animava-o um desejo ingênuo e corajoso de muitas novas aventuras. Era o protótipo do nordestino para quem as coisas estão melhores do que poderiam estar. Cantarolava baixinho, só para si, velhas canções telúricas.

O que levou esse natalense a ir bater em Colonia del Sacramento, no litoral uruguaio do Estuário do Prata, só foi minuciosamente sabido por um tal Raimundo Nonato Ferreira. No décimo terceiro mês de trabalho para Don Pérez Alía, Carlos achou que tinha ganho o suficiente para fazer a primeira farra no *Almacén El Pampero*, do velho Vicenzo, um portenho pornográfico, que negociava com muamba e *chicas*, mas um homem afável, ao mesmo tempo.

Após o quinto ou sexto gole de um conhaque saboroso, esquisito de bom, Carlos se dirigiu ao tipo que tocava bandoneón com uma preguiça de contagiar, e perguntou-lhe se conhecia música brasileira, se podia ele, brasileiro do Nordeste, cantar uma *modinha*.

- *Por supuesto, che!* Foi o que disse o louro do folezinho, sem sequer levantar os olhos sonolentos do chão sujo do *almacén*. Carlos atacou de *Maria Bonita*, aquela música de Hervé Cordovil que cheira muito a folclore, e obrigou ao bandoneonista a sair do marasmo. Sentiu que agradou em cheio, porque os aplausos estalaram na pequena sala. Cantou depois *Mulher Rendeira*, esta mais ainda enraizada no universo da psico-

logia do brasileiro do Nordeste, pois lembra Lampião e seus cabras, pelejando contra a macacada. Agora, já acompanhado por um violão esplendoroso, mas que lhe pareceu tão familiar, tão familiar. . . que não se conteve até que soube tratar-se de um cearense do Aracati, que já há muitos anos vivia ali, sendo inclusive sócio do velho Vicenzo.

Disso resultou que Carlos conseguiu emprego de cantor no *almacén*, que após um ano e meio passou a chamar-se *Aracaty*, nome que Raimundo Nonato, seu novo proprietário, o violonista, se apressava em traduzir para todos os fregueses como... Buenos Aires.

O ENIGMA DA ILHA CARMÍNIA

O professor Alexandro Rodhes GavileSCO, brasileiro naturalizado, de origem romena, encontrou por acaso, numa biblioteca escura e sem prestígio de um arrabalde de Chisinau (lê-se Quixinâu) na Bessarábia, parte da antiga Moldávia romena, um fragmento de pergaminho, já quase totalmente destruído, com este texto estranho. É de lastimar-se que, ao desembarcar A. R. GavileSCO em Istambul, última etapa de sua viagem antes de retornar ao Brasil, tenha sido roubado o pergaminho que com tanto zelo vinha por ele sendo conduzido. Julgou o prof. GavileSCO tratar-se de um manuscrito medieval, muito provavelmente monástico, pelas indicações em língua romena:

(Insula Carminia, cum a fost numită de primii săi locuitori. . .)

A Ilha Carmínia, como foi chamada pelos seus primeiros habitantes, se situa muito depois dos ventos, para além dos fogos, do outro lado das terras, atrás dos mares.

Habitada por antigos fugitivos de um mundo já perdido, tem suas encostas, montanhas, rios, vales, lagos, planícies e planaltos amados e intransigentemente defendidos.

A hora em Ilha Carmínia não conhece paralelos, nem lá tampouco o tempo se conta ou se perde.

(Nu putem precisa...) Não podemos precisar... A partir daí o texto romeno se torna completamente ilegível, borrado e semidestruído. Mais adiante, abaixo de uma dobra do pergaminho, este outro texto, não se sabe em que idioma:

IY, EBIHDYRIORU HEBIKETUR I BUIDE TEZ DIRREZ
TOZDEHDIZ TE OLXE ZERMOHOE, IZZRIBU IZDE ZERDE
BERE QYI E BUZDIROTETI ZUHXIZOMIHDU DUMI TEZ BU-
ZIZZUDYTIZ TI YME IBUZE IM QYI TUZ HUMIHZ HEU ZI
IZBIRE MEOZ TU QYI E OHZOTOE, E OHBIJE, U MITU I E
LUYZYRE. U HUZU MYHTU ZI DURHUY OHEPODEBIL,
HEU BUR ZYLBA TUZ ILIMIHTUZ, MEZ BUR VURDE TI YME
OHZEZOEBIL KEHEHZOE TI ZIMBRI MEOZ DIR.

TI EZIIE IY, EZE ZUM YH KRYB ZUHZOTIREPOL TI
BEOZEHO EM EPEHTUHED, ETOZE: BUR OZZU, IY, EZZOM
ZOMU YM KRYBU ZUHZOTIREBIL TI BEOZEHUZ, RIZUL-
BIMUZ EBEHTUHER E LUZYRE I PYZZER YME HUBE BE-
DROE, IM XERMUHOE ZUM UZ POZXUZ IEZ PLEHDEZ I
BROHZOBELMIHDI ZUM EZ VURDEZ TU IGYOLOPROY
ZUZMOZU.

IM DIZDOMYHXU TU QYI EZEPU TI EVORMER, TIOSU
ZUNBUZZU ISDIZ BIRZUZ:

EZ ERMEZ E UZ LETRUIZ TI DUTU U MYNTU,
TIZTI U ZIMOSVIROY HURDI, UHTI UZ OEHQYIZ

.....

A partir daqui, infelizmente, já nada se pode contemplar.

Este texto, estranho em sua grafia, ao ser apreciado por alguns estudiosos de línguas desaparecidas, foi considerado de origem indo-européia, muito provavelmente de um idioma não muito distante do latim tardio da Península Ibérica (?) entremeado com romance balcânico.

Recentemente, de acordo com a opinião do professor Jorge Pacheco Tramonti, gaúcho brasileiro de origem friulana, atualmente radicado em Salônica, na Grécia, onde desenvolve estudos megleníticos, vem-se afirmando tratar-se simplesmente de um *criptograma*.

Em face disso, o autor deste livro resolveu oferecer um prêmio a quem conseguir traduzí-lo inteiramente. Os interessados devem - condição *sine qua non* - estar matriculados em escola ou curso do segundo grau, válida esta condição para todo o território nacional. O prêmio constitui uma coleção completa (13 volumes) dos livros publicados pelo autor.

NOTA BENE: Uma indicação útil (chave) para a solução do enigma idiomático de Ilha Carmínia viriam a ser estas palavras: KREO MORUZODUR, OTOUMYL HUZDRY encontradas como epígrafe ao texto descoberto por A. R. Gavilesco, que significariam FALA PERFUMADA, O NOSSO IDIOMA numa tradução romena.

DIA DE SÃO JOSÉ

- Quando olhei pro escalvado ao redor do alpendre e ao meu relembro veio o campestre lá de dentro, a essa altura totalmente ressequido, foi que dei fé que já fazia quase dois meses do dia 20 de São Sebastião, que Zé Malaquias disse que o ano era seco. Não é que Zé Malaquias disse, não se discute, não. Mas o tempo está ruim deveras...

O gado está na Charneca, de primeiro era uma tranquilidade, agora nem lá vai dar pra escapar, vai ver que já está carecendo de ir buscá-lo, deixar para aos depois é pior. Gado não tem perna pra andar vinte e tantas léguas, já estando fraco de mais de mês.

É ir ter com Bastião, lidador dos melhores, ele conhece bem a Charneca, os atalhos melhores por onde tanger o gado, Bastião é ver o pai dele, tem de herança o dom de lidar bem com os bichos.

Tenho na mente que sábado que vem vai ser o dia mais propício, saindo de lá no quebrar da barra, dá pra domingo de tardezinha estar por perto do Teú, é só botar o gado na vereda da Água Verde, está em casa. Sim, se não chover e chover bem, não tem escapatória, é ir pelejar e juntar o gado, são só quinhentas cabeças, me dou por satisfeito se findar o ano com trezentas, pelo menos.

É preciso que Bastião faça um adjunto dos bons, leve cabra lutador, vou até falar com compadre Zé Quandu pra ceder o caboclo Targino, Targino é bom de se lutar com ele, já mostrou isso na última ferra, tanto tem trato com os bichos, como, se for preciso, segura uma rês sozinho - cabra disposto, filho do finado Elias, que o compadre cria desde novinho.

* * *

Quarta feira, depois da sesta, o velho Terêncio, antes muito mais rico (em 1957 tinha dois Chevrolets que levavam gado pra Morada Nova, Russas, Quixadá...), hoje ainda não pobre, manda selar o Pintado e vai ter com o compadre Zé Quandu, vizinho de propriedade há mais de setenta anos, velho como ele, porém menos folgado, só que muito mais tranquilo, naquele seu banco de aroeira de onde, segundo alguns, há mais de dez anos não sai, a não ser para as necessidades fisiológicas, aí se incluindo, é claro, comer e dormir... Andada légua e meia, chega-se ao oitão da casa.

- Bom dia, compadre! Entonce, inda tem esperança de chover a tempo de remediar a situação? Saudou Terêncio a Zé Quandu, antes mesmo de descer do cavalo.

Bom dia e se apeie, compadre Terêncio. Esperança, não sei. . . Mas hoje de madrugada, aqui mesmo, estava aqui pitando sentado aqui no banco, daqui dei fé de uns riscos pras bandas do Apodi, sinal bom. . . Não é coisa de dizer que é certo, mas o compadre sabe melhor do que eu que São José é santo forte, não é não?

Era o dia quinze de março. Terêncio se apercebeu rapidamente que por coincidência ou não, sem o reparar, tinha escolhido o dia de São José para a chegada do gado da Charneca. Repare - pensou - não é que domingo que vem é dia de São José? Mas Terêncio não era supersticioso:

- Pois eu já estou pensando em tirar o gado da Charneca e tratar dele aqui, como puder. Você se lembra que tem trinta reses lá também, junto com as minhas?

- Me lembro... me lembro. Zé Quandu tirou o chapéu, ofereceu um cafezinho com a aceitação de Terêncio, chamou Maroca e lhe recomendou "sem açúcar pra mim".

- O compadre toma café agora é sem açúcar?

- Coisa de médico, compadre, coisa de médico...

Eram as quatro horas da tarde, um vento morno insultava os juazeiros de copa verde, há uns trinta metros do alpendre, mais de meia dúzia, até chegar ao córrego. Uns doze ou quinze garrotes esqueléticos subiam do açudeco quase seco, lá embaixo, no leito do córrego do Juá, caminhando lentos, de olhos parados.

- Compadre, o açude da Charneca é grande, água vai ter pra mais um ano. Mas eu imagino que não tem mais o que o gado roer. . . Diabo de situação! Aliás, compadre, eu vim lhe pedir um adjutório, ceder Targino por mor de auxiliar Bastião na tirada do gado... Bastião arranja mais uns três cabras, ele está metido nessa nação de boiadeiro faz é tempo, ele sabe quem escolher... Você não vai me dizer que não quer também tirar suas trinta cabeças, vai, compadre?

- Me acredite, disse Zé Quandu, tirando o rapé do corrimboque e logo dando duas fortes fungadas: compadre, esperança, não, mas como já disse, aqueles riscos estão assinalando que São José é benfazejo...

Terêncio tratou de apetrechar bem a vaqueirama, com Bastião de comandante e Targino de lugar-tenente. Eram cinco cabras montadores, afeitos à lida com gado brabo. Saíram bem fornidos de ração de carne assada enfiada na farinha, meia dúzia de rapaduras do tipo cariri e cada qual com uma borracha de água potável. Isso, sexta-feira, dia dezessete, logo aos despois do café da manhã, quer dizer, às seis.

Como previra Terêncio, o gado apontou na curva da estrada do Teú, eram quase cinco horas da tarde de domingo. Daquela tarde que

desde a hora do almoço começara a enegrecer, o gado levantando a cabeça para os ares, como tentando captar a água antes da queda, sentindo o cheiro que vinha das bandas do Apodi. A chuva caiu, a princípio com pingos grossos e esparsos, depois violenta e constante, fazendo a noite chegar mais depressa. Terêncio, apesar da trabalhadeira da retirada das reses, exultava. Tinha vindo ele, em pessoa, assistir à entrada do seu gado pela porteira dos fundos da manga de trás, a mais de três léguas de casa, e já pensava: “semana que vem mando voltar esse gado quase todo pra Charneca, é tempo da rama já ter brotado...”

Os rapazes gritavam, riam, faziam os cavalos arrodearem o gado, com pressa de chegarem, usufruir da chuva e suas alvíssaras, junto com a moçada, com as namoradas, com os amigos nos botequins. Era domingo e eles já vinham sôfregos de festejos.

- Não se perdeu nenhuma, “seu” Terêncio, foi logo dando conta Bastião, que se acercou do fazendeiro, fazendo uma saudação reverente, tirando o chapéu, em meio àquele aguaceiro que já começava a fazer correrem os pequenos córregos.

Entrada a última rês, o próprio Terêncio fechou a cancela, despachou a rapaziada, para acerto amanhã, hora do almoço, e pensou: “vou até à casa do compadre Zé Quandu, agradecer a ele, tanto por mor de me ter arranjado Targino, como também por aquele aviso “São José é santo forte, não é não?”

A casa de Zé Quandu ficava do outro lado das terras de Terêncio, mas não tinha importância; embora a noite já estivesse fechada, de qualquer jeito, pensava, vou ter de andar até minha casa, de lá até à casa de compadre Zé é só légua e meia... Botou o cavalo a caminho.

Conjecturava Terêncio o que diria ao compadre quando lá chegasse, isso devia ser daqui a umas duas horas. A chuva engrossou ainda mais. Puxou o relógio, que pertenceu ao avô, o coronel Terêncio Jovinião da Costa Ferreira, relógio de prata, sabia, sinal daqueles tempos de fartura. Não enxergou, estava totalmente escuro. Eram seis horas, já! É, não era tempo de ir incomodar o compadre, apesar da alegria que a todos fazia exultar. Mas - pensou - não deve já estar dormindo a esta hora, ou será? Terêncio ia bem acomodado à excelente sela de sua montaria, artesanato genuíno, das mãos de mestre Aldonso, e pensava:

- Zé Quandu, meu compadre, como foi que você adivinhou chuva desse jeito? . . . Taí, compadre, eu dou a mão à palmatória...

Tudo isso eram alegrias no coração de Terêncio, lembranças dos tempos da meninice juntos, com cavalos-de-pau e vacas-de-osso, fogosas e broas em noites-de-festa. . . Chegando em casa, mesmo com mulher, filhos e criados muito contentes, logo dormiu, após um banho rápido e

uma coalhada com cuscuz. Terêncio teve sonhos bons, com chuva e correria, meninos que eram, Zé Quandu e ele. Essas alegrias vieram com a chuva de São José, que durou até às cinco e meia da manhã de segunda-feira, cessada a qual, chegava Targino, aos prantos, voz cortada de soluços:

- “Seu” Terêncio, o Senhor me adesculpe, pelo incômodo, mas Pai José morreu ontem, Mãe Maroca disse que foi às seis, e me mandou que avisasse ao Senhor...

FORROBODÓ

Em casa de Zé de Margarida, a mais de treze léguas da cidade de Parapuã de Dentro, costuma haver festança. Baião, xote e xaxado são ainda os ritmos que sacodem as cabrochas no oitão da casa, no alpendre e sob uma ampla latada construída com palha de cuandu e costaneira, pela mão de Vicente de Zé Bento.

Indoutro dia, pra provar que o seu baile não era coisa de gente sem eira-nem-beira, Zé de Margarida convidou um sanfoneiro famoso de Salgueiro, que é terra de Geraldo Azevedo, também famoso cantor de disco, pra tocar durante seis horas seguidas no seu forró. Não me lembro do nome do danado do sanfoneiro; só sei que o bicho era bom de fole como o diabo!

Por causa disso, um amigo que conhece o lugar e teve notícia da função, ficou afuleimado porque não foi avisado. Aí, já combinou com o dono da casa pra repetir a dose, e ainda por cima, aumentada.

Tenho pra mim que esse forrobodó vai acontecer em meados de junho, ou então vão aproveitar e fazer logo uma noitada de São João daquelas que o cabra não esquece.

Esse amigo, pra você ter uma idéia, viça tanto com esse negócio de música sertaneja (e não caipira: hoje, os donos de gravadoras dizem ser a mesma coisa...) que comprou duas sanfonas: uma de oito baixos, que ele mesmo esfolia, e uma grande, assim da cor de burro quando apanha até ficar roxo, pra o cabra de Salgueiro tocar. E ficar com a bicha de presente.

Daqui pra lá, garante o amigo (pediu pra eu não dizer-lhe o nome) vai juntar tanta gente em volta desse forró, que tem certeza de que na redondeza, de Salgueiro a Bodocó, que nem diz o Gonzaga, vai se espalhar a notícia dessa função, que vai contar até com a apresentação de mamulengo, por conta de Chico de Agostim.

E Rosena, mulher de Chico de Agostim, na certa vai aproveitar pra vender suas broas, fogaças, além de bolo de milho com ovo de galinha pé-duro.

“Essa festança vai ser é mesmo no São João”, argumenta um santeiro de Milagres, “aí a rapaziada vai pelo menos ter mais coisa pra ver, porque olhe - diz ele - estou com uma safra grande de Santantonio, São João, São Pedro, Padim Çiço, da Viuge e até do Nosso Sinhô”.

E seu Quim: “Tenho na mente que vai ser o maior forrobodó de toda a história daquela ribeira. Não vai ser brinquedo não. É de vera”. Seu

Quim mora na capital, mas é outro que na hora de pegar uma cabrocha e se abufelar num xote, é com ele mesmo... Seu Quim está promovendo a festa também. Rapaz, o negócio é sério!

Tive notícia dela ontem e, sinceramente, já estou com vontade de ir também. Se der pra sair assim na parte da tarde, pra chegar com tempo de pegar o começo, acho que o jeito é ir.

Se eu for, conto depois como foi. Já fiquei sabendo que vai ser lançado um baião novo (o autor pede o anonimato) que tem um refrão assim:

*“F4, forró, forrobodó,
confunde os pés dessa pombinha,
no chão pisado ela é só minha,
balança as cadeiras que só...”*

Ora, se eu não vou... Égua de não.

P.S. Geraldo Azevedo é mesmo de Petrollina.

(DN, 12/06/88)

GITANO

Num fim de tarde, e também de feira, ao sul da praça Marquês de Herval, Zeca, rapazola fascinado pelas aventuras e pela elegância do cigano Josias Brilhante, disse a Nonato, moço trigueiro e preguiçoso, mas também sabedor e admirador das proezas do boêmio andarilho:

- Josias Brilhante está com um burro novo. Dizem que é um animal muito formoso...

- É mesmo, deveras? Será aquele acolá?

- É, lá está o burro de Josias; tenho na mente que é mais espivitado do que o que ele tinha antes.

- Seu Josias, bom dia! De onde o senhor trouxe este animal, seu Josias?

- Bons dias, Zeca mais Nonato! Esto aqui é animal formoso, bom todo, entonces eu no sei o que é montaria? veio do lote de Argemiro Mesquita, lá de Soure.

- Agora foi que dei fé que o bicho é o maior que apareceu por aqui... Arre égua!

- De primeiro, quando a gente queria perguntar por um animal bom, tinha que se ter com Mundim Sá, no era? mas depois que chegaram os cavalos raceados de Argemiro Mesquita, o negócio é outro... é comigo.

Naquele sábado, Josias Brilhante, cigano de fala, de costume, de trato e de muito talento, conseguiu deixar apalavrada a venda de nada menos que seis burros e três burras, para a gente do curtume e para aqueles dois judeus da loja de fazendas. Isso lhe propiciava uma boa renda, que costumava gastar com as mulheres da casa de Juana Peres, a caminha da Vila de Arronches.

Josias viajava amiúde para Aracaty, União, Monte-Mor Novo e até em São João do Príncipe já vendera bons animais aos Feitosas. Lembra-se ainda do entrevero que arranhou em Vila Nova d'El Rey, por mor de uma discussão com um tal Epifânio Mourão...

Entrou na bodega de Paulino Ferreira, tomou uns conhaques com limão e quando já era quase noitinha foi dar de beber a Zeloso - o seu novo burro - nas águas buliçosas do riacho Pajeú. Eram os idos de março, com muita chuva e alguma trovoadas.

Banhado e com roupa cheirando a lavada, o cigano botou sua montaria na estrada da Vila de Arronches.

Ia cantando:

*“Mi novia se llama Carmen,
su pelo es la noche mía...
por sua beso yo me parto,
quedo triste de alegría...
sus ojos son claros, claros,
que hacen de la noche el día...”*

Era 1824. Em agosto, deu-se que a República foi instalada no Ceará, por Tristão Gonçalves.

SEIS POEMAS DE REVERÊNCIA PROFUNDA

I - ALFA ÔMEGA

Liberto das labutas sazonais
(semente à hora zero do plantio),
sente a vida a fluir, como jamais
alguém a vida inteira já sentiu.

Força que se desprende e se refaz
no instante singular que se intuiu.
Tempo Uno, irreduzível, tempo mais.
Equinócio perene, flor no cio!

Comunhão celebrada em que se encerra
a palavra de Deus, flama total,
ó Verbo inaugural, última artéria!

Redentora energia, luz da terra,
fogueira azul, Amor Primordial
aquecendo o infinito da Matéria!

**II - VISITA INTERIORA TERRAE;
RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM**

Quantos procuram projetar seus céus
sobre espaços não mais que circundantes!
Não suspeitam que muito além dos seus
sonhos, já são mil sonhos. Longe, antes!

Sobre essa côdea, a constelados véus
piscam alheios astros, mais distantes.
E outras estrelas tremem noutros léus
brilhos de sóis mais luz, mais anelantes.

E, pois, retificando o teu regresso,
ao lume verdadeiro, ao tornassel,
em líquens, méis, o teu devir imerso;

o azul descobrirás, oculto sol,
primordial caminho no Universo
da volta ao eu profundo - VITRIOL.

III - OS TUMULTUOSOS CANTOS DO ROUXINOL

Lembrando trecho do poema místico
do persa Farid Uddin Attar, do Século XII,
"A Conferência dos Pássaros".

Às flores me precipito
mal o sol acende o dia.
Teço cantos de alegria
quando a cor dos campos fito.
Nada existe mais bonito
do que a manhã perfumada.
O orvalho da noite airada
alça-se às ramas cheirosas.
Das aves as mais formosas
juntam-se em ruidosos bandos
e em cantos rudes e brandos
crio um tumulto entre as rosas!

São de paixão esses cantos
que entôo pelas manhãs
às donzelas aldeãs
esquecidas de quebrantos.
E os meus cantares são tantos
quantos meus fundos desejos
pelas flores e seus beijos,
fragrâncias cariciosas.
Avezinhas buliçosas
saltam nos galhos vizinhos.
Embora ao redor de espinhos,
crio um tumulto entre as rosas!

IV - SONETO DE PERSONAGEM ENCARNADA

Ó mamulengo triste do Nordeste!
Galopando teu riso salteador,
fazes cinema no reboco agreste,
figura de arremedo e de impostor.

Acoitas um trejeito cafajeste
num palco de escandelo e de clamor.
Poeta doido, que mal se traveste
de alegria, a convite de mais dor.

Ó meu bizarro amigo de encarnado!
Vejo-te exílio, pranto em vez de dengo,
oculto povo, mudo e desterrado.

Vaqueiro nordestino, *lengo-tengo*...
Estrebucha o teu tempo decepado,
caçoa do meu choro, mamulengo!

V - SONETO DO VIOLINO EMUDECIDO

É um violino sob a noite clara. . .
sopra um vento discreto e mensageiro.
Melodia cigana se prepara
ao rito azul do gesto aventureiro.

A tépida canção sobe e se ampara
em notas cor do cravo e um doce cheiro
de flor ferida. O violino pára.
Rescende no jardim o jasmineiro.

Penetra o instante uma emoção que cresta,
arde no peito súbita fogueira.
A lua espia, por esguia fresta.

A mão do artista toca a companheira.
O violino o silêncio não contesta,
borboleta marrom, flor de madeira.

VI - SEGUNDO SONETO DO AVATAR

Revivi novos sonhos de inteireza
de ir ter às águas dos mananciais.
Refiz-me em nova e fluida correnteza,
malgrado as horas longas por demais.

A púrpura busquei da flor acesa,
crente num sim, ao termo do jamais.
A Rosa me conhece, com certeza.
O que me leva é o que também me traz.

As praias dos meus lábios tão vazias!
Mas as águas que inundam meu olhar
se fazem verbo, cântico, alegrias.

A palavra que irei pronunciar
há de trazer o despertar dos dias
que virão na visita do Avatar.

TRADUÇÕES DO ROMENO

Ainda menino, respondia com os meus irmãos às perguntas do meu pai sobre os países do mundo: suas capitais, em que continente se situavam, quais suas principais características...

Logo me chamou a atenção o nome da Romênia: estava claro que derivava de Roma... isso excitava a minha curiosidade infantil, pois não me passava pela cabeça pudesse lá ser falada uma língua irmã da nossa, a romena, continuadora do latim, que teve Roma como berço.

Anos mais tarde, no Colégio Diocesano de Limoeiro do Norte, cidade da região do baixo Jaguaribe (o rio tutelar do Ceará), aprendi quais eram as línguas derivadas do latim, e lá estava a língua romena. Praticamente, desde então comecei a me interessar pelas línguas românicas. Em primeiro lugar, a espanhola, com Neruda, Garcia Lorca e Borges; depois, a italiana, com Leopardi e até mesmo os sonetos de Petrarca e de Aretino! E aí vieram o catalão, o francês (evidentemente), o romanche, o sardo, o galego. Tornei-me o que os amigos costumam chamar de autodidata em línguas românicas. E então, pelos anos setenta, iniciei os meus contatos diretamente com a Romênia, primeiro com o Instituto de Linguística de Bucareste, depois com várias instituições culturais e, por fim, com muitas pessoas daquele distante país latino.

Os meus estudos da língua e da literatura romena terminaram por me dar o ensejo de formar uma apreciável biblioteca nessa língua, mercê dos vários amigos que lá fiz, onde por duas vezes estive, para cursos e congressos de tradutores e, principalmente, da solicitude do pessoal da Embaixada da Romênia em Brasília, inclusive Sua Excelência, o Embaixador, Dr. Marin Iliescu, que esteve aqui em Fortaleza, a convite da Universidade Federal do Ceará, para contatos com vistas à criação da Casa de Cultura Romena.

As primeiras traduções foram de poetas conhecidos sobejamente fora do país: Vasile Alecsandri, Mihai Eminescu, Tudor Arghezi. Do primeiro, traduzi a legendária balada MESTRE MANOLE e, do segundo, o imortal poema VÉSPER, hoje vertido a todas as principais línguas do mundo.

Ressalto o valor e a universalidade da cultura romena, que nos deu nomes como Brâncusi, na escultura, Enescu, na música, Mircea Eliade, na ensaística e o grande Eminescu na literatura, nome que a UNESCO consagrou, ao dedicar-lhe o ano de 1989, como ANO EMINESCU, no centenário de sua morte.

Reafirmo hoje minha profunda simpatia por aquele povo e aquele país, onde o temperamento latino desponta nos gestos das pessoas, na hospitalidade de sua gente, reafirmando sua participação no universo da latinidade, criativo, apaixonado e sempre em expansão, e justificando o seu nome, terra dos romanos, que homenageia à Cidade Eterna.

EMINESCU - HOMENAGEM

No próximo dia 15 de junho se cumprirão cem anos de morte do maior poeta romeno de todos os tempos: Mihai Eminescu, o poeta nacional romeno, um dos maiores líricos do mundo. A sua obra, vasta, profunda e representativa de uma época - o romantismo europeu - está traduzida em mais de trinta idiomas e comentada e estudada em todos os continentes.

Não obstante, é escasso, no Brasil, o conhecimento que se tem desse grande poeta, considerado, pela sua importância, comparável a Byron, Holderlin, Petofi, Victor Hugo e Leopardi, expoentes, em seus países, do gênio lírico.

Eminescu viveu apenas 39 anos (1850-1889), mas o seu gênio semeou versos tão densos de lirismo e tão impregnados da aspiração ao Belo, ao Absoluto, que em vários pontos do planeta é hoje lembrado, aplaudido e recitado.

Vale a pena transcrevermos aqui o que sobre Eminescu escreveu o grande crítico literário romeno Tudor Vianu, em suas "Palavras sobre Eminescu": "O amplo universo do mundo de Eminescu também compreende a vida anímica. Evocando o homem em suas reações fundamentais e decisivas, a poesia de Eminescu determina reações correspondentes na alma do seu leitor. Sua força turbadora provém também disso. Ler Eminescu foi um acontecimento capital para todas as gerações nascidas após a sua morte. Por intermédio de Eminescu o pensamento e a sensibilidade dos romenos experimentaram uma ampliação do horizonte do mundo, do pensar e do sentir que nos transformaram de maneira essencial. Sem ele, todos nós seríamos mais pobres. Eminescu é um viajante de longos caminhos. Cobriu as suas sandálias o pó dos séculos. Transportaram-no para a vida as forças há muito tempo obstruídas do povo romeno, libertas no século passado pelo despertar das classes inferiores da sociedade, até a consciência da liberdade social e nacional, mas que só em sua pessoa chegaram à sua grandiosa explosão. Contribuíram em sua formação a nossa antiga cultura, escrita e popular, que conheceu como poucos outros em sua época, e toda a cultura mundial, que assimilou profundamente. Está no cume. Não tem olhar melancólico. Tem olhar de águia e de demônio. Penetra até os arcanos da origem, até o infinito cósmico (...)

Permanente, pois, nosso aliado em todos os momentos em que o nosso povo, encetando novas lutas pela liberdade, por sua afirmação entre os demais povos livres do mundo, necessita conhecer quais são suas forças e seu valor, tais como o as evidencia uma de suas mentes mais geniais...”

Foram inúmeros os tradutores de Eminescu, principalmente para as línguas românicas, tais como o italiano, o espanhol, o francês; e mesmo para o português já houve quem o traduzisse. Damos aqui quatro poemas de sua autoria, por nós vertidos ao português:

(O Povo, 27/05/89)

SONOLENTOS PASSARINHOS

(Somnoroase Pasarele)

Sonolentos passarinhos
- que o seu ninho os acoite -
se escondem por entre os ramos
Boa Noite!

Somente as fontes suspiram,
o bosque em silêncio jaz;
no jardim, flores cochilam -
Dorme em Paz!

Desliza o cisne nas águas,
deita entre os juncos sem dono -
que os anjos façam mais doce
O Teu Sono!

A noite é toda magia
ao sair da mansa lua;
tudo é sonho e harmonia -
A Noite é Tua!

TENHO AINDA UM DESEJO...

(Mai am un singur dor...)

Ainda um desejo:
tarde a findar,
deixai que eu morra
à beira-mar.
Um sono calmo
no bosque ameno
vizinho às águas
e ao céu sereno.
Não quero tumba,
não quero flamas,
mas dai-me um leito
de tenras ramas.

Ninguém deplora
minha viagem,
mas traga o outono
voz à folhagem,
enquanto as fontes
caiam constantes
e brilhe a lua
nas altas frondes.
Bata o cincerro
ferindo o ar,
cubra-me a tília
com seu roçar.

Se o peregrino
detém sua andança,
paz e carinho
traz-lhe a lembrança.
Luzes que nascem
das sombras lindas,
sendo-me amigas,
serão bem-vindas.
E o mar gemendo
seu aspro canto...
E eu serei terra,
sozinho... e quanto!

QUE ALMA TRISTE...

(Ce suflet trist...)

Que alma triste me deram
os avós dos meus avós,
para caber todo nela
sentimento tão atroz?

Que alma triste e sem planos
e de que inerte argila,
que após tantos desenganos
debalde espera, intranquãila?

Como não sente o castigo
de seu eterno penar?
Ó mar, leva-me contigo!
Levai-me, ó ondas do mar!

(O Povo, 27.05.89)

À ESTRELA

(La steaua)

Até à estrela que reluz
há uma distância de trespasse;
correu milênios sua luz
para que enfim nos alcançasse.

Talvez há muito já se fora
no longe azul o extinto astro;
porém seus raios só agora
ao nosso olhar mostram seu rastro.

A aura da estrela que morreu
grimpando o céu se faz dar fé;
era, e ninguém a percebeu,
hoje que a vemos, já não é...

Nossa saudade se faz dor
e na abissal noite se finda.
Porém a luz do extinto amor
os nossos passos segue ainda.

MIHAI EMINESCU

A poesia de amor foi elemento básico em todos os movimentos românticos nacionais, no século XIX, na Europa e na América Latina. Caracterizou-se por uma aspiração ao Absoluto, a uma união com o Todo. Na obra de Mihai Eminescu (1850-1889), a lírica ocupa um lugar destacado e se reveste de um significado relevante.

Ao leitor desavisado poderão parecer algumas páginas isoladas do grande romântico romeno algo como uma tendência mórbida à lamentação do amor perdido ou uma inclinação lírica. A *história de amor*, na poesia de Eminescu, tem um sentido por demais vasto, total, filosófico, que expressa, na realidade, uma aventura espiritual única, que o coloca em posição elevadíssima entre os grandes poetas românticos do mundo. Por isso, não se pode sintetizar uma análise de sua obra integral, onde cada página é uma visão eloqüente do Eros. A linha ascendente da esperança ou a linha descendente da desilusão têm seu ponto essencial no encontro, na realização benéfica do amor.

A metamorfose de Eros em Tânthos é o que marca a direção descendente da lírica eminescuana. Vários poemas seus configuram o momento supremo da expectativa da realização amorosa e de uma impossibilidade ante a finitude e a fragilidade do humano tempo, dos humanos gestos; o tempo, quase sempre, tece inexoravelmente o desenlace.

Temos aqui um exemplo da lírica de Eminescu, o poema “O Lago”, traduzido do romeno pelo autor desta apreciação:

O LAGO

(Lacul)

No bosque o lago azulado,
teto de douradas flores,
embala o sonho de um barco
em alvíssimos tremores.

À sua margem, passeio,
e esperando-a, espreito;
vê-la surgir de entre as flores
e terna vir ao meu peito.

“Saltemos ao barco, então,
e que as ondas nos alentem,
e deixemos que seus remos
sejam ramos indolentes.

Naveguemos docemente
sob o clarão do luar;
suspire o vento nos juncos,
ponha-se a água a cantar...”

Mas ela não vem... Sozinho,
debalde sofro de amores,
à margem do lago azul
teto de douradas flores.

VASILE ALECSANDRI

A Romênia, antiga província imperial romana, a Dácia Félix, como era conhecida, em virtude da abundância de metais preciosos ali existentes foi, durante muitos séculos, desde a retirada das tropas romanas por Aureliano, no ano 273, esquecida dos seus irmãos latinos do Ocidente. Desde a conquista da Dácia por Trajano, no ano 105, que a população da província fôï profundamente romanizada, mercê do aporte de colonos e soldados, veteranos e agentes administrativos (até da Lusitânia foram enviadas tropas à Dácia!), oriundos de quase todas as partes do vasto império romano. Isso se traduz no idioma romeno, possivelmente ao lado do italiano, o que mais conserva a estrutura latina, não obstante os numerosos empréstimos lexicais de origem eslava.

A poesia romena, por se ter gerado de fonte eminentemente popular, veio a se tornar um elemento fundamental na conformação literária da língua, poesia marcadamente rural, que tem na *doina* a sua marca predominante. A *doina* é um poema (ou canção) profundamente melancólico, entoado com nostalgia pelos camponeses e pastores, possuídos pelo que chamam de *dor*, sentimento que o ilustre ensaísta português Antônio Sérgio traduziu como saudade, palavra derivada do latim *desiderium*. E por falar em saudade, vale dizer do quanto repercute em nós a lírica romena, nós, brasileiros nordestinos e bom conhecedores da saudade e da dor, em função das nossas próprias vicissitudes sócio-culturais e históricas.

Vasile Alecsandri (1820-1890) foi, certamente, o grande incentivador e divulgador da *doina*, ele mesmo tendo publicado o seu primeiro livro (*Doine si lacrimioare*), *Doinas e Prantos*, em 1853, composto dessa modalidade poética. Damos aqui um exemplo dessa composição lírica, em versos de redondilha maior e rimada, respeitada a forma original, em tradução nossa:

DUAS ESTRELAS

(DOINA)

- A ti levo e a mim conduzes
samente estrelas e luzes!
- E aquelas duas estrelas?
- Lágrimas, que muitas vezes
dos meus olhos se evolaram
e pelo céu se quedaram
qual se aninham os alvares
do orvalho por sobre as flores!...
Muitas lágrimas verti
pela terra em que nasci.
Muitas lágrimas de exílio
pela sorte do meu filho.
Lágrimas de sofrimento...
De doce contentamento
também pudera vertê-las:
- aquelas duas estrelas!

O autor destes versos está traduzido nas principais línguas do mundo e é considerado um dos maiores pesquisadores dos motivos populares romenos, com enorme influência na formação da língua literária.

(JD, 23.09.88)

OCTAVIAN GOGA

Segundo o depoimento de Ion Balan, crítico literário romeno, “Goga não foi somente o poeta vates de uma província, não exprimiu em sua escritura, como um cronista lírico qualquer, apenas os problemas transitórios de um momento histórico, mas surpreende, na reflexão do momento, toda a estrutura psíquica do povo do qual fazia parte. Concentrou nessa reflexão um prolongado passado histórico e talhou do ângulo do momento respectivo, com grande brilhantismo, um caminho para o futuro. Pela substância de sua poesia, pelas inovações prosódicas, pela sua poderosa personalidade criadora, Goga marcou em todos os planos um momento novo na evolução da poesia romena, na confluência da tradição com a inovação.”

Octavian Goga (1881-1938) é natural de uma pequena aldeia da Transilvânia, à época em que nasceu, sob a dominação húngara. Os seus poemas refletem um acendrado patriotismo, muitos deles voltados para a luta de libertação nacional. Goga foi um poeta participativo nos movimentos políticos de sua época, tendo chegado a ocupar cargos públicos de relevo, com os quais terminou por se decepcionar, conforme expressa em seu testamento.

A escritura poética de Octavian Goga reflete, em seus últimos poemas, uma evocação do tempo juvenil e uma tendência à reflexão filosófica, a par de um profundo e inspirado respeito pelos povos subalternos e explorados. Dessa última fase, damos, como exemplo, o poema abaixo, em tradução nossa, direta do romeno:

CANTA A MORTE
(Cânta Moartea)

Me queima uma luz ardente,
revivo o tempo vivido.
Não o quanto vem-me à mente,
quanto pudera ter sido!

Me canta a morte à janela
qual um ocaso em surdina.
Reconta-me a história aquela
e de sombras me ilumina.

Escuto-a na noite muda,
do abismo seu vulto cresce.
A vida se me transmuda,
o meu passado aparece.

A sua poesia, à parte de ser um hino à existência, transcendente mesmo à condição humana, oferece uma visão madura da experiência vivida.

Nas palavras do crítico Ion V. Serban, a poesia de Octavian Goga, “afirmada num destino histórico e sempre viva no horizonte do país, confirma-se em destino eterno”.

(JD, 14.10.88)

EXPRESSÃO E VIVÊNCIA DE OCTAVIAN GOGA

Quando nasceu o poeta romeno Octavian Goga (1881-1938), a Transilvânia (Ardeal), sua terra natal, estava sob o jugo do império austro-húngaro, situação que durou até 1915. Essa circunstância marcou indelevelmente a vida de Goga: a sua poesia está toda permeada do apelo à luta, da exortação ao patriotismo e da conclamação e enaltecimento dos valores regionais e nacionais. Mas, diga-se, Goga não é apenas um poeta regional romeno. Leiamos o que diz, a respeito do poeta, Ion D. Balan, nomeado crítico literário romeno: “Goga não foi apenas *o poeta vate* de uma província; não exprimiu em seus escritos apenas os problemas passageiros de um momento histórico (...). Pela substância de sua poesia, pelas inovações prosódicas, pela sua poderosa personalidade criadora, Goga marcou em todos os planos um momento novo na evolução da poesia romena, na confluência entre tradição e inovação”.

Temos aqui três poemas de Octavian Goga:

OCASO

(Apus)

Meu amor é sombra peregrina
em um tardio e triste ocaso;
que dolorida se ilumina
dos dias idos pelo espaço.

Formosa nômade, tão linda,
os olhos cheios de nascente,
contempla o raio que se finda
e se confunde no poente.

Olha-o e refaz o itinerário
e a noite cai sobre as janelas:
com o ébrio raio solitário,
sepulta mil histórias belas.

ESTÁS SOZINHA (Esti Singura)

Estás sozinha hoje, ó alma minha,
velha igreja aldeã em ruínas...
Sob o teu teto sagrado, enegrecido pelo tempo,
hoje nenhum caminhante se inclina.

Estás sozinha hoje...
As paredes envelheceram,
não há canção, o coral emudecido.
Os ícones se apagaram e não há ninguém
que venha beijar teu altar esquecido.

Pela penumbra chegam raras lembranças,
a morada perdida buscando rever ainda.
Flutuam silenciosas com suas asas,
como terríveis aves de rapina.

Conduzindo a morte, correm os ventos pelas veredas,
atormentando-te com seu galope pagão...
E tu imploras, debalde; um raio que seja,
que tua velha abóbada faça tombar ao chão!

PASSAVA UM HOMEM
(Trecea Un Om)

Junto à janela lá de casa,
longos caminhos por trilhar,
na noite branca e constelada
passava alguém com seu cantar.

Era um canto que nos diz
dos sofrimentos de mil anos,
um triste cântico infeliz
que só o conhecem os paisanos.

De onde é que o viajor
o trouxe à aldeia, para mim?
De que mistério veio a dor
desse cantar aflito assim?

Senti que a sua inquietação
por sobre os vales se reparte,
magoada e frágil confissão,
remorso que de longe parte.

Qual o cantar de antigamente,
num suspirar de nostalgia,
nesse momento o trouxe à mente,
pois também eu cantei um dia...

LUCIAN BLAGA

Sobre o poeta Lucian Blaga (1895-1961), que foi também professor de filosofia da Universidade de Cluj, na Transilvânia, e diplomata em várias capitais européias (Berna, Viena, Lisboa), leiamos o que disse um tradutor seu, o italiano Mariano Baffi: “Poeta verdadeiro, por isso sempre fiel a si mesmo, Lucian Blaga cria um universo artístico original. Intelectual de profunda cultura, semeia as suas vastas composições líricas num espaço verticalmente espiritualizado, como um outro grande artista romeno - Constantin Brancusi - faz em suas esculturas. O seu sistema de metáforas e alegorias cria um **unicum** na literatura romena, o universo-parábola (...) Há em toda a produção poética de Lucian Blaga a expressão de um panteísmo que, justamente como observa George Calinescu, assume formas virgilianas”.

Para Lucian Blaga o reino vegetal assume, em suas belíssimas composições, uma feição e uma característica de *anima*, de vida carnal.

Com o decorrer do tempo, Lucian Blaga vai transformando aos poucos esse virgilianismo em espiritualidade ortodoxa, passando os seus versos a serem penetrados pela nostalgia, pelo terror da morte; o que antes era agreste e pagão se vai tornando santificado. Pan é o paganismo, em Lucian Blaga, sumamente beatificado.

Traduzimos do magnífico poeta romeno o poema seguinte:

A CANÇÃO DA ORIGEM (Cântarea Obîrsiei)

Ao princípio, à mesma fonte,
água nenhuma retorna,
senão em forma de nuvem.

Ao princípio, à mesma fonte,
nenhum caminho retorna,
senão em forma de *dor*.

Caminho, água, nuvem, dor,
que serei, ao retornar
ao princípio, à mesma fonte?
Serei nuvem? ou serei dor?

Alta expressividade filosófica se contém neste pequeno e profundo poema. A sugestão, ou indagação filosófica da impossibilidade de retornar à origem sem que se haja operado uma mudança, quer no homem, quer na natureza, nos remete à imagem da água, que é caminho, e do caminho do homem sobre a terra, a sua vida. A água retorna em forma de nuvem. E o homem? Apenas em forma de desejo, de dor.

Na língua romena existe a palavra *dor*, mais com o sentido de nostalgia, saudade, conforme referimos no artigo II desta série. Achamos por bem, neste texto, conservá-la no original, uma vez que para o leitor brasileiro os significados de dor/saudade são perfeitamente semelhantes. Aqui se fundem, semioticamente, água/nuvem e caminho/homem/dor.

(JD, 07.10.88)

POESIA, INQUIETAÇÃO E METAFÍSICA

A poesia romena nasceu, por assim dizer, da voz do povo, das canções populares, da expressão mais primitiva, do sentimento ancestral da doina, a canção de dor (ou seja, de saudade, de desidério) entoada pelos pastores, aldeões e peregrinos. Uma poesia que se construiu de argila, vasta alma melancólica e telúrica.

Lucian Blaga (1895-1961) encarna essa expressividade transitada de melancolia somada a uma acurada indagação sobre as coisas do mundo. A sua expressão poética está carregada de profundo lirismo, mas de um lirismo agudo, perscrutador, inquietante: um verbo aceso contra as mutilações da alma, da pessoa humana em sua inteireza e harmonia com o mundo anímico, mineral, vegetal e, naturalmente, animal. A sua escritura poética se assenta sobre pilares filosóficos. É um interrogador intrigante e instigante. Damos aqui alguns textos de Lucian Blaga, em tradução nossa:

CARTA (Scrisoare)

Não te escreveria hoje
nenhuma destas linhas,
mas os galos cantaram três vezes na noite -
e foi preciso gritar:
Senhor, Senhor, a quem reneguei?

Estou mais velho do que tu, Mãe,
mas assim mesmo como me conheces;
um pouco curvado de ombros,
e inclinado sobre as perguntas do mundo.

Não sei ainda hoje por que me deste à luz.
Apenas para que eu caminhe entre as coisas
e lhes faça justiça, distinguindo
o que é mais verdadeiro e o que é mais belo?
A minha mão hesita: é muito pouco.
Por que me deste à luz, Mãe,
para quê?

Meu corpo cai aos teus pés
pesado como um pássaro morto!

CEMITÉRIO ROMANO (Cimitirul Roman)

Censurados têm sido os romanos
por alguns estudiosos dos tempos mais recentes
porque uma metafísica não teriam criado
como outras gloriosas estirpes,
mas apenas aquedutos, anfiteatros, foros, estradas,
a Cidade Eterna, castros e fortificações de fronteira.
Censurados têm sido os romanos
porque apenas teriam construído casas com átrios
que recebiam a luz do alto
e tinham um aviso sobre a fachada: *cave canem*.

Se te for dado chegar um dia a Roma
e adentrar seus subúrbios, amigo,
te perderes pela Via Ápia,
compreenderás então quão injusta é a balança
com que os homens e os povos avaliam
as virtudes de um e de outro, e o coração.
Pois verás uma Estrada,
que se prolonga avançando além da paisagem,
pedra com pedra harmonizadas,
uma estrada flanqueada, à esquerda e à direita
por sarcófagos, urnas funerárias, mausoléus,
conservando cinzas, ossadas albergando.

Assim concebiam os romanos a Estrada,
cada limite enfrentando
no grande domínio da vida,
avançando através da morte,
semeada em filas de ambas as partes.
Aqueles que à sombra dos ciprestes
nos sarcófagos dormem, ouvem o rumor
de escudos e de lanças, o marchar das coortes,
as rodas dos carros, o nitrido dos cavalos. Tudo isso,
tal como existiu, hoje não mais existe,
mas os mortos, os mais antigos mortos, escutam ainda,
pela estrada, o que soa sobre a a terra.

Assim imaginavam os romanos o cemitério:
uma estrada flanqueada por duas filas de silêncio.
Esta é a metafísica dos romanos: uma Estrada.
Uma estrada que avança através dos mortos, não dos vivos.

OCASO MARINHO (Asfintit Marin)

Se esvai no jogo de luzes
o salto crepuscular do delfim.

A onda apaga os nomes
escritos na areia, e os rastros.

O sol, lágrima do Senhor,
cai nos mares do sono.

O dia se extingue, e as notícias,
A sombra faz crescerem os sinais.

Ah, para quem existem os longos
tempos? Para quem os mastros?

Oh, a aventura, e as águas!
Coração, cerra as pálpebras.

TUDOR ARGHEZI

Mais do que qualquer outro escritor romeno da contemporaneidade, Tudor Arghezi é hoje o poeta que, desde Eminescu, ocupa com destaque a posição de importante poeta nacional. Arghezi começou a escrever em 1896, no suplemento literário da Liga Ortodoxa, sob o pseudônimo de Ion Theo. Seu nome verdadeiro era Ion Teodorescu.

Tudor Arghezi é considerado unanimemente pelos mais renomados críticos como brilhante poeta, em prosa e verso, romancista de mérito, polemista de talento, crítico de arte convincente e tradutor lúcido, com enorme influência na literatura romena moderna.

Além de revistas e jornais de sua época, Arghezi, após viagens à França e à Suíça, retorna à Romênia para colaborar com N.D. Cocea e C. Dobrogeanu-Gherea, na revista *A Vida Social*, que vinculava os influxos do movimento socialista internacional de então, ou seja, do período interbélico.

Arghezi inaugura na literatura romena o libelo como gênero literário. Passa a publicar textos contra as injustiças da ordem política e social, no vislumbre de uma liberdade que se realizará na ausência de qualquer egoísmo. Sobre a consistência dos seus escritos, leiamos o que diz o crítico romeno Tudor Vianu, em tradução de Salvatore Quasimodo, por nós adaptada:

“As suas tabuletas, publicadas no período de oposição, como no seu jornal “Bilhetes de Papagaio”, apareciam em duas séries. Arghezi chama as coisas com o seu verdadeiro nome e estende a função da linguagem além do convencionalismo literário. Aqueles que são alvo dos seus ataques lhe respondem com acusações furibundas, mas hipócritas. Era preferível ser um escritor justiceiro e amargo, que ofende a superficialidade dos costumes contemporâneos ou aquele que narra o anedotário frívolo e obsceno?”

Arghezi ingressa, inclusive, na sátira. A par disso, após a inauguração do regime socialista, o poeta encontra um equilíbrio e uma grandeza que lhe dão o ensejo de revelar as mais profundas aspirações do seu povo.

Escolhemos de Tudor Arghezi este poema que traduzimos e adaptamos ao português:

CANDURA
(Candoare)

É de doutrina cristã.
Reza em genuflexão.
Assíduo nas ladainhas
à Santa Virgem Maria.
Encomenda ações de graça.
Chora diante do altar-mor.
Sabe os preceitos de cor:
cumpre o jejum da quaresma,
conhece todos os hinos
da Bênção e do Pentecostes.
Une-se ao coral da Igreja
e entoia o Kyrie Eleison.
Poderá ser um abade,
a nada ou a ninguém inveja:
um Arquimandrita puro!
Crê no Senhor Jesus Cristo.
Interpreta as Escrituras
com voz trêmula e suspiros.
Inocente qual a rosa
dos paramentos brocados.

Já fez quatro arrombamentos,
tem nove furtos fichados.
E um pecado imperdoável:
um covarde assassinato.

Tudor Arghezi (1880-1967), teve em vida a honra e o prestígio de ver as suas obras completas traduzidas em várias línguas, acompanhadas sempre da mais elogiosa crítica.

(JD, 28.10.88)

TUDOR ARGHEZI: POESIA DE ABRANGÊNCIA

Este poeta romeno deu o seu testemunho de tudo: desde a flor pequena de um jardim obscuro até à dimensão e potencialidade da alma humana. Desde a aldeia pobre do camponês até às cintilações do Palácio da Ventura: Mas é importante lembrar que Tudor Arghezi (1880-1976) disse uma vez: “Tudo que conheço vem da terra”. Quer dizer, o poeta não desertou um só momento de sua origem humilde, no sentido de estar constantemente lembrando os que sofrem o jugo do poder, onde quer que se tenha ele instalado, de forma arbitrária e desumana. Começou a publicar seus versos já maduro, após um período de vida monástica, em que se acumularam as suas desconfianças clericais.

Sua poesia reflete uma forte e contundente negação do pré-estabelecido, avançando por paisagens que se revestem do satírico, do hilariante, do pungente e, sobretudo, do humano, dialeticamente interpenetrados e acompanhados de um doloroso lirismo. Deixou uma vasta obra e é considerado pelos críticos de renome, em todo o mundo, como o maior poeta romeno de todos os tempos, depois de Eminescu. Eis alguns poemas de Tudor Arghezi:

INSCRIÇÃO PARA UMA TAÇA (Inscriptie pe Un Pahar)

Cristal redondo sobre a sombra de veludo,
com o coração eternamente sereno,
me inventei nas águas azuladas,
congelado sob flocos nevados de luz.
E incessantemente, qual os brilhantes do orvalho,
parece que renasço em meu lugar virginal,
com uma cintilação mais nova no meu íntimo,
ainda que meu conteúdo seja pouco.
Porém não saberás por mim quantas torrentes
se filtraram tranqüilas, docemente.
E não perceber nos meus lábios resplandescentes
quantos lábios me sorveram, lábios quentes.
Eles estão aqui, no vazio, como forças,
quando procuram o meu frescor não provado.
E a tua boca, sorvendo-me estas novas gotas,
é beijada no vento, à sombra daquelas bocas.

CANÇÃO (Cântare)

Me defendi inutilmente e agora abandono a luta
à sombra da lua branca brandindo a lança rota.
Fiz de terra, fiz de água, barreiras entre nós,
mas somos, aqui e alhures, os vizinhos mais próximos.
Te encontro em todo atalho, sempre à minha espera,
minha incontida e muda companheira.
Me dás a água das fontes na palma da tua mão,
surgida de entre as pedras e dos tempos que vão.
Te desfazes da blusa e com os seios defronte
me indagas: “saciarás tua sede com eles ou na fonte?”
Procuras, com a boca na minha boca colada,
beber de uma vez a luz da neve irisada.
Com tudo confundida, qual sombra e pensamento,
nela te leva a luz e na terra és crescimento.
Em cada som se escuta o teu silêncio,
em vendavais, em preces, em passos e instrumentos.
O que sofro por ti é saudade, parece,
se és em tudo que nasce e em tudo que fenece,
se estás próxima a mim, e no entanto apartada,
eterna prometida, mas nunca esposa amada.

AFLIÇÕES (Mihhiri)

O frei Jacinto está triste
e o seu temor não lhe mente:
ladrão e briguento em nome de Cristo,
passa entre os frades, dissimuladamente.

Tem o corpo pálido de castigos
e com as regras está revoltado.
Jurando em cruz, ou de joelhos,
se sente um cadáver entre monstrenços.

Os santos, pintados nos corredores
em cores de aquarela sofredora,
tal é o costume dos conventos,
olham-no com ar de desprezo.

Sabem que enquanto os frades
se castigavam impiedosamente
em jejuns rigorosos, resinações
e sacrifícios na Semana Santa,
com ele, ontem à noite no aposento,
demorou-se uma boneca viva,
de seios túmidos e cintura delgada,
igual a uma viola florentina.

E Deus, que tudo sempre vê,
de manhãzinha, às cinco e meia,
resvalando-se por trás das cortinas,
lá do alto do céu a viu fugir...

(O Povo, 17.06.89)

MARIN SORESCU, POESIA DA CONTEMPORANEIDADE

Presença, contemporaneidade, exigência de reflexão por parte do leitor: eis o que nos revela e presenteia Marin Sorescu, poeta romeno a quem tive a honra de conhecer pessoalmente, por ocasião da realização dos Cursos de Verão da Universidade de Bucareste, em julho e agosto de 1989, onde estive a convite daquela Instituição.

Marin Sorescu aparentava cansaço físico: um homem afeito a muitos estudos, a muitas leituras; cabelos mal cuidados, uma quase timidez ao falar, mas uma indisfarçável personalidade, ciosa de si mesma e cônica do próprio valor. Foi o que senti ao ouvi-lo no auditório da Faculdade de Biologia da Universidade de Bucareste, no aprazível Jardim Botânico, onde se realizaram os cursos de língua e literatura romena.

Recebi de suas mãos seu último trabalho literário, intitulado *O Equador e os Polos* (Ecuatorul si Polii), editado em Timisoara, cidade onde vive, pela Editora Facla.

Dan Caragea, professor de língua portuguesa da Universidade de Bucareste, que se tornou nosso amigo e que é admirador incontestado de Chico Buarque, Cecília Meireles, e outros autores brasileiros contemporâneos, além de conhecedor da nossa literatura e fã do carnaval carioca, já me havia presenteado alguns dias antes uma breve antologia de Marin Sorescu, poemas “pré-traduzidos”, se podemos usar a expressão, mas, a pedido seu, a mim entregues para uma conformação posterior, a nível de versão ao português do Brasil, já que sua ligação com a nossa língua se dá mais estreitamente através da vertente lusitana.

Dentre os poemas, achei de escolher os textos a seguir, seguramente poesia de grande impacto:

A DOENÇA (Boala)

Doutor, sinto algo mortal
aqui na região do meu ser.
Doem-me todos os órgãos:
de dia dói-me o sol,
e à noite a lua e as estrelas.

Sinto uma pontada na nuvem do céu
em que até então nem tinha reparado
e acordo todas as manhãs
com uma sensação de inverno.

Em vão tomei toda a espécie
de medicamentos,
odiei e amei, aprendi a ler,
e até li alguns livros.
Falei com os homens e pensei;
fui bom e fui belo.

Mas tudo isso não teve nenhum efeito,
doutor.
E gastei com isso um montão de anos.
Penso que adoeci de morte
um dia,
quando nasci.

LANÇAMENTO (Lansarea)

Hoje uma vela de nuvem,
amanhã o mastro de um caminho,
construí sozinho um navio.

Quando ficou pronto, levei-o nas costas
e comecei a procurar-lhe um mar
que lhe conviesse.
Caminhei assim até que uma gaivota
morreu na proa
como uma garrafa de champanhe.

Então entrei no mar
até os tornozelos, até a cintura.
Pesava-me sempre mais o seu desejo
de ondas.

Quando já não me vi mais,
o navio começou de repente
a caminhar sozinho.

Oh, mesmo se me afundo
a cada passo,
sou sempre eu quem o carrega,
caminhando pelo fundo do mar, calado,
com as mãos erguidas
por cima da cabeça.

DUAS VEZES (De Doua Ori)

Olho todas as coisas
duas vezes:
uma para ficar alegre,
outra para ficar triste.

As árvores têm um alegre sorriso
na coroa de folhas
e uma grande lágrima
na raiz.
O sol é jovem
na ponta dos raios,
mas os seus raios
estão cravados na noite.

O mundo se fecha perfeitamente
entre estas duas cobertas,
onde amontoei todas as coisas
que amei
duas vezes.

BOLAS E ARCOS (Bile si Cercuri)

O malabarista de circo é meu pai.
Foi chamado urgente para a noite
e deixou-me ficar
no seu lugar.

Tudo o que vês à tua volta
são apenas bolas e arcos,
disse-me ele, tem sempre na mente:
bolas e arcos.

As árvores são arcos verdes,
é preciso fazê-los girar com a mão rapidamente,
para que não percam de uma vez
todas as folhas.

As nuvens são arcos azuis,
fá-los girar com a ponta-do-pé
e com um movimento do coração.
As mulheres também são arcos,
é preciso saber alterná-los
entre nuvens e fumaça.

Quanto às bolas,
toma cuidado: não percas a vermelha,

porque ficas às escuras,
e não lances longe demais a bola negra
à qual toda a nossa estirpe
está ligada por juramento.

O jogo é divertido,
domino como posso
o mundo de bolas e arcos.
Mas, olha, é muito tarde
e o malabarista pai não volta mais.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

- LEITE FILHO, Rogaciano - No Canto Tempestado do Poeta Luciano Maia - *O Povo*, Fortaleza-CE, 15.03.82.
- NEIVA, O Portugal - Canto Tempestado, Um Livro de Rara Comunicação, *Diário do Nordeste*, Fortaleza-CE, 14.06.82.
- BARREIRA, Luciano - O Jaguaribe de Luciano Maia - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 21.11.82.
- VIDAL, Márcia - O Canto Jaguaribano de Luciano Maia - *Diário do Nordeste*, Fortaleza-CE, 23.09.82.
- FREITAS, Nina - Resgatando a Poesia das Águas (Entrevista com o Autor), *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 14.11.82.
- PERFIL - Um Poeta do Jaguaribe, *O Povo*, Fortaleza-CE, 21.11.82.
- LIMA, Lauro de Oliveira - O Poeta e o Rio Intemporal - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 14.11.82.
- ARAÚJO, Raimundo - O Rio Jaguaribe de Luciano Maia - *A Voz dos Municípios Fluminenses*, 03.03.83.
- SOUZA, José Helder de - Jaguaribe, Um Emocionado Poema... - *Correio Braziliense*, Brasília-DF, 13.03.83.
- SPÍNOLA, Adriano - A Nova Literatura Cearense; O Grupo Siriará e o Realismo Mágico - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 14.07.85.
- MACEDO, Dimas - Luciano Maia e o seu Canto Tempestado, in *Leitura e Conjuntura*, Fortaleza-CE, Ed. Sec. Cultura e Desporto, 1984, p. 29/32.
- MACEDO, Dimas - Reflexões em Torno de Neruda - *O Povo*, Fortaleza-CE, 18.09.83.
- MACEDO, Dimas - Um Canto para Neruda, in *Ossos do Ofício*, Fortaleza-CE, Ed. Oficina, 1992, p. 20/22.
- SOUZA, José Helder de - Neruda, Lembrado Após 10 Anos - *Correio Braziliense*, Brasília-DF, 21.09.83.
- BARREIRA, Luciano - "Orelhas" para Um Louvor a Pablo - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 18.09.83.
- DIAS DA SILVA - Jaguaribe (Memória das Águas) - *O Povo*, Fortaleza-CE, 28.03.83.
- FISCHER, Almeida - *Do Áspero Ofício*, Ed. Rio de Janeiro, 1983, p. 110/111.
- SILVA, Domingos Carvalho da - Invenção e Produção - *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro-RJ, 19.03.83.
- MACEDO, Dimas - Literatura Cearense - *O Povo*, Fortaleza-CE, 24.02.85.

- ARAGÃO, Caetano Ximenes - Introdução à Poesia de Luciano Maia - *O Povo*, Fortaleza-CE, 13.07.86.
- AZEVEDO, Sânzio de - Luciano Maia e a Luz do Poema - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 28.12.86.
- MAURA, Antônio - Luciano Maia - *O Povo*, Fortaleza-CE, 20.05.84.
- FREITAS, Nina - Luciano Maia - Uma Poesia Social - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 12.08.84.
- PINTO, José Alcides - Seara & Ceará - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 10.08.86.
- LEITE FILHO, Rogaciano - Seara - Quando a Poesia Resgata a História - *O Povo*, Fortaleza-CE, 18.07.86.
- CARVALHO, Francisco - Um Poeta de Nacionalidade - *O Povo*, 02.09.84.
- LIMA, Regina - Luciano Maia - O Lado Humano e Poético do Estoril - *Diário do Nordeste*, Fortaleza-CE, 08.11.86.
- VIDAL, Márcia - Luciano Maia: Homenagem a Pablo Neruda - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 29.08.83.
- BARROSO, Antônio Girão - Seara: Toda Uma Poesia de Luciano Maia - *Tribuna do Ceará*, Fortaleza-CE, 23.08.86.
- LEITE FILHO, Rogaciano - Estoril - Livro que Marca o Início da Saudade - *O Povo*, Fortaleza-CE, 08.11.86.
- MATOS, Edísio G. de - A Seara que Vem do Ceará - *Correio Brasileiro*, Brasília-DF, 28.06.87.
- ANUÁRIO DO CEARÁ 84/85 - (Org. Dorian Sampaio), Fortaleza-CE, Copyright 1985 Stylus Comunicações Ltda., p. 26.
- d'ALGE, Carlos - O Território da Palavra - *O Povo*, Fortaleza-CE, 07.08.86.
- ARAGÃO, Caetano Ximenes - A Seara Poética de Luciano Maia - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 14.06.87.
- DICIONÁRIO DA LITERATURA CEARENSE (Org. Raimundo Girão) Fortaleza-CE, IOCE, 1987, p. 148.
- PAIVA, Flávio - A Viagem Com Gosto de Bólis - *O Povo*, Fortaleza-CE, 18.11.87.
- PY, Fernando - Literatura - *Jornal de Petrópolis*, RJ, 1987.
- RAMOS, Antônio de P. Franco - Nau Capitânia, do Poeta Luciano Maia - *Suplemento Cultural do D.O. do Piauí*, Teresina, 30.11.87.
- VIANA, Carlos Augusto - Luciano Maia, a Força da Terra na Poesia (Entrevista com o Autor) - *Diário do Nordeste*, Fortaleza-CE, 19.06.89.
- PINTO, José Alcides - Luciano Maia e Audifax no Tempo - *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 23.03.88.

- SPÍNOLA, Adriano - A Nova Literatura Cearense; O Grupo Siriará e o Realismo Mágico. *DN Cultura*, Fortaleza-CE, 14.07.85.
- CARVALHO, Francisco - A Vertigem da Síntese - *O Povo*, Fortaleza-CE, 07.10.89.
- BARROSO, Antônio Girão - O Estoril e o Livro (Sobre) de Luciano Maia - *O Povo*, 28.10.89.
- LIMA, Lauro de Oliveira - O Poeta e o Rio Seco - *O Povo*, Fortaleza, CE, 22.02.90.
- CARVALHO, Francisco - Um Poeta de Sete Vidas, in *Exercícios de Literatura*, Fortaleza-CE, Ed. UFC, Coleção Alagadiço Novo, 1990, p. 74/77.
- LIMA, Lúcio - Raízes Latinas- *O Povo*, Fortaleza-CE, 30.11.90.
- PREZENTE ROMÂNESTI (Presenças Romenas) - *România Literara*, Bucareste, Romênia, 19.10.89.
- d'ALGE, Carlos - O Percurso Poético de Luciano Maia, in *O Território da Palavra*, Fortaleza-Ce., Ed. UFC, Coleção Alagadiço Novo, 1990, p. 143-161.
- CRETU, Ion - Luciano Maia - *Azi*, Bucareste, Romênia, 11.09.90.
- TUCHILA, Costin - Traducatori de Literatura Româna - *Universul Cartii*, Bucareste, Romênia, março 1991.

DO AUTOR

- Um Canto Tempestado, 1982
- Jaguaribe (Memória das Águas), 1982
- Neruda - Canto Memorial, 1983
- Sol de Espanto, 1984
- Seara, 1986
- Estoril, 1986
- Nau Capitânia, 1987
- Jaguaribe (Memória das Águas) 2ª Ed., 1988
- Os Quatro Naipes, 1989
- Adjutório, 1989
- Almanaque Neolatino, 1990
- Doze Contos de Réis (inédito)
- Deveras (inédito)

TRADUÇÕES

- Vésper, de Mihai Eminescu, 1989
- Mestre Manole, de Vasil Alecsandri, 1989.

ÍNDICE

Aos Subúrbios do Mundo	9
Lamento de Praia Formosa	11
Rosa e o Pescador	13
Vento	14
Travessia	15
Soneto do Nauta Que Navega em Companhia da Lua, Carente de Bela Namorada	16
Responde o Pescador às Perguntas da Praia	17
Serenata da Praia	18
Outra Serenata	19
Rosa e a Paixão Desunida	20
Julinha	21
Canção Lembrada do Vento	22
Insiste a Paixão na Maduridade	23
Um Moço de São Bernardo das Russas Veio em 1911 para a Forta- leza. Depois de Conhecer e Amar uma Clara Morena Praiana, Re- tornou ao Rio, Onde se Finou Afogado	24
“Aos Quarenta Anos...”	25
Schoonenborch	26
Ronda Intemporal	27
O Canto Encantatório da Carimbamba	32
Soneto da Estirpe	33
Sol de Espavento IV	34
Sol de Espavento V	35
Sol de Espavento VI	36
História de Catavento	37
Às Três da Madrugada	39
Poema de Um Olhar Nobre	41
Retrato, Apelo à Vida	42
Soneto em Preto e Branco	43
Dilúvio em Santa Rosa	44
Adjunto	47
Lições de Travessa	48
Suzdal, Menos Dois	49
Suzdal, Menos Dois II	50
Impressões de Tiblissi	52
Um Caravançarai	53
O Volga, a Primavera	54
Gardel, Para Sempre	56
Casa e Cidadania	58

Do Sapé Para o Brasil	60
O Galo da Gentilândia	61
O Galo da Gentilândia (II)	63
Relembros de Ponta D'Areia	64
Alcântara	65
Clara de Assis	67
Os Oitis do Bulevar	68
Os Miguéis	69
Santa Rosa, Tristão e a Memória das Águas	70
Cataventos de Parapuã	73
Avenida Dezoito	75
Aquela Cidade, Aquela	77
A Estirpe dos Favelados	79
Lus Cris * Lua Cheia	81
O Evangelista Saramago	82
“Lhindo ou Paidégua”	84
Padaria Espiritual	85
Jacyrendy, o Luar	87
Notícia da Língua Romanche	89
Sobre Dor e Saudade	91
Ainda a Saudade	93
Módulo Nordeste	95
Romênia: Uma Interrogação e Uma Esperança	97
Poesia de Reflexos	101
Alguns dos Brasis de Agora	103
Centro da Cidade	106
Ao Tempo de Trobar Clus	107
Pequena Crônica da Espreita	110
A Sorte de Azaléa	111
Buenos Aires	113
O Enigma da Ilha Carmínia	115
Dia de São José	117
Forrobozó	121
Gitano	123
Seis Poemas de Reverência Profunda	125
Traduções do Romeno	131
Eminescu - Homenagem	133
Sonolentos Passarinhos	135
Tenho Ainda Um Desejo	136
Que Alma Triste	137
À Estrela	138
Mihai Eminescu	139
O Lago	140
Vasile Alecsandri	141
Duas Estrelas	142

Octavian Goga	143
Expressão e Vivência de Octavian Goga	145
Lucian Blaga	148
Poesia, Inquietação e Metafísica	150
Tudor Arghezi	153
Tudor Arghezi: Poesia de Abrangência	155
Marin Sorescu, Poesia da Contemporaneidade	158
Bibliografia Sobre o Autor	162

COLOFÃO

Este livro, escrito entre Fortaleza, Rio de Janeiro, Limoeiro do Norte, Tbilissi, Baku, Paris, Paracuru, Lisboa, Madrid, Barcelona, Porto, Saragoça, Volgogrado, Leningrado (não reconheço S. Petersburgo!), Amsterdam, São Luis do Maranhão, Roma, Bucareste, Teresina, Parnaíba, Genebra, Tanguá, Zurique, Cluj, Tirana, Brasov, Helsinque, Recife, Crato, Suzdal, Barbalha, Constança, Juazeiro do Padim Ciço, S. Bernardo das Éguas Ruças, São Paulo, Jaguaribe, Alto Santo, Morada Nova, Vladimir, Sibiu, Tirgoviste, Sintra, Moscou, Aracati, Mossoró, Florença, Pacajus, Milão, Horizonte, Tabuleiro do Norte, Marselha, Frankfurt, Guaramiranga, Budapeste, Varsóvia, Missão Velha, Gotemburgo, São Gonçalo do Amarante, Belo Horizonte, Belgrado, Pisa, Brasília, Taguatinga, Baturité, Pacatuba, Maracanaú, Icó, Coimbra, Sighisoara, Montevidéo e muitas outras aqui não lembradas, homenageia a PRAIA FORMOSA. Foi composto e impresso na Expressão Gráfica Editora, para uma edição da Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, durante a presidência de Cláudio Pereira, começados os trabalhos em fins de janeiro e concluídos em junho de 1992.

L. M.

